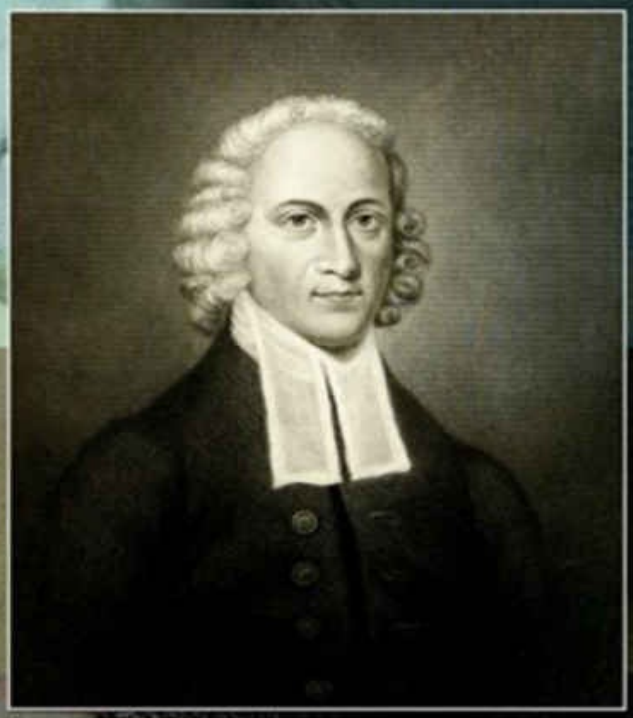
Incluindo o sermão
"Pecadores nas mãos de um Deus irado".



Sermões de

Jonathan Edwards

Jonathan Edwards

SERMÕES DE JONATHAN EDWARDS

Incluindo o sermão “Pecadores nas mãos de um Deus irado”.

Direitos autorais do texto © 2014 Tiago Cunha
Todos os direitos reservados

Tradução e Revisão
Tiago Cunha

Capa
Dorisvan Cunha

Sumário

JONATHAN EDWARDS: POR QUE LÊ-LO?

DEUS GLORIFICADO NA DEPENDÊNCIA DO HOMEM

Aplicação

PECADORES NAS MÃOS DE UM DEUS IRADO

DEUS, A MELHOR PORÇÃO DO CRISTÃO

A MUDANÇA E PERPETUIDADE DO SABBATH

A PERPETUIDADE DO 4º MANDAMENTO

A MUDANÇA E PERPETUIDADE DO SABBATH

POR QUE O DIA FOI MUDADO?

A MUDANÇA E PERPETUIDADE DO SABBATH

COMO E POR QUE GUARDAR O DIA DO SENHOR

A TOLICE DE OLHAR PARA TRÁS AO FUGIR DE SODOMA – SERMÃO 1

A TOLICE DE OLHAR PARA TRÁS AO FUGIR DE SODOMA – SERMÃO 2

A PORÇÃO DOS ÍMPIOS

A EXCELÊNCIA DE CRISTO

JONATHAN EDWARDS: POR QUE LÊ-LO?

Por Owen Strachan[1]

Os escritos de Jonathan Edwards preenchem vinte e cinco impressionantes volumes nas Yale Works. O Jonathan Edwards Center na Universidade Yale, um facho de luz não filtrada na academe americana, tem planos de se disseminar ainda mais online. Você entendeu, ou seus olhos passaram por cima? 25 volumes! E não são enfadonhos ou tortuosos. Se apenas abri-los e começar a ler, se encontrará face a face com o maior pregador, teólogo, filósofo e místico norte-americano.

Por que ler Jonathan Edwards? Permita-me rapidamente tentar capturar a essência do que faz Edwards ser tão, bem, grande.

Primeiro, o pastor de Northampton foi um pensador de tirar o fôlego. Não quero dizer com isso que tenha sido "calorosamente extratextual", como poderia soar (embora ele de fato amasse a criatividade). Quero dizer que Edwards era capaz de capturar o ensino bíblico em toda a sua glória, nuance e profundidade. O seu herói de cinema é fantástico em uma tela normal, mas quando você assiste a ele no IMAX[2], é completamente diferente. Assim acontece com Edwards e sua obra. A mente e imaginação bíblicas têm vida e respiram. A Bíblia parece viva e ativa nas mãos de Edwards. É claro, como o historiador George Marsden apontou, Edwards se tornou um excelente escritor durante o curso de sua vida, e lê-lo é ler um artista maravilhosamente dotado, que é agradável em qualquer campo.

Segundo, Edwards consistentemente enfatizava o poder de Deus em Cristo. É interessante que isso não seja o mesmo que dizer que ele consistentemente dava o tipo de sumário bíblico-teológico da redenção agora comum na pregação evangélica. Jesus, contudo, era o ideal, o ápice e a chave da Escritura. Mas não apenas da Escritura – de toda a natureza. Quando você lê por inteiro as Miscelâneas de Edwards, descobrirá que ele encontrou Cristo nas mariposas. Segura essa.

Terceiro, é positivamente de tirar o fôlego como Edwards é capaz de viajar rapidamente, especialmente em seus sermões, dos mais distantes lugares do cosmos teológico para o dia-a-dia da vida do cristão que luta contra o pecado. A seção de aplicação dos sermões desse pastor são regularmente notáveis. Não são nem de longe puras aplicações, mas ao contrário, são o que você poderia chamar de espiritualidade teológica, ou aplicação fortemente teológica. Aviso: você pode ler estes sermões e chorar, tão rica é a dieta da pregação de Edwards comparada a muitos púlpitos modernos.

Permita-me um rápido atalho: se você ainda não leu os sermões de Jonathan Edwards, está perdendo muita coisa. Muitas pessoas jamais lerão Edwards; algumas lerão "Pecadores nas mãos de um Deus irado"; um grupo seleto lerá algumas de suas maiores obras (talvez o nocauteante *Diário de*

David Brainerd ou o habilmente edificante *Afeições Religiosas*); uma ínfima minoria lerá alguns de seus sermões, provavelmente por uma feliz coincidência – vagando por uma biblioteca, tirando um livro da estante, e por aí vai.

Permita-me encorajá-lo, querido leitor, se você quiser ir fundo na espiritualidade guiada pela teologia, leia os sermões de Jonathan Edwards. Há muitas, inúmeras joias escondidas. Você pode ler uma página por dia no intervalo do almoço e ser feliz pelo resto da vida.

Devo creditar a John Piper com uma forma deste programa de leitura. Ouvi Piper detalhá-la na Copernican "Henry Lecture"[3] enquanto era um interno na Capitol Hill Baptist Church em Washington, D. C. (durante meu internato Mark Dever repregou na íntegra o "Pecadores").

Piper falou de como leu para sua esposa, Noel, uma página dos escritos filosóficos de Edwards um dia, enquanto era um estudante no doutorado. Imediatamente comecei um plano de leitura de uma página por dia. Comecei com "A excelência de Cristo," um sermão tão verdadeiro quanto eloquente.

Espero que isso possa servir para estimular o interesse de leitores ávidos por material bíblico de qualidade. No futuro irei sugerir quatro grandes parágrafos dos escritos de Edwards[4].

DEUS GLORIFICADO NA DEPENDÊNCIA DO HOMEM[5]

"*A fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus. Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual se nos tornou, da parte de Deus, sabedoria, e justiça e santificação, e redenção, para que, como está escrito: 'Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor'.*" (1 Coríntios 1:29-31)

Os cristãos a quem o apóstolo direciona esta epístola habitavam em uma parte do mundo onde a sabedoria humana era grandemente reputada. Como o apóstolo observa, no versículo 22 deste capítulo: "Os gregos buscam sabedoria." Corinto não ficava distante de Atenas, que havia sido, por muitos séculos, o mais famoso centro de filosofia e erudição no mundo. E, por esse motivo, o apóstolo lhes observa como Deus, pelo evangelho, destruiu e reduziu a nada a sabedoria deles. Os gregos eruditos e seus grandes filósofos, com toda a sua sabedoria, não conheceram a Deus, nem foram capazes de descobrir a verdade nas coisas divinas. Mas, após se esforçarem ao máximo, em vão, aprouve a Deus, por fim, revelar-se pelo evangelho, o qual reputavam como tolice. Ele "escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes; e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são." E o apóstolo os informa na nossa passagem por que Deus assim o faz: "A fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus." Nessas palavras, pode ser observado:

1. O que Deus almeja na maneira como dispõe as coisas na matéria da redenção, a saber, que o homem não deva se gloriar em ninguém, senão nele (1 Co 1:29,31): "A fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus, para que, como está escrito: 'Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor'."

2. Como este propósito é alcançado na obra da redenção, a saber, por aquela absoluta e imediata dependência que os homens têm de Deus, nessa obra, para todos os seus benefícios. Uma vez que:

Primeiro, todo o bem que possuem é em e através de Cristo. Ele *se tornou para nós sabedoria, justiça, santificação e redenção* (1 Co 1:30). Todo o bem da criatura caída e redimida está contido nestas quatro coisas, e não pode ser mais bem distribuído a não ser nelas. Cristo, porém, nos é cada uma delas, e não as possuímos de outra maneira senão nele. *Ele se tornou para nós sabedoria de Deus*: nele está todo bem e a verdadeira excelência do entendimento. A sabedoria era algo admirado pelos gregos; mas Cristo é a verdadeira luz do mundo. É somente através dele que a verdadeira sabedoria é comunicada à mente. É em e por Cristo que temos a *justiça*: é por estar nele que somos justificados, temos os pecados perdoados, e somos recebidos como justos no favor

de Deus. É por Cristo que temos a *santificação*: temos nele verdadeira excelência de coração, bem como de entendimento; e Ele é feito em nós justiça inerente bem como imputada. É por Cristo que temos a *redenção*, ou a verdadeira libertação de toda miséria, e a concessão de toda felicidade e glória. Assim, temos todo nosso bem por Cristo, que é Deus.

Em *segundo lugar*, outro exemplo em que nossa dependência de Deus para todo nosso bem se evidencia é nisto: foi Ele que nos deu Cristo, para que, através dele, tivéssemos estes benefícios: "*se nos tornou,* da parte de Deus, *sabedoria, e justiça,*" etc.

Em *terceiro lugar*, é por Ele que estamos em Cristo Jesus, e viemos a ter interesse nele, e assim recebemos aquelas bênçãos que se tornou para nós. É Deus quem nos dá a fé pela qual nos firmamos em Cristo.

De modo que, neste versículo, está demonstrada nossa dependência de cada pessoa da Trindade para todo nosso bem. Somos dependentes de Cristo, o Filho de Deus, já que ele é nossa sabedoria, justiça, santificação e redenção. Somos dependentes do Pai, que nos deu Cristo, e o tornou essas coisas para nós. Somos dependentes do Espírito Santo, pois é *por Ele que estamos em Cristo Jesus*; é o Espírito de Deus que nos dá a fé nele, pela qual o recebemos e nos aproximamos dele.

Doutrina

Deus é glorificado na obra da redenção pelo fato de que nela se evidencia uma dependência completamente absoluta e total do redimido nele.

Aqui me proponho a mostrar, *primeiro*, que há uma absoluta e total dependência do redimido em Deus para todo o seu bem. E, *segundo*, que Deus é dessa maneira exaltado e glorificado na obra da redenção.

A absoluta e total dependência do redimido em Deus

I. Há uma absoluta e total dependência do redimido em Deus.

A natureza e disposição de nossa redenção é tal que os redimidos são em tudo direta, imediata e inteiramente dependentes de Deus: são dependentes dele para tudo, e o são em todos os aspectos.

As diversas formas em que a dependência de um ser em relação a outro, para o seu bem, e em que o redimido de Jesus Cristo depende de Deus para todo seu bem, são as seguintes: têm todo seu bem por ele, e têm tudo através dele, e têm tudo nele. Ele é a *causa* e origem de onde todo bem procede: logo, *procede* dele; Ele é o meio pelo qual é esse bem é obtido e comunicado; assim, têm tudo *através* dele; e ele é o *próprio bem*, dado e concedido; portanto, é *nele*. Ora, todos os que são redimidos por Jesus Cristo, nesses aspectos, dependem muito direta e inteiramente de Deus para tudo.

Primeiramente, o redimido tem todo o seu bem *procedente* de Deus. Ele é o seu grande *autor*. É sua causa *primeira*, e não apenas isto, mas é a *única* causa própria. É por Deus que temos nosso Redentor. Foi Ele que nos forneceu um Salvador. Jesus Cristo é não apenas de Deus em sua pessoa, como o seu Filho Unigênito, mas ele procede de Deus, no que nos diz respeito, e em Seu ofício de Mediador. Ele é o dom de Deus para nós: Deus o escolheu e ungiu, apontou-lhe sua obra, e o enviou ao mundo. E assim como é Deus quem *dá*, também é Deus quem *aceita* o Salvador. Ele dá o adquiridor e fornece a coisa a ser adquirida.

É por Deus que Cristo se torna nosso, que somos aproximados e unidos a Ele. É de Deus que recebemos a fé para nos aproximarmos dele, para que possamos ter interesse nele. Ef 2:8: "Porque pela graça sois salvos, mediante a fé, e isto não vem de vós, é dom de Deus." É de Deus que verdadeiramente recebemos todos os benefícios que Cristo adquiriu. É Deus que perdoa e justifica, e liberta do inferno; e em seu favor os redimidos são recebidos, quando justificados. Portanto, é Deus que liberta do domínio do pecado, nos limpa de nossas imundícies, e nos tira de nosso estado de deformidade. É de Deus que os redimidos recebem toda sua verdadeira excelência, virtude e santidade, e isso de duas maneiras, isto é, uma vez que o Espírito Santo, pelo qual estas coisas são imediatamente realizadas, é de Deus, procede dEle, e é enviado por Ele; e também como o Espírito Santo é ele mesmo Deus, por cuja operação e habitação interior as coisas divinas, uma santa disposição e toda graça, são conferidas e sustentadas. E, embora sejam feitos usos de meios ao conferir a graça às almas dos homens, ainda assim é de Deus que temos esses meios de graça, e é Ele quem os torna eficazes. É de Deus que temos as Santas Escrituras; elas são a sua Palavra. É de Deus que temos as ordenanças, e sua eficácia depende da influência imediata do seu Espírito. Os ministros do evangelho são enviados de Deus, e toda sua suficiência procede dele. 2 Co 4:7: "Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós." Seu sucesso depende inteira e absolutamente da benção e influência imediata de Deus.

1. Tudo que o redimido possui provém da *graça* de Deus. Foi por mera graça que Deus nos deu seu Filho unigênito. A graça é maior em proporção à excelência do que é dado. A dádiva foi infinitamente preciosa, porque consistiu em uma pessoa infinitamente digna, de glória infinita; e também porque foi de alguém infinitamente próximo e querido de Deus. A graça é grande em proporção ao benefício que nos é concedido nela. O benefício é, sem dúvida, infinito, uma vez que nele somos libertos de uma miséria infinita, pois é eterna, e também recebemos alegria e glória eternas. A graça em conceder este dom é grande em proporção ao nosso desmerecimento pelo que é dado; ao invés de merecer tal dádiva, merecíamos eterno sofrimento das mãos de Deus. A graça é grande de acordo com a maneira do dar, ou em proporção à humilhação e preço do método e meios pelos quais um caminho é construído para termos o dom. Ele o deu para habitar entre nós; para se encarnar, em nossa natureza; e à nossa semelhança, embora sem as enfermidades do pecado. Ele nos foi dado em um estado humilde e aflito; e não apenas isso, mas como morto, para que fosse uma festa

para nossas almas.

A graça de Deus ao dar este dom é livre. Deus não tinha obrigação de o conceder. Ele poderia ter rejeitado os homens caídos, como fizera com os anjos que pecaram. Nunca fizemos qualquer coisa para o merecer; foi dado enquanto ainda éramos inimigos, e antes que houvéssemos nos arrependido. Procedeu do amor de Deus, que não viu em nós excelência alguma para atraí-lo; e foi sem expectativa de jamais receber algo em troca por isso. É por mera graça que os benefícios de Cristo são aplicados a tais e tais pessoas em particular. Aqueles que são chamados e santificados devem atribuí-lo somente ao beneplácito da bondade de Deus, pela qual são destacados [dos demais]. Ele é soberano, e tem misericórdia de quem tem misericórdia.

O homem tem agora uma dependência ainda maior da graça de Deus do que tinha antes da queda. Ele depende da livre benevolência de Deus para muito mais do que então. Naquela época, dependia da bondade de Deus em conferir a recompensa da obediência perfeita, pois Deus não estava obrigado a prometer e conceder essa recompensa. Mas agora, somos dependentes da graça de Deus para muito mais; necessitamos dela não apenas para nos conceder a glória, mas para nos libertar do inferno e da ira eterna. No primeiro pacto, dependíamos da bondade de Deus para nos dar a recompensa da justiça; e isso ainda acontece hoje. Mas, precisamos da livre e soberana graça de Deus para nos dar aquela justiça, perdoar nossos pecados, e nos livrar da culpa e do seu desfavor infinito.

E como somos mais dependentes da benevolência de Deus agora do que no primeiro pacto, assim somos dependentes de uma benevolência muito maior, mais livre e maravilhosa. Somos agora dependentes da boa vontade arbitrária e soberana de Deus. Éramos, no nosso primeiro estado, dependentes de Deus para a nossa santidade. Tínhamos nossa justiça original a partir dele; mas, então, a santidade não era concedida desse modo soberano e desobrigado como o é agora. O homem foi criado santo, pois aprouve a Deus criar santas todas as suas criaturas racionais. Seria uma depreciação da santidade da natureza de Deus se houvesse feito uma criatura inteligente impura. Mas agora, quando o homem caído é santificado, é por mera e livre graça; Deus pode negar para sempre a santidade às criaturas caídas, se isto lhe agradar, sem qualquer prejuízo de nenhuma de suas perfeições.

E somos, na verdade, não apenas mais dependentes da graça de Deus, mas nossa dependência é muito mais óbvia, porque nossa própria insuficiência e desamparo são muito mais evidentes em nosso estado caído e afundado, do que era antes que fôssemos pecadores ou miseráveis. Somos mais claramente dependentes de Deus para a santidade, porque somos primeiramente pecadores, e inteiramente poluídos, e depois santos. Assim a produção do efeito é sensível, e sua procedência de Deus é mais óbvia. Se o homem fosse sempre santo, e se se preservasse nesse estado, não seria tão evidente que ele não tinha santidade necessariamente, como uma qualificação inseparável da

natureza humana. Assim, somos mais claramente dependentes da livre graça, pelo favor de Deus, pois somos primeiramente os objetos de seu desfavor, e depois somos recebidos no seu favor. Somos mais claramente dependentes dele para a nossa felicidade, sendo primeiramente miseráveis, depois felizes. É mais claramente livre e sem méritos em nós, porque, na verdade, estamos desprovidos de qualquer tipo de excelência ou mérito, se é que existe tal coisa como mérito na excelência de criaturas. E somos não apenas desprovidos de qualquer verdadeira excelência, mas cheios e completamente corrompidos com aquilo que é infinitamente odioso. Todo nosso bem procede mais claramente de Deus, porque estamos primeiramente nus e completamente desprovidos de quaisquer benefícios, para, posteriormente, sermos enriquecidos com todo bem.

2. Recebemos tudo pelo *poder* de Deus. A redenção humana é frequentemente descrita como uma obra de maravilhoso poder, assim como de graça. O grande poder de Deus se evidencia ao trazer um pecador de seu estado rebaixado, das profundezas do pecado e da miséria, a um exaltado estado de santidade e felicidade. Ef 1:19: “e qual a suprema grandeza do seu poder para com os que cremos, segundo a eficácia da força do seu poder.”

Somos dependentes do poder de Deus em cada passo de nossa redenção. Dependemos do Seu poder para nos converter, e nos dar a fé em Jesus Cristo, e a nova natureza. É uma obra de criação: “Se alguém está em Cristo, é nova criatura.” 2 Co 5:17. “Criados em Cristo Jesus.” Ef 2:10. A criatura caída não pode alcançar a verdadeira santidade, a não ser que seja recriada. Ef 4:24: “E vos revistais do novo homem, criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade.” É uma ressurreição dos mortos, Cl 2:12,13: “No qual igualmente fostes ressuscitados mediante a fé no poder de Deus que o ressuscitou dentre os mortos.” Sim, é uma obra de poder mais gloriosa que uma mera criação, ou ressurreição de um corpo morto para a vida, uma vez que o efeito alcançado é maior e mais excelente. Essa existência santa e feliz, e a vida espiritual que é produzida na obra da conversão, é um efeito bem maior e mais glorioso, do que a simples existência e vida. E o estado a partir do qual a mudança é feita – uma morte no pecado, uma total corrupção da natureza, e a profundidade de miséria – é bem mais remoto do estado alcançado, do que a mera morte ou não existência.

Também é pelo poder de Deus que somos preservados no estado de graça. 1 Pe 1:5: “Que sois guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para a salvação.” Como a graça procede, a princípio, de Deus, assim procede continuamente dele, é mantida por ele, tal como a luz na atmosfera procede durante todo o dia do sol, tanto na aurora quanto no ocaso. Os homens são dependentes do poder de Deus para todo exercício da graça, e para a realização desse exercício no coração, para subjugar o pecado e a corrupção, aumentar os santos princípios, e capacitar a geração de frutos nas boas obras. O homem é dependente do poder divino para trazer a graça à sua perfeição, para tornar a alma receptível, à gloriosa semelhança de Cristo, e preenchê-la com satisfatória

alegria e bênção; e por ressuscitar o corpo para vida, a tal perfeito estado que o torna adequado a ser habitação e órgão de uma alma a ser aperfeiçoada e bendita. Estes são os mais gloriosos efeitos do poder de Deus, que são vistos nas sequências dos Seus atos relacionados às criaturas.

No seu primeiro estado, o homem era dependente do poder de Deus, mas muito mais agora, quando depende desse poder para realizar mais coisas por ele, e depende mais dos poderosos exercícios do Seu poder. Foi devido ao poder de Deus que o homem foi santificado no princípio: mais, muito mais notavelmente no presente, porque há muita oposição e dificuldade no caminho. É um efeito mais glorioso do poder santificar o que era sobremodo depravado, e o que estava debaixo do domínio do pecado, do que conferir santidade ao que, anteriormente, nada tinha de oposição. É uma obra mais gloriosa de poder resgatar uma alma das mãos do diabo, e do poder das trevas, trazendo-a a um estado de salvação, do que conferir santidade onde não havia predisposição à oposição. Lc 11:21-22: “Quando o valente, bem armado, guarda a sua própria casa, ficam em segurança todos os seus bens. Sobrevindo, porém, um mais valente do que ele, vence-o, tira-lhe a armadura em que confiava e lhe divide os despojos.”

Portanto, é uma obra mais gloriosa de poder sustentar uma alma no estado de graça e santidade, e conduzi-la até que seja trazida à glória - quando há tanto pecado residual no coração, fazendo resistência, e Satanás com toda sua poderosa oposição – do que o necessário para impedir o homem de cair no princípio, quando Satanás não tinha parte com ele. Portanto, mostramos como os redimidos são dependentes de Deus para todo o seu bem, uma vez que tudo o que têm procede dele.

Segundo, também são dependentes de Deus para tudo, uma vez que têm tudo *através* dele. Deus é tanto o meio quanto o autor e fonte desses bens. Tudo o que temos, a sabedoria, perdão de pecados, libertação do inferno, aceitação no favor, graça e santidade de Deus, o verdadeiro conforto e felicidade, a vida eterna e a glória, procede de Deus através de um Mediador. E este Mediador é Deus, em quem temos absoluta dependência, pois, através dele, recebemos tudo. Portanto, eis aqui outro modo em que temos nossa dependência de Deus para todo nosso bem. Deus não apenas nos dá o Mediador, e aceita sua mediação e, pela sua graça e poder, concede as coisas a serem adquiridas pelo Mediador; mas o próprio Mediador é Deus.

Nossas bênçãos consistem naquilo que temos por aquisição; e esta aquisição é feita por Deus, as bênçãos são adquiridas por ele, e ele concede o Fiador; e não apenas isto, mas Ele próprio é o Fiador. Sim, Deus é tanto o adquiridor quanto o preço, pois Cristo, que é Deus, adquiriu estas bênçãos por nós, ao oferecer-se a si mesmo como preço pela nossa salvação. Adquiriu vida eterna pelo sacrifício de si mesmo. Hb 7:27: “A si mesmo se ofereceu.” E 9:26: “se manifestou uma vez por todas, para aniquilar, pelo sacrifício de si mesmo, o pecado.” Na verdade, foi a pessoa humana que foi ofertada, mas esta era uma só pessoa com a divina, portanto, o sacrifício foi de preço infinito.

Assim como temos nosso bem através de Deus, também dependemos dele em certos aspectos que o homem, no seu primeiro estado, não dependia. Anteriormente, o homem obteria vida eterna por sua própria justiça; de modo que ele dependia parcialmente do que havia em si próprio. Pois dependemos daquilo que serve de meio para o nosso bem, bem como daquilo de onde procede o que temos. Embora a justiça da qual o homem então dependia procedesse, de fato, de Deus, contudo, pertencia a ele, era-lhe inerente, portanto sua dependência de Deus não era tão *imediata*. Mas, agora, a justiça de que dependemos não está em nós, mas em Deus. Somos salvos através da justiça de Cristo: Ele "tornou-se para nós justiça..."; portanto, na profecia de Jr 23:6, é chamado de "SENHOR, Justiça Nossa." Essa justiça, pela qual somos justificados, é a justiça de Cristo, é a justiça de Deus. 2 Co 5:21: "para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus." Portanto, na redenção, não apenas temos todas as coisas de Deus, mas por e através dele, como diz 1 Co 8:6: "todavia, para nós há um só Deus, o Pai, de quem são todas as coisas e para quem existimos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas, e nós também, por ele."

Terceiro, os redimidos têm todo o seu bem *em Deus*. O que temos é não apenas dele, e através dele, mas consiste nele; ele é todo nosso bem. O bem dos redimidos é ou objetivo ou inerente. Por bem objetivo, refiro-me ao objeto externo, por cuja posse e gozo são felizes. O bem inerente é aquela excelência ou prazer que está na própria alma. Com respeito a ambos, o redimido tem todo seu bem em Deus, ou, o que dá no mesmo, o próprio Deus é todo o seu bem.

1. Os redimidos têm todo o seu bem *objetivo* em Deus. Ele próprio é o grande bem ao qual, pela redenção, são levados a possuir e gozar. É o sumo bem, e a soma de todo bem que Cristo adquiriu. Deus é a herança dos santos; é a porção de suas almas. Ele é sua riqueza e tesouro, seu alimento, vida, lugar de habitação, seu ornamento e diadema, e sua honra e glória eternas. Não têm ninguém no céu, senão Deus. Ele é o bem maior que os redimidos recebem na morte, e com o qual devem ressurgir no fim do mundo. O Senhor Deus é a luz da Jerusalém celestial; e é o "rio da água da vida" que corre, e a "árvore que cresce, no meio do paraíso de Deus." As gloriosas excelências e beleza de Deus serão as coisas que prenderão eternamente as mentes dos santos, e o seu amor será sua festa eterna. Os redimidos, com efeito, irão aproveitar outras coisas: os anjos, ou uns aos outros, mas o que aproveitarão nos anjos, ou uns nos outros, ou em qualquer outra coisa que lhes forneça deleite e felicidade, será o que de Deus possa ser visto nelas.

2. Os redimidos têm todo bem *inerente* em Deus. O bem inerente é duplo: é ou excelência ou prazer. Estes, os redimidos não apenas derivam de Deus, como causa, mas têm nele. Têm excelência e alegria espiritual por um tipo de participação em Deus. São feitos excelentes pela comunicação da excelência de Deus. Ele lhes concede sua própria beleza, *i. e.*, sua formosa semelhança, em suas almas. São feitos participantes da natureza divina, ou da imagem moral de Deus (2 Pe 1:4). São santos, pois participam na Sua santidade (Hb 12:10). Os santos são belos e benditos pela

comunicação da santidade e júbilo de Deus, como a lua e os planetas brilham devido à luz solar. O santo tem alegria e prazer espiritual por um tipo de efusão de Deus na alma. Nestas coisas, os redimidos têm comunhão com Deus, pois são partícipes com ele e nele.

Os santos têm tanto excelência quanto benção espiritual pelo dom do Espírito Santo, e pela sua habitação interior neles. São não apenas causados pelo Espírito, mas estão nele como fonte. O Espírito, ao se tornar habitante, é um princípio vital na alma. Ele, agindo nela e com ela, torna-se uma fonte de verdadeira alegria e santidade, como uma fonte de água, pelo esforço e difusão de si mesmo. Jo 4:14: "Aquele, porém, que beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede; pelo contrário, a água que eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna." Compare com o cap. 7:38,39: "Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva. Isto ele disse com respeito ao Espírito que haviam de receber os que nele cressem." A soma do que Cristo adquiriu para nós é essa fonte de águas referida na primeira dessas passagens, e aqueles rios de água viva mencionados na última. E a soma das bênçãos, que os redimidos devem receber no céu, é esse rio da água da vida que procede do trono de Deus e do Cordeiro (Ap 22:1). O que, sem dúvidas, quer dizer o mesmo que aqueles rios de águas vivas explicados em Jo 7:38,39, que, alhures é chamado de "torrente das delícias de Deus." Nisso consiste a plenitude do bem que os santos recebem de Cristo. É por participar do Espírito Santo que têm comunhão com Cristo em sua plenitude. Deus concedeu o Espírito, não por medida; e recebem de sua plenitude e graça sobre graça. Esta é a soma da herança dos santos; portanto esse pouco do Espírito Santo que os crentes têm neste mundo, é dito ser o penhor de sua herança, 2 Co 1:22: "que também nos selou e nos deu o penhor do Espírito em nosso coração." E no capítulo 5:5: "Ora, foi o próprio Deus quem nos preparou para isto, outorgando-nos o penhor do Espírito." E em Ef 1:13-14: "fostes selados com o Santo Espírito da promessa; o qual é o penhor da nossa herança, até ao resgate da sua propriedade, em louvor da sua glória."

O Espírito Santo e as coisas excelentes são referidos na Escritura como iguais; é como se o Espírito de Deus, comunicado à alma, compreendesse todas as boas coisas: *Mt 7:*11: "quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará boas coisas aos que lhe pedirem?" Em Lucas está registrado, em 11:13: "Quanto mais o Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?" Esta é a soma das bênçãos que Cristo assegurou pela sua morte, e o objeto das promessas do evangelho. Gl 3:13-14: "Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar (porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro), para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios, em Jesus Cristo, a fim de que recebêssemos, pela fé, o Espírito prometido." O Espírito de Deus é a grande promessa do Pai. Lc 24:49: "Eis que envio sobre vós a promessa de meu Pai; permanecei, pois, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder." Portanto, ele é chamado de "Espírito da promessa", em Ef 1:33. Isto que foi prometido foi recebido por Cristo, e dado em suas mãos, tão logo terminou a obra da nossa redenção, para conceder a todos

que havia redimido: “Exaltado, pois, à destra de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vedes e ouvis.” Portanto, toda a santidade e felicidade do redimido está em Deus. Assenta-se na comunicação, habitação, e ação do Espírito de Deus. Santidade e felicidade são seus frutos, aqui e no porvir, porque Deus habita neles, e eles, em Deus.

Assim Deus nos deu o Redentor, e é por ele que nosso bem é adquirido. Portanto Deus é o Redentor e o preço; e também é a coisa adquirida. De modo que tudo que temos é de Deus, e através dele, e nele: “Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém!” No grego, a tradução de *para ele* é a mesma de *nele*, (1 Co 8:6).

II. Deus é glorificado na obra da redenção pelo fato de haver tão grande e universal dependência do redimido nele.

1. O homem tem muito maior ocasião e obrigação de notar e reconhecer as perfeições e a autossuficiência de Deus. Quanto maior a dependência da criatura das perfeições de Deus, e a preocupação que tem com elas, maior a ocasião que tem de notá-las. Quanto mais alguém se preocupa com e depende do poder e da graça de Deus, maior a ocasião que tem de notar esse poder e graça.

Quanto maior e mais imediata a dependência que há da santidade divina, maior a ocasião de notá-la e reconhecê-la. Quanto maior e mais absoluta a dependência que temos das perfeições divinas, na medida em que pertencem às diversas pessoas da Trindade, maior a oportunidade que temos de observar e conceder a glória divina a cada uma delas. Aquilo com que mais nos importamos certamente é mais notável no modo de nossa observação e reconhecimento; e este tipo de preocupação com algo, isto é, a dependência, tende especialmente a ordenar e obrigar a atenção e observação. Aquilo de que não dependemos tanto, facilmente negligenciamos; mas é raro que façamos outra coisa senão nos importarmos com aquilo de que mais dependemos. Devido à nossa grande dependência de Deus, e de suas perfeições, em muitos aspectos, ele e sua glória são mais diretamente postos em nossa visão, para onde quer que movamos os olhos.

Temos maior oportunidade de reconhecer a autossuficiência de Deus quando toda nossa suficiência é completamente dele. Temos mais oportunidade de contemplá-lo como um Bem infinito, como fonte de todo bem. Tal dependência de Deus demonstra sua autossuficiência. Quanto mais a dependência da criatura está em Deus, mais aparece o esvaziamento dela de si mesma; e quanto maior o esvaziamento da criatura, maior será a plenitude do Ser que a preenche. O fato de termos tudo de Deus, mostra a plenitude de seu poder e graça. O termos tudo através dele, mostra a plenitude de seu mérito e dignidade; e o termos tudo nele, demonstra sua plenitude de beleza, amor e felicidade. E os redimidos, devido à grandeza de sua dependência de Deus, têm não apenas maior oportunidade, mas obrigação de contemplar e reconhecer a glória e plenitude de Deus. Como seríamos insensatos e ingratos, se não reconhecêssemos essa suficiência e glória das quais

dependemos absoluta, imediata e totalmente!

2. Logo, está demonstrado como é grande a glória de Deus em comparação a de suas criaturas. Sendo a criatura desse modo tão completa e totalmente dependente de Deus, torna-se evidente que ela nada é, e que Deus é tudo. Daí, é evidente que Ele está infinitamente acima de nós; essa força, sabedoria e santidade de Deus, estão infinitamente acima das nossas. Conquanto a criatura apreenda Deus como grande e glorioso, contudo, se não for sensível à diferença que há entre ela e Deus, a ponto de ver que a glória de Deus é grandiosa, comparada com a sua própria, não estará disposta a dar a Deus a glória devida ao seu nome. Se a criatura se põe em qualquer aspecto no mesmo nível que Deus, ou se exalta para competir com Ele, ainda que possa entender que essa grande honra e profundo respeito pertencem a Deus, a serem concedidos por aqueles que estão a grande distância dele, não estará sensível de que este é seu dever. Quanto mais os homens se exaltam, menos estarão dispostos a exaltar a Deus. É certo o que Deus pretende ao dispor as coisas na redenção (se admitimos ser a Escritura a revelação da vontade de Deus): que Ele deva aparecer na sua plenitude, e o homem vazio em si mesmo; que Ele apareça como tudo, e o homem como nada. É o desígnio declarado de Deus que ninguém "se glorie na sua presença", o que implica que é seu propósito promover sua própria glória em comparação aos outros. Quanto mais o homem "se gloria na presença de Deus", menos glória é atribuída a Ele.

3. Por isto ter sido assim ordenado, isto é, que a criatura devesse ter dependência tão absoluta e universal de Deus, é feita provisão para que Deus deva possuir toda nossa alma, e ser o objeto de nosso exclusivo respeito. Se tivéssemos nossa dependência parcialmente em Deus, e parcialmente em outra coisa qualquer, o respeito do homem seria dividido entre estas diferentes coisas das quais depende. Assim seria se dependêssemos de Deus apenas para uma parte de nosso bem, e em nós mesmos, ou em outro ser, para a outra parte; ou se tivéssemos nosso bem apenas *de* Deus, e *através* de outro que não fosse Deus, e em alguma outra coisa distinta de ambos, nossos corações estariam divididos entre o bem em si, e aquele de quem, e através de quem, nós o recebemos. Mas agora, não há mais ocasião para isto, Deus sendo não apenas aquele de quem temos todo bem, mas também através de quem o recebemos; sendo ele o próprio bem. De modo que, o que quer que haja para atrair nosso respeito, a tendência ainda é direcionar tudo para Deus; tudo se une nele como o centro.

Aplicação

1. Podemos observar aqui a maravilhosa sabedoria de Deus na obra da redenção. Deus tornou a nulidade e miséria humanas, seu estado rebaixado, perdido e arruinado, no qual se afundou pela queda, uma ocasião para a maior promoção de sua própria glória para que, como das outras maneiras, e em particular nesta, haja agora muito mais dependência total e evidente do homem em

Deus. Embora se agrade em levantar o homem deste sombrio abismo de pecado e miséria no qual caiu, e grandemente o exalte em excelência e honra, a um alto grau de glória e benção, contudo, a criatura de modo algum tem algo de que se gloriar; toda a glória, evidentemente, pertence a Deus, tudo se encontra em mera e muito absoluta e divina dependência do Pai, Filho e Espírito Santo. E cada Pessoa da Trindade é igualmente glorificada nesta obra: há uma dependência absoluta da criatura em todas [as Pessoas] para tudo: tudo é do Pai, através do Filho e no Espírito Santo. Assim, Deus aparece na obra da redenção como tudo em todos. É adequado que seja assim, e que ninguém mais seja o Alfa e Ômega, o primeiro e o último, o tudo e único, nesta obra.

2. Logo, as doutrinas e sistemas de teologia que se encontram em qualquer aspecto opostos a tal dependência absoluta e universal de Deus, minimizam a sua glória, e frustram o projeto de nossa redenção. E são esses sistemas [teológicos] que colocam a criatura no lugar de Deus, em quaisquer dos aspectos mencionados; que exaltam o homem no lugar do Pai, do Filho ou do Espírito Santo, em qualquer coisa a respeito da nossa redenção. Ainda que possam permitir que haja uma dependência dos redimidos em Deus, negam, contudo, uma dependência que seja tão *absoluta* e universal.

Concordam que haja uma inteira dependência de Deus para *algumas* coisas, mas não para outras; concordam que dependemos de Deus para a dádiva e aceitação de um Redentor, mas negam tão absoluta dependência dele para a obtenção de um *interesse* no Redentor. Concordam com uma absoluta dependência do Pai para dar seu Filho, e do Filho na obra da redenção, mas não tão inteira dependência do Espírito Santo para a *conversão*, e um estar em Cristo, e assim ser habilitado para os seus benefícios. Concordam com uma dependência de Deus para os *meios* de graça, mas não absolutamente para o benefício e sucesso desses meios; aceitam uma dependência parcial do poder de Deus, para obter e exercitar a santidade, mas não a mera dependência da livre e soberana graça de Deus. Concordam com uma dependência da graça de Deus para uma recepção em seu favor, até mesmo sem qualquer mérito próprio, mas não como se não fossem atraídos ou movidos sem qualquer excelência. Concordam com uma dependência parcial de Cristo, como aquele através de quem temos vida, como aquele que adquiriu novas condições de vida, mas ainda sustentam que a justiça através da qual temos a vida é inerente a nós mesmos, como foi sob a primeira aliança. Agora, qualquer sistema que seja incompatível com a nossa *inteira* dependência de Deus para tudo, e de termos tudo dele, por ele e nele, é repugnante para o propósito e substância do evangelho, e priva-o do que Deus reputa como o seu brilho e glória.

3. Daí, podemos aprender uma razão por que a fé é o meio pelo qual chegamos a ter um interesse nesta redenção, pois está incluído na natureza da fé um sensível reconhecimento da *absoluta dependência* de Deus neste assunto. É muito adequado que seja exigido de todos, para que tenham o benefício desta redenção, que devam ser sensíveis disso, e reconhecer sua dependência de Deus nesta questão. É por este meio que Deus planejou glorificar-se a si mesmo na redenção; e é

justo que deva pelo menos receber essa glória daqueles que são os objetos dela, e que recebem seus benefícios. A fé é um senso do que é verdadeiro na obra da redenção, e a alma que crê depende inteiramente de Deus para toda a salvação, em seu próprio senso e ação. A fé rebaixa os homens e exalta Deus, pois dá toda a glória da redenção somente a Ele. É necessário para a fé salvadora que o homem seja esvaziado de si mesmo, esteja sensível que é "*um desgraçado, miserável, pobre, cego e nu*." A humildade é um grande ingrediente da verdadeira fé: aquele que verdadeiramente recebe a redenção, recebe-a como uma criança pequena: "Quem não receber o reino de Deus como uma criança de maneira nenhuma entrará nele." (Mc 10:15) É o deleite de uma alma piedosa humilhar-se e exaltar somente a Deus. A sua linguagem é: "Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao teu nome dá glória." (Sl 115:1)

4. Sejamos exortados a exaltar Deus somente, e atribuir a Ele toda a glória da redenção. Esforcemo-nos para obter e aumentar o nosso senso da grande dependência que temos de Deus, ter o nosso olhar somente nele, a mortificar a disposição para a autossuficiência e justiça própria. O homem é por natureza grandemente propenso a se exaltar, e depender de seu próprio poder ou bondade; como se, de si mesmo, ele devesse esperar a felicidade. Ele é propenso a ter respeito pelos prazeres estranhos a Deus e seu Espírito, como se neles a felicidade pudesse ser alcançada.

Mas esta doutrina deve nos ensinar a exaltar *somente* a Deus: e, pela confiança e dependência, louvá-lo. *Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor*. Alguém tem alguma esperança de ser convertido, e santificado, e de que sua mente seja dotada de verdadeira excelência e beleza espiritual? Que seus pecados estão perdoados, e que recebeu o favor de Deus, e foi exaltado para a honra e benção de ser seu filho, e herdeiro da vida eterna? Que ele, então, dê a Deus toda a glória, que, sozinho, faz com que seja diferente do pior dos homens neste mundo, ou do mais miserável dos condenados no inferno. Acaso alguém tem muito conforto e forte esperança de vida eterna? Que a sua esperança não o exalte, mas o disponha para humilhar-se ainda mais, para refletir sobre a própria excessiva indignidade de tal favor, e exaltar somente a Deus. Acaso algum homem é eminente em santidade, e abundante em boas obras? Que ele não leve nada dessa glória para si mesmo, mas a atribua àquele cuja "obra somos, criados em Cristo Jesus para boas obras."

PECADORES NAS MÃOS DE UM DEUS IRADO

"*A seu tempo, quando resvalar o seu pé.*" (Deuteronômio 32:35)

Nesse versículo, a vingança de Deus é ameaçada sobre os israelitas ímpios e incrédulos que, embora fossem o povo visível de Deus, e vivessem debaixo dos meios de graça, e apesar de todas as obras maravilhosas de Deus em benefício deles, permaneciam (conforme o versículo 28) sem juízo e entendimento. Com todo o cultivo do céu, nada produziram senão fruto venenoso e amargo, conforme afirmam os dois versículos que precedem o texto. A expressão que escolhi para minha exposição, "a seu tempo, quando resvalar o seu pé", parece implicar o seguinte, relacionado à punição e destruição a que aqueles ímpios israelitas estavam expostos:

1. Que estavam sempre expostos à destruição; da mesma maneira que alguém que permanece ou anda em lugares escorregadios está sempre exposto à queda. Isso está implícito na maneira em que a destruição vem sobre eles, sendo representada pelos seus pés escorregando. O mesmo é expresso no Salmo 73.18: "Tu certamente os pões em lugares escorregadios e os fazes cair na destruição."

2. Implica que estavam sempre expostos à súbita e inesperada destruição. À semelhança do que anda em lugares escorregadios e está, a todo instante, sujeito a cair, não podendo prever em momento algum se, no próximo, estará de pé ou no chão; e, quando cai, cai imediatamente e sem aviso. Isso também está expresso no Salmo 73.18-19: "Tu certamente os pões em lugares escorregadios e os fazes cair na destruição. Como ficam de súbito assolados, totalmente aniquilados de terror!"

3. Outra coisa implícita é que estão sujeitos a cair *por si mesmos*, sem serem derrubados pela mão de outrem. Da mesma maneira que o que permanece ou anda em terreno escorregadio de nada precisa além do próprio peso para derrubá-lo.

4. Que a razão de ainda não haverem caído, e de não caírem agora, é apenas que o tempo apontado por Deus não é chegado. Pois está dito que quando esse tempo devido ou designado chegar, *seu pé resvalará*. Então, serão abandonados à queda, a qual já estão inclinados por seu próprio peso. Deus não mais os sustentará nestes lugares escorregadios, mas os abandonará. E então, neste exato instante, cairão na destruição, à semelhança do que permanece em ladeiras escorregadias, sobre a beira de um precipício, não pode permanecer sozinho e, quando é abandonado, imediatamente cai e está perdido.

A observação a partir destas palavras que agora insistirei é:

Doutrina

"*Não há nada que mantenha os ímpios um só momento fora do inferno, senão a mera boa vontade de Deus.*"

Por '*mera* boa vontade' de Deus, refiro-me a sua boa vontade *soberana*, sua vontade livre, imune a obrigações, não sujeita a impedimento algum, nem qualquer outra coisa, como se nada, a não ser a boa vontade de Deus, tivesse qualquer papel na preservação dos ímpios a todo instante. A verdade desta observação poderá se evidenciar pelas seguintes observações:

1. Não falta *poder* a Deus para lançar os ímpios, a qualquer momento, no inferno. Quando Ele se levanta, as mãos humanas não podem ser fortes. Os mais fortes não têm poder algum para lhe resistir, nem podem se libertar de suas mãos. Ele é não apenas capaz de lançar os ímpios no inferno, mas pode fazê-lo com a maior facilidade. Às vezes, um príncipe terreno encontra grande dificuldade em subjugar um rebelde que encontrou meios de se fortificar, e se fortaleceu pelo número de seus seguidores. Mas isso não ocorre com Deus. Não há fortaleza que seja defesa contra o Seu poder. Ainda que as mãos se juntem, e vastas multidões de inimigos de Deus se combinem e associem, são facilmente esmiuçados em pedaços. São como grandes montes de palha seca e leve diante do furacão; ou grandes quantidades de restolho seco diante de chamas devoradoras. Achamos fácil pisar e esmagar um verme que vemos rastejar no chão; da mesma forma é fácil cortar ou queimar um fio fino que sustenta algo. Assim também é fácil para Deus, quando lhe agrada, lançar seus inimigos nas profundezas do inferno. Quem somos nós, para que pensemos permanecer perante esse, diante de cuja repreensão a terra treme, e diante de quem as rochas são subjugadas?

2. Eles *merecem* ser lançados no inferno; de modo que a justiça divina jamais se interpõe, e não é um impedimento para que Deus use seu poder a qualquer momento para destruí-los. Sim, ao contrário, a justiça clama alto por punição infinita pelos seus pecados. A justiça divina fala acerca da árvore que produz uvas como as de Sodoma, Lc 13:7: "podes cortá-la; para que está ela ainda ocupando inutilmente a terra?" A espada da justiça divina está a todo momento se revolvendo sobre suas cabeças, e não é nada, senão a mão da misericórdia livre de Deus, e a Sua mera vontade, que a segura.

3. Eles já estão sob uma sentença de *condenação* ao inferno. Não apenas merecem, com justiça, ser lançados lá, mas a sentença da lei de Deus, essa eterna e imutável regra da justiça que Deus fixou entre si e a humanidade, é posta contra eles, e permanece em oposição a eles; de modo que já estão destinados ao inferno. Jo 3:18: "o que não crê já está julgado". Desse modo, todo homem não convertido pertence propriamente ao inferno. Lá é o seu lugar; de lá ele procede (Jo 8.23: "Vós sois cá de baixo") e para lá está destinado; é o lugar ao qual a justiça, e a palavra de Deus, e a sentença de sua lei imutável, o destinam.

4. Eles são agora os objetos do mesmo *furor* e ira de Deus, que são expressos nos tormentos

do inferno. E a razão pela qual não descem para lá a qualquer instante não é porque Deus, em cujo poder se encontram, não esteja muito irado com eles, como está com as muitas miseráveis criaturas agora atormentadas no inferno, que lá sentem e suportam a fúria de sua ira. Sim, Deus está muito mais irado com muitos que estão agora na terra; sim, sem dúvidas, com muitos que estão agora nesta congregação, que podem estar tranquilos, do que com muitos que estão nas chamas do inferno. – Portanto, não é porque Deus ignore suas impiedades, e não se ressinta dela, que não afrouxa suas mãos e os elimina. Deus não é de forma alguma como eles, embora possam o imaginar assim. A Sua ira arde contra eles, sua condenação não dorme; o abismo está preparado, o fogo está pronto, o forno já está quente, pronto para recebê-los; as chamas ora rugem e brilham. A espada reluzente está afiada, e suspensa sobre eles, o abismo abriu sua boca debaixo deles.

5. O *diabo* está pronto para cair sobre eles, e abatê-los como sua possessão, no momento em que Deus o permitir. Eles lhe pertencem; tem suas almas em sua posse, e sob seu domínio. A Escritura os representa como seus bens (Lc 11.12). Os demônios os espreitam, estão sempre a sua mão direita; permanecem aguardando por eles, como leões famintos que veem a presa, e esperam tê-la, mas, no momento, são contidos. Se Deus retirasse sua mão, pela qual são restringidos, num momento voariam sobre suas pobres almas. A velha serpente os espreita, o inferno escancara sua boca para recebê-los. Se Deus o permitisse, seriam rapidamente engolidos e estariam perdidos.

6. Reinam nas almas dos ímpios aqueles *princípios* infernais, que agora mesmo os inflamariam e incendiariam no fogo do inferno, se Deus não os restringisse. Há posto na própria natureza do homem carnal um fundamento para os tormentos do inferno. Há aqueles princípios corruptos, com poder reinante, e em plena posse deles, que são as sementes do fogo do inferno. Estes são princípios ativos e poderosos, extremamente violentos em sua natureza, e não fosse pela mão restringente de Deus sobre tais princípios, logo explodiriam, se inflamariam à semelhança do que as mesmas corrupções e a mesma inimizade fazem nos corações das almas condenadas, e gerariam os mesmos tormentos que geram naquelas. As almas dos ímpios são comparadas na Escritura ao mar agitado (Is 57:20). No momento, Deus restringe a impiedade deles pelo seu imenso poder, assim como faz às ondas raivosas do mar enfurecido, dizendo: (Jó 38:11): “até aqui virás e não mais adiante.” Mas, se Deus retirasse esse poder restringente, logo ela carregaria tudo diante de si. O pecado é a ruína e a miséria da alma. É destrutivo em sua natureza, e, se Deus o deixasse sem restrição, nada mais seria necessário para tornar a alma perfeitamente miserável. A corrupção do coração humano é ilimitada e desmedida em sua fúria. Enquanto os ímpios vivem aqui, é como o fogo preso pelas restrições de Deus, de outro modo, se fosse deixada livre, poria em chamas o curso da natureza. E, assim como o coração agora é um poço de pecado, se este não fosse restringido, imediatamente tornaria a alma em um forno ardente, em uma fornalha de fogo e enxofre.

7. Não representa segurança para os ímpios, nem sequer por um instante, que não haja meios

visíveis de morte às vistas. Não representa segurança para um homem natural que esteja agora com saúde, e que não veja por que modo poderia partir de imediato do mundo por um acidente, e que não haja nenhum perigo visível em suas circunstâncias. A manifesta e contínua experiência do mundo, em todas as eras, mostra que isso tudo não é evidência de que um homem não esteja agora mesmo às margens da eternidade, e que seu próximo passo não será no outro mundo. Os meios invisíveis e impensáveis das pessoas repentinamente saírem do mundo são inumeráveis e inconcebíveis. Os não convertidos andam sobre o abismo do inferno em uma superfície podre, e há inúmeros lugares nela que são frágeis e não suportarão seus pesos, e estes lugares não são percebidos. As flechas da morte voam invisíveis ao meio dia; a vista mais acurada não as vê. Deus tem tão diferentes e insondáveis meios de tirar os ímpios do mundo e mandá-los ao inferno, que não há nada que faça crer que necessite de um milagre, ou que precise sair do curso ordinário de sua providência, para destruir um ímpio no momento em que desejar. Todos os meios de arrancar os ímpios do mundo estão de tal modo nas Suas mãos, e tão completa e absolutamente sujeitos a seu poder e determinação, que se ele nunca fizesse uso de meios, e estes estivessem excluídos desta consideração, isto de modo algum faria com que a ida repentina dos ímpios ao inferno dependesse menos da mera vontade de Deus.

8. A prudência dos homens naturais e seu cuidado para preservar a própria vida, ou o cuidado de outros para preservá-las, não os assegura nem por um instante. A isto também a providência divina e a experiência universal prestam abundante testemunho. Há clara evidência de que a própria sabedoria dos homens não os livra da morte; pois se assim o fosse veríamos alguma diferença entre os sábios e prudentes do mundo, e os demais, com relação à susceptibilidade para uma morte repentina e inesperada. Mas, como é de fato? Ec 2:16: “Morre o sábio, e da mesma sorte, o estulto!”

9. Todos os esforços e *esquemas* que os ímpios usam para escapar do inferno, ao mesmo tempo em que insistem em rejeitar a Cristo, e permanecem, portanto, na impiedade, não os assegura um só instante do inferno. Quase todo homem natural que ouve acerca do inferno, se gaba[1] de que escapará dele. Ele depende de si próprio para a sua segurança e se exalta naquilo que faz, no que está fazendo, ou no que pretende fazer. Cada um esquematiza as coisas em sua mente sobre como evitará a condenação, e se exalta de que planejou muito bem para si mesmo, e que seu esquema não falhará. Ouvem, na verdade, que poucos são salvos, e que a maior parte dos que já morreram foram para o inferno. Contudo, cada um imagina que ajustou as coisas melhor para o seu escape do que os outros. Ele não pretende vir a esse lugar de tormento e diz consigo mesmo que pretende ter um cuidado efetivo e ordenar as coisas de modo que não haja falha.

Mas os tolos filhos dos homens iludem-se miseravelmente em seus próprios esquemas e na confiança em sua própria força e sabedoria. Eles não confiam senão numa sombra. A maior parte dos que viveram até aqui, sob os mesmos meios de graça, e agora estão mortos, sem dúvidas foram

para o inferno. E isto não aconteceu porque não fossem tão sábios quanto os que estão vivos: não foi porque não tenham ordenado bem as coisas para assegurar seu escape. Se pudéssemos falar com eles, e questioná-los um por um quanto a se esperavam, quando vivos, e quando ouviam sobre o inferno, serem eles próprios objetos dessa miséria, sem dúvidas ouviríamos todos replicarem: "Não, jamais pretendi chegar aqui. Eu tinha ajeitado as coisas de outra forma em minha mente. Pensei que tinha planejado bem, que meu esquema era bom. Desejava tomar cuidado de verdade; mas tudo aconteceu inesperadamente. Não esperava por aquilo então, nem daquele modo. Veio como ladrão. A morte me surpreendeu: a ira de Deus foi rápida demais para mim. Ó, minha maldita tolice! Estava me gabando, e me agradando com vãos sonhos sobre o que faria no futuro; e quando dizia: Paz e segurança, veio sobre mim repentina destruição."

10. Deus não se impôs nenhuma *obrigação*, por nenhuma promessa, de manter os não convertidos fora do inferno sequer por um momento. Ele certamente não fez promessas, seja de vida eterna, ou libertação e preservação da morte eterna, a não ser as que estão contidas no pacto da graça, as promessas que são dadas em Cristo, em quem todas as promessas são o sim e o amém. Mas certamente aqueles que não são filhos do pacto, não têm interesse nas promessas do pacto da graça; estes que não creem nelas, e nem têm interesse no Mediador do pacto.

De modo que, ainda que alguns tenham imaginado e pretendido muitas coisas sobre as promessas feitas aos homens naturais que sinceramente buscam e batem [à porta], está claro e manifesto que, por maiores esforços que o homem natural tome na religião, sejam quais forem suas preces, até que creiam em Cristo, Deus não tem obrigação alguma de salvá-los da destruição eterna.

Portanto, o fato é que os não convertidos estão seguros pela mão de Deus sobre o abismo do inferno. Eles merecem o lago de fogo, e já estão sentenciados a ele. Deus está terrivelmente provocado, sua ira contra eles é tão grande quanto para com os que já estão sofrendo agora a execução da fúria de sua ira no inferno, e eles nada fazem nem ao menos para dirimir ou aplacar essa ira. Nem Deus está minimamente preso por qualquer promessa de sustentá-los sequer por um instante. O diabo espera por eles, o inferno escancara sua boca por eles, as chamas se ajuntam e queimam ardentemente a sua espera, para engoli-los. O fogo latente em seus corações está lutando para explodir, e eles continuam sem interesse em qualquer Mediador. Não há, portanto, meio algum às vistas para livrá-los. Em suma, eles não têm refúgio, nada em que possam se segurar. Tudo o que os preserva a cada momento é a mera vontade livre e a clemência desobrigada e desimpedida de um Deus indignado.

Aplicação

Este assunto terrível pode ser útil para despertar as pessoas não convertidas desta congregação. Isso que vocês ouviram é a situação de todos que estiverem fora de Cristo. Esse

mundo de miséria, esse lago de enxofre incandescente, está estendido amplamente debaixo de vocês. Há o terrível abismo das brilhantes chamas da ira de Deus. A boca do inferno encontra-se escancaradamente aberta, e vocês não tem nada para se apoiar, nem coisa alguma em que possam se segurar. Não há nada entre vocês e o inferno senão o ar, e é apenas o poder e a mera boa vontade de Deus que os sustenta.

É provável que não estejam cientes destas coisas, pois descobrem que estão fora do inferno, mas não veem a mão de Deus nisso. Vocês olham para as outras coisas, como o bom estado dos seus corpos físicos, o cuidado com suas vidas, e os meios que usam para a própria preservação. Mas essas coisas, na verdade, nada são, pois se Deus retirasse sua mão, elas teriam tanto valor para impedir as suas quedas quanto tem o ar rarefeito para sustentar uma pessoa que está suspensa nele.

Suas iniquidades os tornam tão pesados quanto o chumbo, e os empurram para baixo com grande peso e pressão em direção ao inferno. Se Deus permitisse, imediatamente afundariam e rapidamente desceriam e mergulhariam no mar sem fundo. A boa saúde e o cuidado e prudência que mantêm, e os melhores esquemas, e toda a justiça, teriam tanta influência para preservá-los e mantê-los fora do inferno, quanto uma teia de aranha é capaz de deter uma avalanche de pedras. Não fosse pela boa vontade soberana de Deus, a terra não os suportaria por um só momento, pois vocês são um fardo para ela. A criação geme por causa de vocês. Ela está sujeita ao cativeiro da corrupção involuntariamente. Não é de boa vontade que o sol brilha sobre suas cabeças, para que tenham luz para servir ao pecado e a Satanás. A terra não dá voluntariamente seus frutos para satisfazer suas luxúrias, nem é de boa vontade que serve de palco para que cometam iniquidades. Não é de bom grado que o ar serve para manter a chama da vida em suas narinas, enquanto vocês gastam suas vidas no serviço dos inimigos de Deus. A criação de Deus é boa, e foi feita para que o homem servisse a Ele por meio dela, e não é de bom grado que serve a outros propósitos, e geme quando é abusada com propósitos tão diretamente contrários à sua natureza e fim. O mundo os cuspiria, não fosse a mão soberana daquele que o sujeitou na esperança [da redenção].

Eis as nuvens negras da ira de Deus pairando agora sobre suas cabeças, carregadas de terrível tempestade, e cheias de trovões, e não fosse a mão restringente de Deus, elas imediatamente arrebentariam sobre vocês. A graça soberana de Deus, no momento, refreia esse vento impetuoso, pois, de outro modo, ele viria com fúria, e sua destruição viria como um redemoinho, e vocês seriam como a palha que o vento dispersa.

A ira de Deus é como grandes águas que estão represadas agora. Ela aumenta mais e mais, e fica mais e mais elevada, até que chega ao limite; e quanto mais é impedida, mais rápido e poderoso é seu curso quando é liberada. É verdade que o julgamento contra suas más obras não foi executado ainda; o ímpeto da vingança de Deus tem sido segurado. Mas, enquanto isso, as suas culpas constantemente aumentam, e a cada dia vocês entesouram mais ira. As águas estão constantemente

crescendo, e aumentam diariamente com mais força, e não há nada, senão a mera boa vontade de Deus, capaz de deter o que não quer ser detido e se esforça para continuar. Se Deus apenas retirasse sua mão das comportas do dilúvio, elas imediatamente se abririam, e as ígneas ondas da fúria e ira de Deus, se derramariam com fúria inconcebível, e viriam sobre vocês com poder onipotente. E se suas forças fossem dez mil vezes maiores, sim, ainda que fossem dez mil vezes mais fortes que o mais resistente e tenaz demônio no inferno, isto nada representaria e nem poderiam suportá-las.

O arco da ira de Deus está curvado, e a flecha ajustada no cordel. A justiça mira a flecha nos seus corações, e estica o arco, e nada, a não ser a mera boa vontade de Deus, de um Deus irado, sem qualquer promessa ou obrigação alguma, é que impede a flecha de a qualquer instante beber o sangue de vocês. Assim, todos vocês que jamais passaram por uma grande mudança de coração, pelo poderoso poder do Espírito de Deus sobre suas almas; todos que nunca nasceram de novo, nem foram feitos novas criaturas, e nunca foram ressuscitados da morte no pecado para um novo estado, nem antes experimentaram uma nova luz e vida, estão nas mãos de um Deus irado. Ainda que tenham reformado suas vidas em muitos aspectos, e experimentado afeições religiosas, e possivelmente mantido uma forma de religião entre suas famílias e parentes, e na casa de Deus, não é nada senão sua mera boa vontade que impede que sejam agora mesmo consumidos na destruição eterna. Ainda que estejam pouco convencidos agora da verdade que ouvem, a seu tempo serão plenamente convencidos dela. Vejam que ocorreu o mesmo com aqueles que partiram nas mesmas condições que vocês estão agora; pois a destruição veio repentinamente sobre a maior parte deles, quando não a esperavam e enquanto diziam: "*Paz e segurança*". Agora veem que aquelas coisas de que dependiam para sua paz e segurança, nada mais eram do que ar rarefeito e sombras vazias.

O Deus que os sustenta sobre o abismo do inferno, à semelhança de alguém que segura uma aranha, ou qualquer inseto asqueroso sobre o fogo, os aborrece, e está terrivelmente provocado. Sua ira contra vocês arde como fogo; ele os vê como dignos de nada mais, senão de serem lançados no fogo. Ele é tão puro de olhos que não pode encará-los de frente; vocês são aos seus olhos mais abomináveis que a serpente mais odiosa é aos nossos. Vocês o ofenderam infinitamente mais que um rebelde obstinado ofende a seu príncipe; contudo, não é nada, senão a sua mão, que os impede de cair no fogo a qualquer momento. Não pode ser atribuído a nada mais o fato de vocês não terem ido ao inferno na noite passada; que tenham sido permitidos acordar novamente neste mundo, depois que fecharam os olhos para dormir. E não há outra razão para explicar o porquê de não terem caído no inferno desde o momento que acordaram esta manhã, senão que a mão de Deus os tenha sustentado. Não há outra razão a ser dada para explicar o porquê de não terem ido ao inferno, desde o momento em que sentaram aqui, na casa de Deus, provocando seus olhos puros com o modo ímpio e pecaminoso de atenderem ao culto solene. Sim, nada mais pode ser dado como razão do porque vocês não são agora mesmo lançados no inferno.

Ó pecador! Considere o temível perigo em que você se encontra: é sobre uma grande fornalha de ira, um abismo largo e sem fundo, cheio do fogo da ira, que você está seguro pela mão de Deus, cuja ira está tão provocada e acendida contra você quanto está contra os condenados do inferno. Você está suspenso por uma linha fina, com as chamas da ira divina lampejando em volta, e prontas a todo momento para queimá-lo, e consumi-lo por completo; e você ainda não tem qualquer interesse em um Mediador, e nada para se agarrar que possa salvá-lo, nada que retire de você as chamas de ira, nada de si mesmo, nada que tenha feito, nem que possa fazer para induzir Deus a poupá-lo um só instante. E considere aqui mais particularmente:

1. *De quem* é essa ira: é a ira do Deus infinito. Se fosse apenas ira de homem, ainda que do mais poderoso governante, seria comparativamente pequena para ser temida. A ira dos reis é muito mais temida, especialmente dos monarcas absolutistas, que têm as posses e vidas de seus súditos completamente em seus domínios, a serem dispostas conforme desejarem: Pv 20:2:"Como o bramido do leão, é o terror do rei; o que lhe provoca a ira peca contra a sua própria vida." O súdito que levar à ira um príncipe arbitrário, está sujeito a sofrer os mais extremos tormentos que a arte humana possa inventar, ou o poder humano seja capaz de infligir. Mas o maior dos poderes terrenos, em toda sua majestade e poder, e quando vestidos com os maiores terrores, não são senão frágeis e desprezíveis vermes do pó, em comparação com o grande e poderoso Criador e Rei do céu e da terra. O que eles fazem na sua ira e quando estão revestidos pelo seu furor é pouco. Todos os reis da terra, diante de Deus, são como gafanhotos; são nada e menos do que nada: tanto o seu ódio quanto o seu amor são desprezíveis. A ira do grande Rei dos reis é tão superior à deles quanto é sua majestade: Lc 12:4-5 : "Digo-vos, pois, amigos meus: não temais os que matam o corpo e, depois disso, nada mais podem fazer. 5 Eu, porém, vos mostrarei a quem deveis temer: temei aquele que, depois de matar, tem poder para lançar no inferno. Sim, digo-vos, a esse deveis temer."

2. É à *ferocidade* de sua ira que você está exposto. Lemos com frequência acerca da ira de Deus que: "Segundo as obras deles, assim retribuirá; furor aos seus adversários." (Is 59:18) Assim: "Porque eis que o SENHOR virá em fogo, e os seus carros, como um torvelinho, para tornar a sua ira em furor e a sua repreensão, em chamas de fogo." (Is 66:15) Também em muitos outros lugares. Assim, lemos do: "lagar do vinho do furor da ira do Deus Todo-Poderoso." (Ap 19:15) As palavras são deveras terríveis. Se houvesse sido apenas dito: "a ira de Deus," as palavras já implicariam algo que é infinitamente terrível. Mas é "a fúria e ira de Deus." A fúria de Deus! A cólera de Jeová! Ó, como deve ser terrível! Quem pode proferir ou conceber o que tais expressões trazem em si? Mas também se diz com frequência: "a fúria e ira do Deus Todo-Poderoso!" Como se fosse haver uma enorme manifestação de seu grande poder nos objetos de sua ira, como se a onipotência pudesse, por assim dizer, encolerizar-se, e ser exercida do mesmo modo que os homens costumam mostrar suas forças quando estão no máximo de sua ira. Oh! Então, qual será a consequência? O que será do pobre verme que a sofrerá? Que mãos serão fortes? E que corações suportarão? A que terrível,

inexprimível e inconcebível profundidade de miséria as pobres criaturas objetos dela serão afundadas!

Considerem isso, vocês, que aqui estão hoje e ainda permanecem em um estado não regenerado. Que Deus executará o rigor de sua ira implica que a executará sem piedade. Quando Ele contemplar o extremo inexprimível do seu caso, e ver os seus tormentos como sendo tão vastamente desproporcionais às suas forças, e ver como suas pobres almas estão esmagadas, e afundadas, por assim dizer, em um mar infinito; então, não terá compaixão de vocês, não irá impedir a execução de sua ira, nem ao menos afrouxará Suas mãos. Não haverá moderação nem misericórdia de Sua parte, nem irá Deus, então, impedir seu vento impetuoso. Não se preocupará com o bem-estar de vocês, nem de forma alguma será cuidadoso de que não sofram muito de alguma outra maneira. Nada será aliviado, porque seja duro demais para vocês suportarem: “Pelo que também eu os tratarei com furor; os meus olhos não pouparão, nem terei piedade. Ainda que me gritem aos ouvidos em alta voz, nem assim os ouvirei.” (Ez 8:18) Agora, Deus está pronto a ter compaixão de vocês. Este é um dia de misericórdia, ainda podem clamar agora com algum encorajamento de que obterão misericórdia. Mas, uma vez que o dia da misericórdia tenha passado, seus mais lamentosos e dolorosos clamores e gritos serão em vão, pois estarão completamente perdidos e afastados de Deus, quanto a qualquer preocupação com o bem estar de vocês. Deus não lhes terá outro uso, a não ser fazer com que sofram a miséria. Continuarão a existir sem nenhum outro propósito; pois serão um vaso de ira preparado para a destruição; e não haverá outro uso para esse vaso, senão ser cheio de ira. Deus estará tão longe de apiedar-se de vocês quando clamarem a Ele, que apenas “rirá e zombará.” (Pv 1:25, 26)

Como são terríveis estas palavras, que são palavras do grande Deus: “Pisei as uvas na minha ira; no meu furor, as esmaguei, e o seu sangue me salpicou as vestes e me manchou o traje todo.” (Is 63:3) Talvez seja impossível conceber palavras que tragam em si maiores manifestações destas três coisas, isto é, desprezo, ódio e ira de indignação. Se vocês clamarem a Deus por compaixão, Ele estará tão longe de se compadecer da sua dolorosa situação, ou mostrar-lhes a mínima preocupação ou favor que, ao contrário, apenas lhes esmagará com os pés. E embora saiba que não podem suportar o peso de sua onipotência esmagando vocês, contudo não se importará com isso, mas os esmagará sem piedade, até que sejam esmagados, e o sangue será salpicado sobre suas vestes a ponto de manchá-las por completo. Ele não apenas os odiará, mas os terá no maior desprezo: não será pensado em lugar algum apto para vocês, senão debaixo de seus pés, para serem pisados como a lama das ruas.

3. A miséria a que vocês estão expostos é a que Deus infligirá com o propósito de mostrar qual é a ira de Jeová. Deus dispôs em seu próprio coração mostrar a anjos e homens tanto a excelência de seu amor quanto a horror de sua ira. Às vezes, os reis terrenos se inclinam a mostrar como é terrível a ira deles, por meio de extremos castigos que executam naqueles que os provocam.

Nabucodosor, aquele poderoso e soberbo monarca do império caldeu, se dispôs a mostrar sua ira quando se enfureceu contra Sadraque, Mesaque e Abede-Nego; e deu ordens para que a fornalha de fogo ardente fosse aquecida sete vezes mais do que antes. Sem dúvidas, as chamas foram levadas ao máximo da fúria que a arte humana poderia induzi-las. Mas o grande Deus também está disposto a mostrar sua ira, e magnificar sua terrível majestade e grande poder nos sofrimentos extremos de seus inimigos. “Que diremos, pois, se Deus, querendo mostrar a sua ira e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita longanimidade os vasos de ira, preparados para a perdição.” (Rm 9:22)

E, visto que este é seu desígnio, o que já determinou, isto é, mostrar como é terrível sua ira não restringida, a fúria e a cólera de Jeová, ele o fará e levará a cabo. Haverá algo a ser realizado e feito que será terrível para quem o testemunhar. Quando o grande e irado Deus houver se levantado e executado sua terrível vingança contra os pobres pecadores, e os miseráveis estiverem de fato sofrendo o peso e poder infinitos de sua indignação, então ele chamará o universo inteiro para contemplar essa terrível majestade e grande poder que deve ser visto então. “Batei no peito por causa dos campos aprazíveis e por causa das vinhas frutíferas. Sobre a terra do meu povo virão espinheiros e abrolhos, como também sobre todas as casas onde há alegria, na cidade que exulta. O palácio será abandonado, a cidade populosa ficará deserta; Ofel e a torre da guarda servirão de cavernas para sempre, folga para os jumentos selvagens e pastos para os rebanhos.” (Is 32:12-14)

Assim ocorrerá a vocês, que estão nesse estado de não convertidos, se nele persistirem; o poder infinito, a majestade e terror do Deus onipotente será magnificado sobre vocês, na força inefável de seus tormentos. Serão atormentados na presença dos santos anjos, e na presença do Cordeiro; e quando estiverem nesse estado de sofrimento, os gloriosos habitantes do céu se adiantarão e contemplarão o terrível espetáculo, para que vejam em que consiste a ira e fúria do Todo-Poderoso; e quando tiverem visto, se prostrarão e adorarão essa grande majestade e poder. “E será que, de uma Festa da Lua Nova à outra e de um sábado a outro, virá toda a carne a adorar perante mim, diz o SENHOR. Eles sairão e verão os cadáveres dos homens que prevaricaram contra mim; porque o seu verme nunca morrerá, nem o seu fogo se apagará; e eles serão um horror para toda a carne.” (Is 66:23)

4. É uma ira *eterna*. Será terrível sofrer esta ira e fúria do Deus todo-poderoso por um momento, mas vocês devem sofrê-la eternamente. Não haverá fim para esta miséria horrível e extrema. Quando olharem adiante, verão uma longa eternidade, uma jornada infindável adiante de vocês, que engolirá seus pensamentos e confundirá suas almas; e se desesperarão de qualquer espécie de libertação, fim, ou de qualquer mitigação ou alívio. Saberão que deverão suportar longas eras, milhões de milhões de eras, em luta e conflito com esta poderosa vingança impiedosa; e então, quando isso acontecer, quando muitas eras realmente passarem desse modo, saberão que isso tudo não representa senão um ponto em relação ao que resta. De modo que o castigo de vocês será de fato

infinito. Ó, quem pode expressar qual será o estado de uma alma em tais circunstâncias! Tudo o que podemos dizer a esse respeito não dá senão uma vislumbre fraco e imperfeito daquilo que é inexprimível e inconcebível: pois “quem conhece o poder da ira de Deus?”

Como é terrível o estado dos que estão diariamente e a toda hora em perigo desta grande ira e infinita miséria! Mas este é o desastroso caso de cada alma nesta congregação que ainda não nasceu de novo, ainda que seja moral e rigorosa, sóbria e religiosa. Ó, considere isso, quer seja jovem ou velho! Há razão para pensar que há muitos agora, nesta congregação, ouvindo este discurso, que serão objetos desta mesma miséria por toda a eternidade. Não sabemos quem são, ou os bancos onde estão assentados, ou que pensamentos agora têm. Pode ser que estejam agora relaxados, e ouçam tudo isso sem muita preocupação, e se gabem que não sejam essas pessoas, prometendo a si mesmos que escaparão. Se soubéssemos que há uma pessoa, apenas uma, em toda a congregação, que deve ser objeto dessa miséria, como seria terrível pensar nisso! Se soubéssemos quem era, que visão terrível seria para tal pessoa! Como seria poderoso o clamor lamentável e amargo que o resto da congregação lançaria por ela! Mas, em vez de um, não é provável que muitos se lembrem deste discurso no inferno? E seria por demais maravilhoso se alguns dos que aqui se encontram agora devam estar no inferno em pouco tempo, talvez antes que o ano se acabe? E não seria incrível se algumas pessoas, que agora estão assentadas em alguns dos bancos desta igreja, saudáveis, tranquilas e seguras, estejam lá amanhã de manhã. Aqueles de vocês que persistirem até o fim em um estado natural, que se mantiveram por muito tempo fora do inferno, lá estarão em pouco tempo! A sua condenação não dorme; virá rapidamente, e provavelmente, muito repentinamente, sobre muitos de vocês. Há razão para se maravilharem que não estejam agora mesmo no inferno. Esse certamente é o caso de alguns a quem conheceram e viram, que nunca mereceram o inferno mais do que vocês, e que até aqui pareciam ter tanta chance de estar vivos como vocês. A esperança deles se foi; estão chorando em extrema miséria e perfeito desespero. Mas aqui estão vocês, na terra dos vivos e na casa de Deus, e com oportunidade de obter a salvação. O que não dariam essas pobres e desesperadas almas condenadas por uma oportunidade de um dia como agora vocês têm?

E agora têm uma oportunidade extraordinária, um dia em que Cristo abriu largamente a porta da misericórdia, e de pé chama e clama em alta voz aos pobres pecadores. Um dia em que muitos se reúnem a ele, e se esforçam pelo reino de Deus. Muitos vêm diariamente do oriente, ocidente, norte e sul; muitos que outrora estiveram nas mesmas condições miseráveis em que vocês se encontram, agora estão em um feliz estado, com seus corações cheios de amor por aquele que os amou, e os lavou dos seus pecados em seu próprio sangue, e regozijam-se na esperança da glória de Deus. Como é terrível ser deixado para trás em tal dia! Ver tantos festejando, enquanto vocês sofrem e perecem! Ver tantos se regozijando e cantando alegres cantos de coração, enquanto vocês tem razão para prantear pela tristeza do coração, e ulular pela tristeza de espírito! Como podem descansar um só momento em tal condição? As suas almas não são tão preciosas quanto às dos cidadãos de

Suffield, que estão dia após dia se reunindo a Cristo?

Não há muitos aqui que viveram por muito tempo no mundo, e até hoje não nasceram de novo? E estão por esse motivo alienados da comunidade de Israel, e nada fizeram enquanto viveram senão entesourar ira para o dia da ira? Ó, senhores, a situação de vocês é, de modo especial, extremamente perigosa. A sua culpa e dureza de coração é grande em extremo. Não veem vocês como a maior parte dos de sua idade já faleceram e partiram, na atual dispensação notável e maravilhosa da misericórdia de Deus? Vocês precisam considerar o seu caso, e despertar completamente do sono. Vocês não podem suportar a fúria e ira do Deus infinito.

E vocês, rapazes e moças, negligenciarão este precioso tempo que agora desfrutam, quando tantos de sua idade estão renunciando às vaidades juvenis e ajuntando-se a Cristo? Vocês, em especial, agora têm uma oportunidade extraordinária; mas se a negligenciarem, logo acontecerá com vocês o mesmo que com aquelas pessoas que gastaram os preciosos dias de sua juventude no pecado, e agora vieram a dar um terrível passo na cegueira e endurecimento.

E vocês, crianças, que ainda não são convertidas, não sabem que estão indo para o inferno, suportar a terrível ira desse Deus, que agora está irado com vocês noite e dia? Vocês se contentarão em serem filhas do diabo, quando tantas outras crianças na nossa terra estão sendo convertidas, e tornando-se as santas e felizes crianças do Rei dos reis?

E que todos os que ainda se encontram fora de Cristo, pendurados sobre o abismo do inferno, quer sejam velhos e velhas, de meia idade, ou jovens, ou crianças, agora ouçam os altos chamados da palavra e da providência de Deus. Este ano aceitável do Senhor, um dia de tão grande favor para alguns, sem dúvidas será dia de vingança igualmente notável para outros. O coração dos homens endurece e suas culpas aumentam rapidamente em dias como estes, se negligenciarem suas almas; e jamais houve época de tão grande perigo de tais pessoas serem entregues à dureza de coração e cegueira de mente. Deus parece agora estar ajuntando rapidamente seus eleitos em todas as partes da nação; e é provável que a maior parte dos adultos que alguma vez serão salvos, sejam atraídos em pouco tempo, e que será como foi no grande derramamento do Espírito sobre os judeus nos dias dos apóstolos. Os eleitos serão salvos e os demais serão cegos. Se isso ocorrer a vocês, amaldiçoarão eternamente este dia, e o dia em que nasceram, por terem visto o tempo de derramamento do Espírito de Deus, e desejarão ter morrido e ido ao inferno sem tê-lo visto. Agora, sem dúvidas, ocorre o mesmo que nos dias de João Batista; o machado se encontra de modo extraordinário posto na raiz das árvores, e toda árvore que não produz bons frutos, será cortada e lançada no fogo.

Portanto, que todos os que estão fora de Cristo, agora acordem e fujam da ira do porvir. A ira do Deus Todo-Poderoso agora, sem dúvidas, está suspensa sobre grande parte desta congregação. Que todos fujam de Sodoma: “apressem-se e fujam por suas vidas, não olhem para trás, escapem para a montanha, para que não sejam consumidos.”

DEUS, A MELHOR PORÇÃO DO CRISTÃO

"*Quem mais tenho eu no céu? Não há outro em quem eu me compraza na terra.*" (Salmos 73. 25)

Neste salmo, o salmista Asafe relata a grande dificuldade que havia em sua mente, ao observar os ímpios. Ele diz, nos vv. 2 e 3: "Quanto a mim, porém, quase me resvalaram os pés; pouco faltou para que se desviassem os meus passos. Pois eu invejava os arrogantes, ao ver a prosperidade dos perversos." No v. 4, nos informa o que, nos ímpios, era o motivo de sua tentação. Em primeiro lugar, observa que eram *prósperos*, e tudo lhes ia bem. Observa, também, o *comportamento* deles na prosperidade, e o uso que faziam dela; e que Deus, apesar dos abusos, *aumentava*-lhes a prosperidade. Então, nos mostra de que maneira foi auxiliado nessa dificuldade, isto é, indo ao *santuário*, (vv. 16, 17), e procede para nos informar quais foram as considerações que o auxiliaram lá:

1. A consideração do *fim miserável* dos ímpios. Ainda que prosperem no presente, chegarão, contudo, a um lamentável fim (vv. 18-20).

2. A consideração do *fim bendito* dos santos. Embora esses, enquanto vivem, possam ser afligidos, contudo terão um fim feliz, (vv. 21-24).

3. A consideração de que o justo possui uma *porção muito superior* à do ímpio, embora não possua outra porção, senão Deus, como mostra o texto e os versículos seguintes.

Ainda que os ímpios vivam na prosperidade, e não tenham problemas como os demais homens, contudo, os piedosos, mesmo afligidos, estão em estado infinitamente melhor, porque têm Deus por sua porção. Não precisam desejar nada mais pois, quem tem Deus, tem tudo. Assim o salmista professa o senso e apreensão que teve das coisas: "Quem mais tenho eu no céu? Não há outro em quem eu me compraza na terra." (Sl 73:25)

No versículo imediatamente anterior (Sl 73:24), o salmista observa como os santos são felizes em Deus, tanto quando estão neste mundo, como quando são levados ao outro. São benditos em Deus aqui, pois Ele os *guia com os seus conselhos*; e, quando os toma, ainda são felizes, pois Ele os *recebe na glória*. Provavelmente isso o levou, no texto, a declarar que *não desejava outra porção*, quer neste mundo ou no porvir, quer no céu, quer na terra.

Daí aprendemos que:

Doutrina

É o espírito de um homem verdadeiramente piedoso preferir Deus antes de todas as coisas,

quer no céu, quer na terra.

I. Um homem piedoso prefere Deus antes de todas as coisas *no céu.*

1. Ele prefere Deus antes de qualquer coisa que haja, *de fato*, no céu. Todo homem piedoso tem o céu no coração. Suas afeições estão depositadas no que deve haver lá. O céu é sua pátria e herança escolhidas. Ele o encara como um viajante, que, em uma terra distante, encara seu próprio país. O viajante pode contentar-se em estar em terra estranha por pouco tempo, mas sua própria terra nativa é preferida por ele acima de tudo: "Todos estes morreram na fé, sem ter obtido as promessas; vendo-as, porém, de longe, e saudando-as, e confessando que eram estrangeiros e peregrinos sobre a terra. Porque os que falam desse modo manifestam estar procurando uma pátria." (Hb 11:13) O respeito que o justo tem pelo céu pode ser comparado ao que uma criança, que está no estrangeiro, tem pela casa de seu pai. Ela pode estar satisfeita, por pouco tempo; mas o lugar para onde deseja retornar, e onde quer morar, é sua própria casa. O céu é a morada do Pai dos verdadeiros santos: "Na casa de meu Pai há muitas moradas." (Jo 14:2) "Subo para meu Pai e vosso Pai." (Jo 20:17)

Agora, a razão pela qual os piedosos têm dessem modo o coração no céu é porque Deus está lá - é o palácio do Altíssimo. É o lugar onde Deus está gloriosamente presente, onde seu amor é gloriosamente manifesto, onde o piedoso pode estar com Ele, vê-lo como Ele é, e amá-lo, servi-lo, louvá-lo e gozá-lo perfeitamente. Se Deus e Cristo não estivessem no céu, não seriam tão ávidos em buscá-lo, nem suportariam tantas dores em uma laboriosa jornada através deste deserto, nem a consideração de que irão ao céu após a morte serviria de conforto nos labores e aflições. Os mártires não suportariam sofrimentos cruéis de seus perseguidores, com uma alegre perspectiva de irem ao céu, se lá não esperassem estar com Cristo, e regozijar-se com Deus. Não iriam, alegremente, esquecer suas posses terrenas, e todos os amigos mundanos, como milhares deles fizeram, vagando na pobreza e na rejeição, sendo indigentes, afligidos, atormentados, trocando sua herança terrena por uma celestial, não fosse sua esperança de estar com seu glorioso Redentor e com o Pai celeste. O coração do crente está no céu, porque o seu tesouro está lá.

2. O homem piedoso prefere Deus antes de todas as coisas que *poderiam existir* no céu. Não apenas há coisa alguma, *de fato*, no céu, que rivalize na sua estima com Deus; mas nada há que possa conceber, *nada que possivelmente esteja lá*, que seja mais estimado ou desejado por ele do que Deus. Alguns supõem que há no céu delícias bem diferentes daquelas que as Escrituras nos ensinam. Os muçulmanos, por exemplo, supõem que no céu devem ser desfrutados todos os tipos de delícias e prazeres sensuais. Muitas coisas que Maomé inventou são das mais convenientes para as luxúrias e apetites carnais dos homens que se possa imaginar, e, com elas, lisonjeou seus seguidores. Mas os verdadeiros santos não conseguem imaginar algo mais adequado a suas inclinações e desejos do que o que está revelado na Palavra de Deus: um céu de gozo do Deus glorioso, e do Senhor Jesus Cristo. Lá, estarão livres de todos os seus pecados, e serão perfeitamente conformados a Deus, e passarão

uma eternidade em exercícios exaltados de amor para Ele, e no usufruto do Seu amor. Se Deus não pudesse ser usufruído no céu, mas apenas vasta riqueza, imensos tesouros de prata e ouro, grande honra do tipo que os homens obtêm neste mundo, e uma plenitude dos maiores prazeres e delícias sensuais - nenhuma dessas coisas suplantaria a necessidade por Deus e por Cristo, nem a fruição deles no céu. Se este estivesse vazio de Deus, seria, de fato, um lugar solitário e melancólico. O piedoso está sensível que todas as diversões humanas não podem satisfazer a alma; e, portanto, nada o contentará, senão Deus. Ofereça a ele o que for, se o privar de Deus, considerar-se-á miserável. Deus é o centro dos seus desejos, e, quando você afasta sua alma do seu centro, ela não terá descanso.

II. É o temperamento de um homem piedoso preferir Deus a todas as coisas *sobre a terra.*

1. O santo prefere esse gozo de Deus, pelo qual *espera* no porvir, a qualquer coisa neste mundo. Não olha tanto para as coisas que são visíveis e temporais, mas para as invisíveis e eternas (1 Co 4:18). O santo não desfruta senão um pouco de Deus neste mundo; não tem senão pouca intimidade com Deus, e goza um pouco das manifestações de sua glória e amor divinos. Mas Deus prometeu lhe dar, no porvir, plena fruição. E estas promessas são mais preciosas para o santo que as mais preciosas joias terrenas. O evangelho contém maiores tesouros, em sua estima, que os cofres de príncipes ou as minas dos índios.

2. Os santos preferem o que pode ser *obtido* de Deus nesta vida a todas as coisas no mundo. Há grande diferença nas realizações espirituais presentes dos santos. Alguns atingem maior intimidade e comunhão com Deus e conformidade com Ele que outros. Mas, as maiores realizações são ínfimas em comparação às futuras. Os santos são capazes de progredir nas realizações espirituais, e sinceramente desejam estas realizações adicionais. Não contentes com os graus já alcançados, estão famintos e sedentos de justiça e, como crianças recém-nascidas, desejam o sincero leite da Palavra, para que, por ela, possam crescer. É seu desejo conhecer mais de Deus, ter mais de sua imagem, e serem capacitados ainda mais à imitação de Deus e de Cristo em sua caminhada e conversação. Sl 27:4: “Uma coisa peço ao SENHOR, e a buscarei: que eu possa morar na Casa do SENHOR todos os dias da minha vida, para contemplar a beleza do SENHOR e meditar no seu templo.” Sl 42:1, 2: “Como suspira a corça pelas correntes das águas, assim, por ti, ó Deus, suspira a minha alma. A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo; quando irei e me verei perante a face de Deus?” Sl 63:1,2: “Ó Deus, tu és o meu Deus forte; eu te busco ansiosamente; a minha alma tem sede de ti; meu corpo te almeja, como terra árida, exausta, sem água. Assim, eu te contemplo no santuário, para ver a tua força e a tua glória.” Veja também o Sl 84:1-3 e Sl 130.6: “A minha alma anseia pelo Senhor mais do que os guardas pelo romper da manhã. Mais do que os guardas pelo romper da manhã.”

Ainda que nem todo santo tenha este ávido desejo por Deus no mesmo grau que tinha o salmista, contudo são do mesmo espírito; desejam sinceramente ter mais de Sua presença em seus corações. Que este é o temperamento do piedoso em geral, e não apenas de alguns santos em particular, mostra-se em Is 26:8,9, onde se fala, não de algum santo em particular, mas da igreja em geral o seguinte: "Também através dos teus juízos, SENHOR, te esperamos; no teu nome e na tua memória está o desejo da nossa alma. Com minha alma suspiro de noite por ti e, com o meu espírito dentro de mim, eu te procuro diligentemente; porque, quando os teus juízos reinam na terra, os moradores do mundo aprendem justiça." Veja também Ct 3:1, 2. v. 6, 8.

Os santos nem sempre estão nestes vívidos exercícios da graça: mas possuem tal espírito, e têm o sensível exercício dele. Desejam Deus e as realizações divinas mais do que todas as coisas terrenas; e buscam ser ricos em graça, mais do que fazem para obter todas as riquezas. Desejam a honra que procede de Deus, mais do que a dos homens (Jo 5:44) e comunhão com Ele mais do que qualquer prazer terreno. São do mesmo espírito que o apóstolo expressa em Fl 3:8: "Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo".

3. O santo prefere *o que já tem de Deus* a qualquer coisa neste mundo. O que foi infundido no seu coração na conversão lhe é mais precioso que qualquer coisa que o mundo possa ofertar. As visões que, às vezes, lhe são concedidas da beleza e excelência de Deus, lhe são mais preciosas que todos os tesouros dos ímpios. Ele valoriza mais a relação de criança na qual está para com Deus, a união que há entre sua alma e Jesus Cristo, do que a maior dignidade terrena. Essa imagem de Deus que está estampada em sua alma, ele valoriza mais do que quaisquer ornamentos terrenos. Em sua estima, é melhor ser adornado com as graças do Espírito Santo de Deus do que brilhar em joias de ouro, e com as mais caras pérolas, ou ser admirado pela maior beleza exterior. Valoriza mais o manto da justiça de Cristo, que tem em sua própria alma, do que os mantos de príncipes. Prefere os prazeres e delícias espirituais que, às vezes, tem em Deus, muito mais que todos os prazeres do pecado. Sl 84:10: "Pois um dia nos teus átrios vale mais que mil; prefiro estar à porta da casa do meu Deus, a permanecer nas tendas da perversidade."

Desse modo, o santo prefere Deus a todas as coisas neste mundo, pois:

1. Prefere Deus a todas as coisas que *possui* no mundo. Prefere Deus a todos os gozos temporais. Sl 16:5, 6: "*O SENHOR é a porção da minha herança e o meu cálice; tu és o arrimo da minha sorte. Caem-me as divisas em lugares amenos, é mui linda a minha herança.*" Se for rico, o seu coração está principalmente nas riquezas celestiais. Prefere Deus a todos os amigos terrenos, e o favor divino a qualquer respeito obtido de criaturas semelhantes. Embora, inadvertidamente, tenham lugar no seu coração, e lugar até demais; contudo reserva o trono para Deus. Lc 14:26: "Se alguém vem a mim e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs e ainda a sua

própria vida, não pode ser meu discípulo.”

2. Ele prefere Deus a qualquer prazer terreno do qual *tenha perspectiva*. Os filhos dos homens põem, comumente, sua confiança mais em alguma felicidade terrena que *esperam*, e pela qual buscam, do que naquilo que *têm* em posse no presente. Mas um homem piedoso prefere Deus a todas as coisas que espera neste mundo. Ele pode, com efeito, pela prevalência da corrupção, deixar-se, por um tempo, levar por algum divertimento; contudo, cairá novamente em si, não sendo este seu temperamento, uma vez que é outro o seu espírito.

3. É o espírito de um homem piedoso preferir Deus a qualquer gozo terreno que *possa conceber*. Prefere-o não apenas a qualquer coisa que possui, mas nada vê em posse de outras pessoas, que seja tão estimável. Tivesse ele a maior prosperidade do mundo, ou pudesse satisfazer todos os seus desejos terrenos, ainda assim, valorizaria a porção que já tem em Deus, incomparavelmente mais. Ele prefere Cristo aos reinos terrenos.

Aplicação

1. Portanto, podemos aprender que quaisquer que sejam as mudanças pelas quais passe o justo, ele é feliz. Isso porque Deus, que é imutável, é sua porção preferida. Embora enfrente perdas temporais, seja privado de muitas, sim, até mesmo de todas as alegrias transitórias, contudo Deus, a quem prefere acima de tudo, ainda permanece, e não pode ser perdido. Enquanto está neste mundo mutável, cheio de problemas, é feliz, pois sua porção escolhida, sobre a qual constrói o fundamento de sua felicidade, está acima do mundo e acima de todas as mutações. E quando vai ao outro, ainda é feliz, pois sua porção permanece. Pode ser privado de tudo, exceto de sua principal porção; sua herança permanece segura.

Pudessem os homens de mente carnal encontrar um modo de assegurar para si as alegrias terrenas, em que seus corações estão principalmente firmados, de forma que não pudessem ser perdidas nem diminuídas enquanto vivessem, como considerariam grande privilégio, ainda que outras coisas que estimam em menor grau estivessem sujeitas à mesma incerteza de agora! Por outro lado, esses prazeres terrenos, nos quais os homens depositam principalmente seus corações, são, com frequência, transitórios. Mas como é grande a felicidade daqueles que escolheram a Fonte de todo bem, que O preferem a todas as coisas no céu ou na terra, e que jamais podem dEle ser privados por toda a eternidade!

2. Que todos, à vista dessas coisas, examinem e testem a si mesmos, se são santos ou não. Uma vez que o que foi exposto é o espírito dos santos, e lhes é peculiar, ninguém pode usar a linguagem do texto e dizer: “Quem mais tenho eu no céu? Não há outro em quem eu me compraza na terra”, senão os santos. A escolha de um homem é o que determina seu estado. O que escolhe Deus por sua porção, e O prefere a todas as coisas, é um homem piedoso, pois *esse* O escolhe e adora

como Deus. Honrá-lo como Deus é respeitá-lo acima de todas as coisas; e se alguém O honra como o *seu* Deus, *seu Deus Ele é*; há uma união e relação de pacto entre esse homem e o verdadeiro Deus. Todo homem é à semelhança de seu Deus. Se quiser saber quem é o homem, se é piedoso ou não, questione-o sobre quem é o seu Deus. Se o verdadeiro Deus for aquele a quem tem supremo respeito, a quem considera acima de tudo, sem dúvidas, ele é um servo do Deus verdadeiro. Mas se o homem tem algo a mais pelo qual tem maior respeito do que a Jeová, então este homem não é piedoso.

Questionem-se, portanto, quanto a sua situação – vocês prefere Deus acima de todas as coisas? Às vezes, pode ser difícil a determinação satisfatória disso, pois o ímpio pode ser ludibriado por falsas afeições e o piedoso, baseado em débeis padrões, pode perder [a noção] destas coisas. Portanto, vocês devem fazer uma autoanálise quanto a esta matéria, de diversos modos; se não puderem falar plenamente sobre uma coisa, talvez possam em relação a outras:

1. Qual é o desejo *principal* que os faz querer ir ao céu quando morrerem? É verdade que alguns não têm grande desejo de ir para o céu. Não se importam em ir para o inferno, mas, se pudessem se safar dele, não teriam muita preocupação com o céu. Se este não for o seu caso, mas vocês acham que têm desejo de ir para o céu, então se questionem quanto ao porquê disso. É precipuamente por querer estar com Deus, ter comunhão com Ele, e ser conformado a Ele para que possam vê-lo, e desfrutá-lo lá? É esta a consideração que guarda seus corações, e desejos e expectativas em relação ao céu?

2. Se vocês pudessem evitar a morte, e tivessem livre escolha, escolheriam viver *sempre* neste mundo sem Deus, ao invés de, no tempo dele, partir do mundo a fim de estar com Ele? Se pudessem viver aqui em prosperidade terrena por toda a eternidade, mas destituído da Sua presença e comunhão – não tendo relação espiritual entre Deus e suas almas, sendo vocês e Deus alienados uns dos outros para sempre – escolheriam isso ao invés de partir do mundo, a fim de habitar no céu como filhos de Deus, aproveitando lá os privilégios gloriosos de filhos, em um amor santo e perfeito a Ele, e no Seu gozo por toda a eternidade?

3. Vocês preferem Cristo a todos os outros como o *caminho* para o céu? Aquele que escolhe verdadeiramente Deus, O prefere em cada pessoa da Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo: o Pai, como seu Pai; o Filho como seu Salvador; o Espírito Santo como seu Santificador. Questionem-se, portanto, não apenas se escolheram o gozo de Deus no céu como sua mais alta porção e felicidade, mas também se escolheram a Jesus Cristo antes de todas as coisas, como o caminho para o céu; e isso com um senso da excelência de Cristo, e do caminho da salvação por Ele, como sendo algo [que serve] para a glória de Cristo e da soberana graça. É o caminho da livre graça, pelo sangue e justiça do bendito e glorioso Redentor, o caminho mais excelente para a vida em sua estima? Isso acrescenta valor para a herança celestial que é desta forma conferida? Isso é muito melhor para

vocês que ser salvo por suas próprias justiças, por quaisquer de suas realizações, ou por qualquer outro mediador?

4. Se pudessem ir para o céu da maneira que lhes agradasse, vocês prefeririam a todos os outros o caminho do *estrito andar* com Deus? Os que preferem Deus, da maneira como foi representado, escolhem-no não apenas no fim, mas no meio. Preferem estar com Deus a qualquer outro, não apenas quando chegam ao fim de sua jornada, mas também enquanto estão na sua peregrinação. Preferem andar com Deus, embora seja caminho de labor, e cuidado, e auto renúncia ao invés do caminho do pecado, embora este seja caminho de ociosidade e gratificação das luxúrias.

5. Se vocês pudessem passar a eternidade neste mundo, escolheriam antes viver em circunstâncias humildes e rebaixadas, tendo a graciosa presença de Deus, a viver para sempre na prosperidade sem Ele? Prefeririam gastá-la no santo viver, servindo e andando com Deus e no gozo dos privilégios de seus filhos? Deus, com frequência, se manifestando a vocês como Pai, revelando-lhes a Sua glória, manifestando Seu amor e levantando a luz do seu rosto sobre vocês! Escolheriam antes essas coisas, embora em pobreza, a abundar nas coisas mundanas, vivendo na opulência e prosperidade, e, ao mesmo tempo, sendo um estranho à aliança de Israel? Poderiam se satisfazer em não estar em relação filial com Deus, não gozar de gracioso relacionamento com Ele, não tendo direito algum de serem reconhecidos como filhos? Ou tal vida, mesmo que com enorme prosperidade terrena, seria por vocês estimada como miserável?

Se, apesar de tudo, vocês permanecerem em dúvida, e com dificuldade em determinar se preferem verdadeira e sinceramente Deus a todas as outras coisas, mencionarei duas coisas que são os modos mais certos de determinar-se nesta matéria, e que parecem ser as melhores bases de satisfação nela.

1. O sentimento de algum particular, forte e vívido *exercício* de tal espírito. Uma pessoa pode ter tal espírito que é referido na doutrina, e ter o exercício dele em um grau inferior, e ainda assim permanecer em dúvida quanto a tê-lo ou não, e ser incapaz de chegar a uma determinação satisfatória. Mas Deus se agrada de, às vezes, dar descobertas de Sua glória, e da excelência de Cristo, a fim de impelir o coração, para que saibam além de toda dúvida, que sentem o mesmo espírito referido por Paulo quando disse que contava todas as coisas como perda por causa da excelência de Cristo Jesus, seu Senhor, e possam dizer tão ousadamente como ele, e como o salmista, no texto: “Quem mais tenho eu no céu? Não há outro em quem eu me compraza na terra.”

Em tais tempos o povo de Deus não precisa da ajuda de ministros para satisfazê-los quanto a terem o verdadeiro amor de Deus, pois claramente o veem e sentem; e o Espírito de Deus então testemunha com seus espíritos que são filhos de Deus. Portanto, se vocês estiverem satisfeitos a este ponto, e honestamente buscam tais realizações; busquem para que possam ter claros e vívidos exercícios deste espírito. Para este fim, devem se esforçar para crescer em graça. Embora tenham

tido tais experiências no passado, e elas os satisfizeram então, contudo, vocês podem novamente entrar em dúvidas. Devem, portanto, buscar para que elas sejam mais frequentes, e o caminho nessa direção é sinceramente seguir adiante, para que tenham mais intimidade com Deus, e tenham os princípios da graça fortalecidos. Este é o caminho para fortalecer os exercícios da graça, vivificá-los, e torná-los mais frequentes, e assim serem satisfeitos em ter um espírito de amor supremo a Deus.

2. O outro caminho é inquirir se vocês preferem Deus a todas as coisas na *prática*, isto é, quando têm a ocasião de manifestar pela sua prática aquilo que vocês preferem – quando podem se apegar a um ou a outro, e devem esquecer-se de uma ou outra coisa, ou de Deus – se então for seu costume na prática preferirem Deus a todas as outras coisas, sejam elas quais forem, mesmo aquelas terrenas as quais seus corações estão mais ligados. Suas vidas são apegadas a Deus, e o servem deste modo?

O que prefere sinceramente Deus a todas as outras coisas em seu coração, o fará na sua prática. Pois quando Deus e todas as outras coisas vierem a competir, esse é o teste apropriado para saber o que um homem prefere; e a maneira de agir em tais casos deve certamente determinar qual deve ser a escolha em todos os agentes livres, ou aqueles que agem em escolha. Portanto, não há sinal de sinceridade mais insistido na Bíblia que este: que neguemos a nós mesmos, vendamos tudo, esqueçamos o mundo, tomemos a cruz, e sigamos Cristo aonde quer que Ele vá. Portanto, corram dessa maneira, não na incerteza; assim lutem, não como quem desfere socos ao ar; mas esmurrem seus corpos e os reduzam à escravidão. E ajam não como se houvessem atingido a perfeição; mas fazendo uma coisa: “Esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus.” E 2 Pe 1.5: “Por isso mesmo, vós, reunindo toda a vossa diligência, associai com a vossa fé a virtude; com a virtude, o conhecimento; com o conhecimento, o domínio próprio; com o domínio próprio, a perseverança; com a perseverança, a piedade; com a piedade, a fraternidade; com a fraternidade, o amor. Porque estas coisas, existindo em vós e em vós aumentando, fazem com que não sejais nem inativos, nem infrutuosos no pleno conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo.”

A MUDANÇA E PERPETUIDADE DO SABBATH

A PERPETUIDADE DO 4º MANDAMENTO

"Quanto à coleta para os santos, fazei vós também como ordenei às igrejas da Galácia. No primeiro dia da semana, cada um de vós ponha de parte, em casa, conforme a sua prosperidade, e vá juntando, para que se não façam coletas quando eu for." (1 Coríntios 16:1, 2)

Encontra-se mencionada com frequência no Novo Testamento uma coleta, feita pelas igrejas gregas para os irmãos da Judeia, que estavam reduzidos a uma aguda necessidade devido a uma fome que então prevalecia, e que era ainda mais crítica para eles devido a suas circunstâncias, tendo sido, desde o início, oprimidos e perseguidos pelos judeus incrédulos. Esta coleta, ou contribuição, é mencionada duas vezes no livro de Atos (11:28-30 e 24:17). Também é notada em diversas epístolas, como em Rm 15:26 e em Gl 2:10. Mas é mais amplamente insistida nestas duas epístolas aos coríntios. Na primeira, no capítulo 16, e na segunda, capítulos 8 e 9. O apóstolo inicia suas instruções, que aqui ele entrega com relação a este assunto, com as palavras do nosso texto, no qual observamos:

1. Qual é o dever que o apóstolo os instrui a fazer: o exercício e a manifestação de caridade para com seus irmãos, repartindo com eles para o suprimento de suas necessidades. Isto foi com frequência insistido por Cristo e pelos apóstolos como um dever primordial da religião cristã, e é assim expressamente declarado o ser pelo apóstolo Tiago, no cap. 1:27: "A religião pura e sem mácula, para com o nosso Deus e Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações."

2. Observamos o tempo em que o apóstolo os orienta para que isto seja feito, isto é, "no primeiro dia da semana." Pela inspiração do Espírito Santo, ele insiste nisso, que seja feito nesse dia específico da semana, como se nenhum outro fosse tão bom, ou tão apropriado e adequado para tal Obra. Assim, embora o apóstolo inspirado não devesse fazer aquela distinção de dias, nos tempos do evangelho, que os judeus faziam, como aparece em Gl 4:10: "Guardais dias, e meses, e tempos, e anos." etc., contudo, aqui, dá preferência a um dia da semana antes de qualquer outro, para a realização de certo dever grandioso do cristianismo.

3. Pode ser observado que o apóstolo ordenou às outras igrejas que estavam concentradas no mesmo dever que o fizessem no primeiro dia da semana, 1 Co 16:1: "fazei vós também como ordenei às igrejas da Galácia." Logo, podemos aprender que não havia nada peculiar às circunstâncias dos cristãos em Corinto, que fosse a razão pela qual o Espírito Santo insistiu que a coleta fosse realizada neste dia da semana. Paulo havia dado ordens semelhantes às igrejas da

Galácia. Ora, a Galácia era muito distante de Corinto. O mar as separava, e havia muitos países entre elas. Portanto, não se pode pensar que o Espírito Santo os orientasse neste sentido por motivos seculares, observando circunstâncias particulares do povo dessa cidade, mas sim por motivos religiosos. Ao dar a preferência a este dia da semana para tal obra, antes de qualquer outro, Ele tem em vista algo que alcança a todos os cristãos, em todos os lugares.

E por outras passagens do Novo Testamento aprendemos que a situação era a mesma para outros exercícios da religião, e que o primeiro dia da semana tinha preferência a qualquer outro dia, nas igrejas imediatamente sob o cuidado dos apóstolos, para o atendimento dos exercícios da religião em geral. At 20:7: "No primeiro dia da semana, estando nós reunidos com o fim de partir o pão, Paulo, que devia seguir viagem no dia imediato, exortava-os e prolongou o discurso até à meia-noite." Por estas coisas, parecia acontecer com os cristãos primitivos, nos dias apostólicos, com relação ao primeiro dia da semana, o mesmo que com os judeus com respeito ao sétimo.

É-nos ensinado por Cristo que o dar esmolas e mostrar misericórdia são obras apropriadas para o *Sabbath*. Quando os fariseus culparam a Cristo por permitir que seus discípulos colhessem espigas e as comessem no *Sabbath*, Cristo os corrige com o ditado: "Misericórdia quero e não holocaustos," e ensina que as obras de misericórdia são adequadas para o *Sabbath* (Lc 13:15, 16 e 14:5). Estas obras costumavam ser feitas nos festivais sagrados e nos dias de júbilo, no Antigo Testamento, como na época de Neemias e Ester (Ne 8:10 e Et 9:19, 22). Josefo e Filo, dois judeus muito distintos, escrevendo não muito tempo depois de Cristo, relatam que era o costume entre os judeus, no *Sabbath*, fazer coletas para usos sagrados e piedosos.

Doutrina

É a intenção e vontade de Deus que o primeiro dia da semana deva ser especialmente separado entre os cristãos para os exercícios e deveres religiosos.

Que esta seja a doutrina que o Espírito Santo queria nos ensinar, por esta e algumas outras passagens do Novo Testamento, espero que pareça claro pela sequência. Esta é a doutrina em que fomos geralmente educados pelas instruções e exemplos de nossos pais; e esta tem sido a profissão geral do mundo cristão: que este dia deva ser religiosamente observado e distinguido dos demais dias da semana.

Contudo, alguns o negam. Alguns se recusam a observar o dia, como [se fosse] diferente dos demais. Outros concordam que seja um costume louvável da igreja cristã, ao qual ela se apegou por consenso, e pelo apontamento de seus líderes comuns, para que este dia fosse separado para o culto público. Mas negam que haja qualquer outra origem para o dia, senão o prudente apontamento humano. Outros observam religiosamente o *Sabbath* judaico, como de perpétua obrigação, e exigem um fundamento para determinar que este tenha sido ab-rogado, e outro dia da semana indicado no

lugar do sétimo.

Todas estas classes de homens dizem que não há clara revelação de que seja a intenção e vontade de Deus que o primeiro dia da semana deva ser observado como um dia a ser separado para exercícios religiosos no lugar do sétimo. Isso deveria acontecer [segundo eles], para que a igreja cristã o observasse como uma instituição divina. Dizem que não podemos nos ater às tradições dos tempos antigos, ou às incertezas e inferências especulativas de algumas passagens históricas do Novo Testamento, ou a algumas dicas obscuras e incertas nos escritos apostólicos. Mas, deveríamos esperar alguma instituição clara, a qual, dizem, podemos concluir que Deus nos daria, se fosse seu desígnio que toda a Igreja cristã, em todas as eras, devesse observar outro dia da semana como um santo *Sabbath*, em lugar do antigo, que foi apontado por clara e positiva instituição.

Assim, pois, é indubitavelmente verdadeiro que se esta for a intenção e vontade de Deus, Ele não deixou a matéria para a tradição humana, mas revelou sua intenção sobre ela na Sua palavra, de forma a poder ser encontrada boa e substancial evidência que esta seja Sua intenção. E, sem dúvidas, a revelação é clara o suficiente para quem tem ouvidos para ouvir, isto é, para os que com justiça exercitarem seus entendimentos acerca do que Deus lhes fala. Nenhum cristão, portanto, deveria descansar enquanto não houver satisfatoriamente descoberto a vontade de Deus nesta matéria. Se o *Sabbath* cristão for uma instituição divina, é, sem dúvidas, de grande importância para a religião que ele seja guardado. Portanto, que cada cristão esteja bem familiarizado com a instituição.

Se os homens apenas têm confiança e guardam o primeiro dia da semana porque seus pais os ensinaram, ou porque veem os outros fazendo, jamais serão propensos a guardá-lo tão consciente ou estritamente como o fariam, se fossem convencidos, ao verem por si mesmos, que há boa base na palavra de Deus para a sua prática. A menos que de fato vejam por si, quando forem negligentes em santificar o *Sabbath*, ou culpados de profaná-lo, suas consciências não terão a vantagem de afetá-los por isso, como fariam se fosse o contrário. E os que têm um desejo sincero de obedecer a Deus em todas as coisas guardarão o *Sabbath* mais cuidadosa e alegremente, se houverem visto e sido convencidos que nisso agem de acordo com a vontade e ordenança de Deus, e com o que é aceitável a Ele. E terão também muito mais conforto ao refletir sobre haverem cuidadosa e dolorosamente guardado o *Sabbath*.

Portanto, é meu desígnio, com o auxílio de Deus, mostrar que está suficientemente revelado nas Escrituras ser a intenção e vontade de Deus que o primeiro dia da semana deva ser separado na Igreja cristã dos outros dias, como um *Sabbath*, para ser devotado a exercícios religiosos.

A fim de fazer isto, parto da premissa de que a intenção e vontade de Deus, com relação a qualquer dever a ser realizado por nós, podem ser suficientemente reveladas na sua palavra sem um preceito específico, com muitos termos expressos, ordenando-as. O entendimento humano é o ouvido

ao qual a Palavra de Deus é falada; e, se ela for falada de tal maneira que esse ouvido possa claramente escutá-la, é o suficiente. Deus é soberano na maneira em que declara a Sua vontade, quer a fale em termos expressos, quer a fale ao dizer diversas outras coisas que a impliquem, e pelas quais, quando comparamos [essas coisas], claramente percebamos [sua vontade]. Se a vontade de Deus não é senão a revelada, e se não for meramente o meio suficiente para a comunicação de sua vontade a nós, isto é o suficiente, quer ouçamos diversas palavras expressas com nossos ouvidos, ou as vejamos com nossos olhos, quer vejamos a coisa que Ele quer nos dizer pelo olho da razão e do entendimento.

Quem pode positivamente dizer que, se houvesse sido a vontade de Deus que guardássemos o primeiro dia da semana, Ele o teria ordenado em termos expressos, como o fez com a observância do antigo sétimo dia? Na verdade, se Deus assim houvesse criado nossas faculdades, que não fôssemos capazes de receber uma revelação de Sua vontade de outra maneira, então haveria alguma razão em afirmar isso. Mas Deus nos deu tal entendimento, que somos capazes de receber uma revelação quando é feita de maneira diversa. E, se Deus lida conosco de acordo com nossas naturezas, e de maneira adequada a nossas capacidades, é o suficiente. Se Deus desvenda sua vontade de outra maneira qualquer, desde que seja de acordo com nossas faculdades, somos obrigados a obedecê-la; e Ele deve esperar nosso reconhecimento e observância de Sua revelação, da mesma maneira como se a houvesse revelado em termos expressos.

Falarei sobre este assunto usando as seguintes proposições gerais:

1. É suficientemente claro que é a vontade Deus que um dia da semana deva ser devotado ao descanso, e aos exercícios religiosos, por todas as eras e nações.

2. É suficientemente claro que, sob a dispensação do evangelho, este dia é o primeiro dia da semana.

1ª Proposição: é suficientemente claro que é a vontade Deus que um dia da semana deva ser devotado ao descanso e aos exercícios religiosos, por todas as eras e nações, e não apenas entre os antigos israelitas, até que Cristo viesse, mas até mesmo nos tempos evangélicos, e entre todas as nações que professam o cristianismo.

1. A partir da consideração da natureza e estado da humanidade neste mundo, é muito harmonioso à razão humana que certas partes fixas do tempo sejam separadas para serem gastas integralmente pela igreja em exercícios religiosos, e nos deveres do culto divino. É um dever imprescindível de toda humanidade, em todas as épocas, sem exceção, adorar e servir a Deus. Seu serviço deve ser nossa maior ocupação. Devemos adorá-lo com a maior devoção e envolvimento de mente; e, portanto, devemos nos colocar, em tempos apropriados, nas circunstâncias que mais contribuem para tornar nossas mentes inteiramente devotadas a este serviço, sem que sejam desviadas ou interrompidas por outras coisas.

O estado da humanidade neste mundo é tal que somos chamados a nos ocupar em negócios e assuntos seculares que, necessariamente, e em um grau considerável, tomarão nossos pensamentos e exigirão a atenção da mente. Contudo, algumas pessoas em particular, podem estar em circunstâncias mais livres e desobrigadas. Porém, o estado da humanidade é tal que a vasta maioria dela, em todas as eras e nações, é chamada ordinariamente a exercitar seus pensamentos acerca de assuntos seculares, e seguir os negócios mundanos que, por sua própria natureza, são remotos dos deveres solenes da religião.

É, portanto, muito conveniente e adequado que certas partes do tempo sejam separadas, nas quais seja exigido que os homens deixem de lado todas as preocupações, para que suas mentes possam estar mais livres e inteiramente engajadas nos exercícios espirituais, nos deveres da religião e no culto imediato a Deus. E suas mentes, estando desobrigadas das preocupações comuns, não misturem estas com sua religião.

Também é conveniente que estes tempos sejam fixos e estabelecidos, para que a Igreja concorde neles, e que sejam os mesmos para todos, para que não venham interromper uns aos outros, mas possam mutuamente assistir-se por exemplo comum. Pois o exemplo tem grande influência em tais casos. Se houver tempo separado para o júbilo público, e houver uma manifestação geral de alegria, o exemplo geral parece inspirar os homens com um espírito de alegria – um incendeia o outro. Da mesma forma, se é tempo de lamentação, e houver mostras e manifestações gerais de luto, isto naturalmente afeta a mente e a dispõe à depressão, lança um abismo sobre ela e a torna, por assim dizer, apática, mortificando os espíritos. Portanto, se certo tempo for separado como santo, para a devoção geral, e para os solenes exercícios religiosos, um exemplo geral tende a tornar o espírito sério e solene.

2. Sem dúvidas, uma proporção de tempo é melhor e mais apta que outra para este propósito. Uma proporção é mais adequada para o estado da humanidade, e terá maior tendência a responder ao propósito de tais tempos, que outra. Os tempos podem ser muito separados entre si. Acho que a razão humana é suficiente para determinar que seria muito escasso para os propósitos de tempos tão solenes que fossem apenas uma vez no ano. Da mesma forma, concluo, ninguém negará que estes tempos não podem ser muito próximos entre si, para não serem inconvenientes com o estado e assuntos necessários da humanidade.

Portanto, não pode haver dificuldade em concordar que uma determinada proporção de tempo, quer a possamos determinar ou não, seja realmente mais adequada e melhor (considerando o fim para o qual se mantém tais tempos, a condição, circunstâncias e assuntos necessários dos homens, e considerando qual é o estado da humanidade, ao comparar uma era e nação com a outra) e mais conveniente que outra qualquer. Isto Deus pode saber e determinar com exatidão, embora nós, devido à escassez de entendimento, não possamos.

Assim como uma certa frequência de retorno destes tempos possa ser mais adequada que outra, da mesma maneira a extensão ou continuidade deles pode ser mais conveniente que outra, a fim de responder ao propósito de tais tempos. Se eles, quando viessem, não durassem senão uma hora, não responderiam bem ao seu fim; pois, assim, as coisas mundanas se empilhariam muito próximas aos exercícios sagrados, e não haveria oportunidade de manter a mente tão completamente livre e desobrigada de outras coisas, como seria o caso se o tempo fosse mais longo. Estando tão próximas, as coisas sagradas e profanas seriam, por assim dizer, misturadas. Portanto, uma certa distância entre estes tempos, e uma certa continuidade deles quando vierem, são mais apropriadas que outras. Isto Deus sabe e é capaz de determinar, embora nós, talvez, não possamos.

3. Não é razoável supor nada mais, a não ser que os dias em que Deus trabalhou, descansando no sétimo e o consagrando e santificando, deviam servir de modelo para determinar esta matéria, e que foi escrito para que a prática da humanidade em geral pudesse ser, de uma maneira ou outra, regulada por ele. Qual poderia ser o sentido de Deus descansar ao sétimo dia, e consagrá-lo e santificá-lo, fazendo-o antes da entrega do quarto mandamento, senão que o abençoava e santificava com respeito à humanidade? Pois não o abençoou e santificou com respeito a Si mesmo, como se Ele mesmo devesse observá-lo: isso seria completo absurdo. E não é razoável supor que o santificou apenas com respeito aos judeus, uma nação específica que surgiu mais de dois milênios depois.

Portanto, deve ser entendido por isso, que era Sua vontade que a humanidade devesse, seguindo Seu exemplo, trabalhar seis dias, e, então, descansar, e consagrar ou santificar o dia seguinte. E que devia santificar todo dia sétimo, ou que o espaço entre descanso e descanso, um tempo consagrado e outro, entre suas criaturas sobre a terra, devia ser de seis dias. Portanto, conclui-se daí, ser a vontade e propósito de Deus que, não apenas os judeus, mas os homens em todas as eras e nações, santificassem um dia em sete: que é o que estamos nos esforçando por provar.

4. O desígnio de Deus nessa matéria está claramente revelado no quarto mandamento. A vontade de Deus está lá revelada, não apenas para a nação israelita, mas para que todas as nações devessem guardar todo sétimo dia como santo; ou, o que é a mesma coisa, um dia depois de cada seis. Este mandamento, bem como todos os demais, é, sem dúvidas, eterno e de perpétua obrigação, ao menos em sua substância, como está implícito por ter sido gravado nas tábuas de pedra. Nem se deve pensar que Cristo aboliu quaisquer dos dez mandamentos; mas ainda há este número completo, até ao fim do mundo.

Alguns dizem que o quarto mandamento é perpétuo, mas não no seu sentido literal; não como se designasse certa proporção particular de tempo para ser separada e devotada ao descanso literal e a exercícios religiosos. Dizem que ele prevalece apenas em seu sentido místico, isto é, que este

descanso semanal dos judeus tipificava o descanso espiritual da igreja cristã; e que os que estão debaixo do evangelho não devem fazer distinção entre dias e dias, mas manter todos os dias santos, fazendo tudo de uma maneira espiritual.

Mas esta é uma maneira absurda de interpretar o mandamento, no que se refere aos cristãos. Pois se foi abolido a esse ponto, está inteiramente abolido, uma vez que é seu exato propósito fixar o tempo da adoração. O primeiro mandamento fixa o objeto, o segundo os meios, o terceiro a forma, o quarto o tempo. E, se prevalece agora apenas como se indicasse o descanso espiritual do cristão, e o santo proceder em todos os tempos, não mais permaneceria como um dos dez mandamentos, mas como um resumo deles.

A principal objeção contra a perpetuidade deste mandamento é que o dever requerido não é moral. Aquelas leis cujas obrigatoriedades surgem da natureza das coisas, e do estado e natureza gerais da humanidade, bem como da vontade revelada positiva de Deus, são chamadas de leis morais. Outras, cujas obrigações dependem meramente de instituição positiva e arbitrária de Deus, tais como as leis cerimoniais, e os preceitos do evangelho sobre os dois sacramentos, não são morais. Ora, os objetores dizem que aquiescerão a tudo que seja moral no decálogo como de obrigação perpétua; mas este mandamento, dizem, não é moral.

Mas esta objeção é fraca e insuficiente para o propósito a que pretende, isto é, provar que o quarto mandamento, na sua substância, não é de obrigação perpétua. Pois:

a) Se se deve conceder que não há moralidade anexada ao mandamento, e que o dever requerido é encontrado meramente em instituição arbitrária, não se pode, portanto, certamente concluir-se que o mandamento não é perpétuo. Sabemos que pode haver ordenanças em vigor sob o evangelho, e até o fim do mundo, que não são morais: tais como as instituições dos dois sacramentos. E por que não pode haver mandamentos positivos em vigor em todas as eras da igreja? Se instituições positivas e arbitrárias estão em vigor nos tempos evangélicos, por que se conclui que não pode haver preceito positivo dado antes dos tempos do evangelho ainda em vigor? Mas,

b) Como já observamos, a questão em geral de que deve haver certas porções fixas de tempo separadas para serem devotadas aos exercícios religiosos, é encontrada na conveniência, surgindo da natureza das coisas, e da natureza e estado universais da humanidade. Portanto, há tanta razão para que possa haver um mandamento de obrigação perpétua e universal sobre isso, como sobre quase todos os outros deveres. Pois se a questão em geral, que deve haver um tempo fixo, for fundamentada na natureza das coisas, há, consequentemente, uma necessidade dela, que o tempo seja limitado por mandamento, pois deve haver uma proporção de tempo fixada, porque, se não, o dever moral geral não poderá ser observado.

A determinação da proporção do tempo no quarto mandamento, também é fundamentada na natureza das coisas, apenas nosso entendimento não é suficiente para determiná-la em absoluto por

si mesma. Já observamos que, sem dúvidas, uma proporção de tempo é, em si mesma, mais adequada que outra, e uma certa continuidade de tempo, é mais conveniente que outra, considerando o estado universal e a natureza da humanidade, que Deus sabe, embora nosso entendimento não seja perfeito o suficiente para determinar. Portanto, a diferença entre este e os outros mandamentos, não reside no fato de que os outros são achados na própria conveniência das coisas, surgindo do estado universal e da natureza da humanidade, e este não. Mas, apenas, que a conveniência dos outros mandamentos é mais óbvia ao entendimento dos homens, e eles podem vê-la por si mesmos; mas este não pode ser precisamente descoberto e positivamente determinado sem a assistência da revelação.

Portanto, o mandamento de Deus, de que o sétimo dia deva ser devotado aos exercícios religiosos, é encontrado no estado e natureza universais da humanidade, semelhantemente aos outros mandamentos; apenas a razão humana não é suficiente para determiná-lo com exatidão, sem a direção divina, embora talvez seja suficiente para determinar que não deva ser numa frequência muito maior ou menor que um dia em sete.

5. Deus aparece na sua palavra enfatizando mais abundantemente este preceito com relação ao *Sabbath*, que qualquer outro da lei cerimonial. Está no decálogo, um dos dez mandamentos, que foram entregues por Deus em voz audível. Foi escrito com Seu próprio dedo nas tábuas de pedra na montanha, e foi, posteriormente, ordenado a Moisés que fosse escrito nas tábuas. A guarda do *Sabbath* semanal é dita pelos profetas como aquilo em que consiste grande parte da santidade da vida, e está inserida entre os deveres morais, em Isaías 58:13-14*:* "Se desviares o pé de profanar o sábado e de cuidar dos teus próprios interesses no meu santo dia; se chamares ao sábado deleitoso e santo dia do SENHOR, digno de honra, e o honrares não seguindo os teus caminhos, não pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falando palavras vãs, então, te deleitarás no SENHOR. Eu te farei cavalgar sobre os altos da terra e te sustentarei com a herança de Jacó, teu pai, porque a boca do SENHOR o disse."

6. Está predito que este mandamento devia ser guardado nos tempos do evangelho; assim como no princípio, quando a observância devida do *Sabbath* é encarada como grande parte da santidade da vida, e colocada entre os deveres morais. Também é mencionado como um dever que seria muito aceitável diante de Deus por parte do Seu povo, mesmo quando o profeta está falando dos tempos do evangelho, como na passagem anterior de Isaías, no seu primeiro versículo. E, no terceiro e quarto versos, o profeta está falando da abolição da lei cerimonial nos tempos do evangelho, e particularmente daquela lei que proibia os eunucos de virem à congregação do Senhor. Contudo, aqui, o homem que se guarda de profanar o sábado é declarado bendito, v. 2. E mesmo na própria sentença onde os eunucos são referidos como estando livres da lei cerimonial, são referidos como ainda estando debaixo da obrigação de guardar o *Sabbath*, e, de fato, o guardá-lo é algo em que Deus impõe grande ênfase: "Porque assim diz o SENHOR: Aos eunucos que guardam os meus

sábados, escolhem aquilo que me agrada e abraçam a minha aliança, darei na minha casa e dentro dos meus muros, um memorial e um nome melhor do que filhos e filhas; um nome eterno darei a cada um deles, que nunca se apagará."

Além disso, os estrangeiros, referidos nos vv. 6 e 7, são os gentios que deveriam ser chamados nos tempos do evangelho, como é evidente pela última cláusula no v. 7, e no 8 de Isaías 56: "porque a minha casa será chamada Casa de Oração para todos os povos. Assim diz o SENHOR Deus, que congrega os dispersos de Israel: Ainda congregarei outros aos que já se acham reunidos." Contudo, é aqui representado como dever deles guardar o *Sabbath*: "Aos estrangeiros que se chegam ao SENHOR, para o servirem e para amarem o nome do SENHOR, sendo deste modo servos seus, sim, todos os que guardam o sábado, não o profanando, e abraçam a minha aliança."

7. Temos em Mt 24:20 um argumento adicional para a perpetuidade do *Sabbath*: "Orai para que a vossa fuga não se dê no inverno, nem no sábado." Cristo está, aqui, falando do fuga dos apóstolos e dos outros cristãos de Jerusalém e da Judeia, na iminência de sua destruição final, como é manifesto pelo contexto, especialmente pelos verso 16: "então, os que estiverem na Judéia fujam para os montes." Mas esta destruição final de Jerusalém foi posterior à dissolução da lei judaica, e após o estabelecimento da dispensação cristã. Porém, está claramente implícito nestas palavras de nosso Senhor que, mesmo então, os cristãos estavam obrigados a uma estrita observância do *Sabbath*.

Assim, mostrei que é a vontade de Deus, que todo sétimo dia seja devotado ao descanso e aos exercícios religiosos.

A MUDANÇA E PERPETUIDADE DO SABBATH

POR QUE O DIA FOI MUDADO?

"Quanto à coleta para os santos, fazei vós também como ordenei às igrejas da Galácia. No primeiro dia da semana, cada um de vós ponha de parte, em casa, conforme a sua prosperidade, e vá juntando, para que se não façam coletas quando eu for." (1 Coríntios 16:1,2)

A doutrina fundamentada nestas palavras é que: é a intenção e vontade de Deus que o primeiro dia da semana deva ser especialmente separado entre os cristãos para os exercícios e deveres religiosos.

Propus-me a discursar sobre esta doutrina usando duas proposições, e já havendo, na primeira, me esforçado por provar que um dia da semana deve, em todas as eras, ser devotado aos exercícios religiosos, prossigo agora para a proposição seguinte:

Proposição II. É a vontade de Deus que, na dispensação do evangelho, ou na igreja cristã, este dia seja o primeiro da semana.

A fim de confirmarmos isto, considere-se o seguinte:

1. As palavras do quarto mandamento não representam objeção contra este dia, ou qualquer outro, ser o *Sabbath*. Que este que, de acordo com o cálculo judaico, é o primeiro dia da semana, deva ser guardado como um *Sabbath*, não contradiz qualquer sentença ou palavra do quarto mandamento mais do que se o sétimo for tal dia. As palavras do quarto mandamento não determinam que dia da semana devemos guardar como um *Sabbath*; elas meramente determinam que devemos descansar e guardar como um *Sabbath* todo sétimo dia, ou um dia depois de cada seis. Diz: "Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra." E, no sétimo, descansarás. Isto implica nada mais que, após seis dias de trabalho, devemos descansar e santificar o próximo dia depois do sexto. E esta é nossa obrigação perpétua. Mas as palavras, de forma alguma, determinam quando estes seis dias devem começar, e, dessa maneira, quando o descanso ou *Sabbath* deve cair. Não há instrução no quarto mandamento sobre como computar o tempo, ou seja, onde iniciá-lo e terminá-lo; supõe-se que isto seja determinado em outra parte.

Os judeus não sabiam, pelo quarto mandamento, onde começar esses seis dias, e em que dia particular descansar; isto foi determinado por outro preceito. O quarto mandamento, de fato, supõe um determinado dia particular, mas não aponta esse dia. Ele exige que descansemos e santifiquemos um dia sétimo, um a cada seis dias de labor, dia esse que Deus ou apontara ou haveria de apontar. Esse dia particular foi determinado para aquela nação em outro lugar, isto é, em Êxodo 16:23, 25,

26: “Respondeu-lhes ele: Isto é o que disse o SENHOR: Amanhã é repouso, o santo sábado do SENHOR; o que quiserdes cozer no forno, cozei-o, e o que quiserdes cozer em água, cozei-o em água; e tudo o que sobrar separai, guardando para a manhã seguinte. Então, disse Moisés: Comei-o hoje, porquanto o sábado é do SENHOR; hoje, não o achareis no campo. Seis dias o colhereis, mas o sétimo dia é o sábado; nele, não haverá.” Este é o primeiro lugar que temos menção feita ao sábado, desde o primeiro sábado em que Deus descansou.

Parece que os israelitas, no seu tempo de cativeiro no Egito, haviam perdido a verdadeira contagem dos dias da semana, contagem essa advinda do primeiro dia da criação. Eram escravos, em cruel servidão, e haviam em grande parte esquecido a verdadeira religião, pois nos é dito que serviam aos deuses do Egito. Não se deve pensar que os egípcios permitiriam que seus escravos descansassem do trabalho a cada sétimo dia. Ora, tendo permanecido por tanto tempo na servidão, eles provavelmente perderam o cálculo semanal; portanto, Deus, ao tirá-los do Egito e levá-los ao deserto, torna-lhes conhecido o sábado, na ocasião e na maneira registradas no texto já citado. Assim, lemos em Neemias que, quando Deus tirou os filhos de Israel do Egito, deu-lhes a conhecer seu santo sábado: “O teu santo sábado lhes fizeste conhecer.” Da mesma forma, lemos em Ezequiel 20:10, 12: “Tirei-os da terra do Egito e os levei para o deserto. Também lhes dei os meus sábados.”

Mas, pelo quarto mandamento, jamais saberiam quando cairia esse dia específico. Na verdade, o quarto mandamento, como expresso aos judeus, referia-se, de fato, ao *Sabbath* judaico. Mas isso não prova que o dia foi determinado e apontado por ele. O preceito no quarto mandamento deve ser tomado, na sua generalidade, como um sétimo dia que Deus havia de apontar, ou já teria apontado. E, por que tal dia específico *já havia* sido apontado para a congregação de Israel, portanto, como foi falado a eles, referia-se de fato àquele dia em particular. Mas, isto não prova que as palavras não se refiram a outro sétimo dia, determinado agora na Igreja cristã. As palavras do quarto mandamento podem obrigar a Igreja, sob diferentes dispensações, a observar determinados dias sétimos diferentes, bem como o quinto mandamento pode obrigar diferentes pessoas a honrar diferentes pais e mães.

O *Sabbath* cristão, no sentido do quarto mandamento, é tanto o sétimo dia quanto o *Sabbath* judaico, pois é guardado após seis dias de trabalho como aquele; é o sétimo, contando do início do nosso primeiro dia de trabalho, bem como aquele era o sétimo desde o início da semana de trabalhos deles. Toda a diferença é que os sete dias, anteriormente, começavam no dia posterior ao descanso de Deus na criação, e agora começam um dia depois desse. Não importam os nomes pelos quais são chamados: se nossa nação houvesse, por exemplo, chamado o primeiro dia da semana de *Wednesday* (quarta-feira), seria irrelevante para esta argumentação.

Portanto, na instituição do sábado cristão, não há mudança no quarto mandamento; mas a mudança é em outra lei, que determinava o início e o fim dos dias de trabalho dos judeus. De modo

que as palavras do quarto mandamento: “Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do SENHOR, teu Deus”, não contradizem aquilo que chamamos de sábado cristão, pois elas ainda vigoram plenamente. Nem surge qualquer objeção justa das palavras seguintes: “porque, em seis dias, fez o SENHOR os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso, o SENHOR abençoou o dia de sábado e o santificou.” Estas palavras não se tornam insignificantes para os cristãos, pela instituição do *Sabbath* cristão: elas ainda permanecem em total vigor naquilo que especialmente se pretende por elas. Têm como propósito nos dar uma razão de por que não devemos trabalhar senão seis dias, e descansar no sétimo, pois este é o modelo dado por Deus. E, tomadas assim, permanecem com tanto vigor como sempre estiveram. Esta ainda é a razão pela qual, como já é o costume, não podemos trabalhar senão num turno de seis dias. Por que razão os cristãos descansam a cada sete, e não oito, nove, ou dez dias? É porque Deus trabalhou seis dias e descansou no sétimo.

É verdade, estas palavras de fato carregam algo mais em seu sentido, na maneira em que foram pronunciadas aos judeus e à Igreja antes da vinda de Cristo. Por elas, também se pretendia que o sétimo dia fosse guardado como uma celebração da obra da criação. Mas isto não representa objeção à suposição de que as palavras, no que se referem a nós, não carregam todos os sentidos que tinham em relação aos judeus. Pois também há outras palavras que foram escritas sobre as tábuas de pedra com os dez mandamentos, que são conhecidas e concorda-se que não tenham o mesmo sentido para nós daquele que tinham para os judeus. Um exemplo são as do prefácio aos dez mandamentos: “Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão.” Estas palavras foram escritas nas tábuas de pedra com as demais, e são ditas a nós, da mesma forma que aos judeus: são faladas a todos a quem os mandamentos são direcionados, pois são um reforço a eles. Entretanto, não têm o sentido completo que tinham para os judeus. Pois nunca fomos tirados do Egito, da casa da servidão, a não ser num sentido místico. O mesmo pode ser dito daquelas palavras que estão inseridas nos próprios mandamentos, como em Deuteronômio 5:15: “porque te lembrarás que foste servo na terra do Egito e que o SENHOR, teu Deus, te tirou dali com mão poderosa e braço estendido; pelo que o SENHOR, teu Deus, te ordenou que guardasses o dia de sábado.” Portanto, todos os argumentos daqueles que são contra o *Sabbath* cristão, advindos do quarto mandamento, e que se apoiam inteiramente nele, reduzem-se a nada.

2. O fato de que a Igreja antiga foi ordenada a guardar um sétimo dia, em comemoração à obra da criação, é um argumento para a guarda de um *Sabbath* semanal em comemoração à obra da redenção, e não uma razão contrária a ela.

Lemos na Escritura a respeito de duas criações, a antiga e a nova: e estas palavras do quarto mandamento devem ser tomadas como de mesma força para aqueles que pertencem à nova criação, com respeito a essa nova criação, como ocorria com os que pertenciam à antiga, com respeito a ela.

Lemos que “No princípio criou Deus os céus e a terra,” e a antiga igreja devia comemorar essa obra. Mas quando Deus cria um novo céu e uma nova terra, os que pertencem a esse novo céu e nova terra, por razões análogas, devem comemorar essa nova criação.

As Escrituras nos ensinam a encarar a antiga criação como se estivesse destruída e, por assim dizer, aniquilada pelo pecado; ou como se reduzida novamente ao caos, sem forma e vazia, como era no princípio. “São sábios para o mal e não sabem fazer o bem. Olhei para a terra, e ei-la sem forma e vazia; para os céus, e não tinham luz.” Ou seja, estavam reduzidos ao mesmo estado do princípio; a terra estava sem forma e vazia, e nela não havia luz, porém as trevas estavam sobre a face do abismo.

As Escrituras nos ensinam a chamar a restauração e redenção do evangelho de criação de um novo céu e nova terra: “Pois eis que eu crio novos céus e nova terra; e não haverá lembrança das coisas passadas, jamais haverá memória delas.” E em Isaías 51:16: “Ponho as minhas palavras na tua boca e te protejo com a sombra da minha mão, para que eu estenda novos céus, funde nova terra e diga a Sião: Tu és o meu povo.” E no capítulo 66:22: “Porque, como os novos céus e a nova terra, que hei de fazer,” etc. Nestes lugares, somos informados não apenas de uma nova criação, ou de um novo céu e de uma nova terra, mas somos informados qual é o sentido disso, isto é, a renovação do evangelho, a transformação de Jerusalém em júbilo, e de seu povo em alegria; dizendo a Sião: “Tu és o meu povo.” O profeta, nestas passagens, profetiza a respeito da redenção do evangelho.

O estado do evangelho em toda parte é descrito como um estado renovado das coisas, onde as antigas passaram, e tudo se fez novo: é dito de nós que somos criados por Cristo Jesus para as boas obras; todas as coisas são restauradas e reconciliadas quer no céu, quer na terra, e Deus faz a luz brilhar nas trevas, como fez no princípio: e a dissolução da comunidade judaica sempre foi mencionada no Antigo Testamento como o fim do mundo. Mas nós, que pertencemos à igreja sob o evangelho, pertencemos à nova criação; portanto, parece haver, no mínimo, tanta razão para celebrar esta obra da criação, quanto havia, para os membros da velha igreja judaica, em celebrar a antiga.

3. Há outra coisa que confirma que o quarto mandamento ensina que Deus descansa tanto da nova quanto da antiga criação: as Escrituras expressamente falam de uma em paralelo com a outra, isto é, o descanso de Cristo da obra da redenção é expressamente referido como sendo paralelo ao descanso de Deus da obra da criação. Hb 4:10: “Porque aquele que entrou no descanso de Deus, também ele mesmo descansou de suas obras, como Deus das suas.”

Ora, Cristo descansou de sua obra quando ressurgiu dos mortos, no primeiro dia da semana. Quando ressuscitou, terminou sua obra de redenção; sua humilhação então chegou ao fim; descansou, e foi alentado. Quando é dito: “portanto, resta um repouso para o povo de Deus.” A palavra original é *sabbatismos*, ou a guarda de um *Sabbath*: e a razão dada é a seguinte: “Porque aquele que entrou no descanso de Deus, também ele mesmo descansou de suas obras, como Deus das suas.” São-nos,

no mínimo, ensinadas três coisas nestas palavras:

a) a encarar o descanso de Cristo de sua obra da redenção como paralelo ao descanso de Deus da obra da criação; pois são expressamente comparados, como paralelos um ao outro;

b) são referidos como paralelos, particularmente em referência ao seguinte: à relação que ambos têm com a guarda de um *Sabbath* entre o povo de Deus, ou com respeito à influência que estes dois descansos têm, quanto ao *sabbatismos* na igreja de Deus, pois é expressamente a este respeito que são comparados. Aqui há uma referência evidente a Deus abençoar e santificar o seu dia de descanso na criação como um *Sabbath* e apontar um *Sabbath* de descanso em imitação a ele. Pois disto fala o apóstolo no v. 4: "Porque, em certo lugar, assim disse, no tocante ao sétimo dia: E descansou Deus, no sétimo dia, de todas as obras que fizera." Assim, até aqui é evidente o que o apóstolo tem em vista por esta guarda de um *Sabbath* pelo povo de Deus, quer seja um descanso semanal na terra, ou um descanso no céu;

c) é evidente nestas palavras que a preferência é dada ao último, isto é, ao descanso de nosso Salvador de sua obra, com respeito à influência que deveria ter, ou relação que sustenta, ao descanso do povo de Deus agora, sob o evangelho, evidentemente implícito na expressão: "Portanto, resta um sabbatismos para o povo de Deus." Pois, na palavra *resta* é intimado que o antigo *sabbatismos*, apontado em lembrança do descanso de Deus da obra da criação, não permanece, mas cessou; e que este novo descanso, em comemoração ao descanso de Cristo de suas obras, resta no lugar dele.

4. O Espírito Santo nos disse implicitamente que o *Sabbath* que foi instituído em comemoração à antiga criação, não deveria ser mantido nos tempos do evangelho (Is 65:17, 18). Nesta passagem, aprendemos que, quando Deus criasse novos céus e nova terra, a antiga não deveria ser lembrada, nem vir à mente. Se isso for verdade, não se pode pensar que devemos guardar uma sétima parte do tempo, com o fim de rememorar e trazer à mente a antiga criação.

Entendamos isto da forma que quisermos: não será consistente com a guarda de um dia em sete, na igreja evangélica, [se isto for feito] principalmente para a lembrança e rememoração da antiga criação. Se o sentido da passagem for apenas esse, que a velha criação não seja lembrada e rememorada em comparação com a nova e que a nova será muito mais notável e gloriosa, [então], isso muito mais intimamente nos dirá respeito, e muito mais deve ser observado e considerado digno de ser lembrado e comemorado, pois desse modo nos ensina o Espírito Santo que a Igreja cristã tem muito mais razão em comemorar a nova criação que a antiga; ao ponto que a antiga é digna de ser esquecida em comparação à nova.

E, assim como a antiga criação não devia ser lembrada, nem vir à mente; da mesma maneira, no versículo seguinte, a Igreja é orientada a comemorar para sempre a nova criação: "Mas vós folgareis e exultareis perpetuamente no que eu crio; porque eis que crio para Jerusalém alegria e

para o seu povo, regozijo." *i. e*, embora esqueçais a antiga, contudo lembrai-vos para sempre, até o final dos tempos, da nova criação.

5. É um argumento contra a perpetuidade do *Sabbath* judaico o fato de que os judeus eram ordenados a guardá-lo como lembrança de sua libertação do Egito. Uma das razões de sua instituição foi que Deus os libertou, como é-nos expressamente dito: "porque te lembrarás que foste servo na terra do Egito e que o SENHOR, teu Deus, te tirou dali com mão poderosa e braço estendido; pelo que o SENHOR, teu Deus, te ordenou que guardasses o dia de sábado." Ora, alguém pode imaginar que Deus iria ordenar a todas as nações sob o evangelho, até o fim do mundo, que guardassem um dia da semana que foi instituído como lembrança da libertação dos judeus do Egito?

6. O Espírito Santo nos disse implicitamente que memoriais instituídos da libertação dos judeus do Egito não deveriam ser mantidos nos tempos evangélicos (Jeremias 26:14, 15) O Espírito, falando dos tempos do evangelho, diz: "Portanto, eis que vêm dias, diz o SENHOR, em que nunca mais se dirá: Tão certo como vive o SENHOR, que fez subir os filhos de Israel do Egito." Não mais dirão: tão certo como vive o Senhor que *fez subir*, etc., isto é, pelo menos não manterão mais nenhum memorial público disso.

Se houver um *Sabbath* a ser mantido nos tempos do evangelho, como mostramos que há, é mais justo supor, a partir dessas palavras, que ele deve ser como um memorial daquilo que é referido no ultimo versículo, a subida de Israel da terra do norte, ou seja, a redenção de Cristo, e o fato de ele trazer os eleitos para casa, não apenas da Judeia, mas do norte, e de todos os cantos do mundo. Veja Isaías 43:16-20.

7. Não é senão justo supor que Deus pretendia nos intimar que o *Sabbath* devesse ser guardado pelos cristãos em comemoração à redenção de Cristo, ao dizer que foi ordenado como lembrança da libertação dos israelitas do Egito. Isso porque a libertação do Egito é um tipo evidente e conhecido da redenção. Ela foi ordenada por Deus, tendo como propósito representar esta redenção; tudo acerca dessa libertação era típico, e é muito aproveitada principalmente por isso, por ser tão notavelmente um tipo da redenção de Cristo. E não foi senão uma sombra, a obra em si não foi nada em comparação com a da redenção. O que é uma pequena libertação de uma nação da escravidão temporal comparada à salvação eterna de toda a igreja dos eleitos, em todas as eras e nações, da condenação eterna, e a sua introdução, não em uma Canaã temporal, mas nos céus, em glória e benção eterna? Esta sombra deveria ser comemorada de tal maneira que um dia semana foi reservado para isto; e não deveríamos nós muito mais comemorar essa grande e gloriosa obra da qual este [*Sabbath*] não era senão uma sombra?

Além disso, as palavras do quarto mandamento que falam da libertação do Egito não têm sentido para nós, a menos que sejam interpretadas à luz da redenção do evangelho. Porém, as palavras do decálogo são faladas a todas as nações e épocas. Portanto, as palavras como foram ditas

aos judeus referiam-se a um tipo, ou sombra; como são faladas a nós, devem ser interpretadas como um antítipo e substância, pois o Egito do qual fomos redimidos sob o evangelho é o espiritual; a casa da servidão da qual somos libertos é um estado de escravidão espiritual. Portanto, as palavras, como faladas a nós, devem ser assim interpretadas: “Lembra-te que foste um servo do pecado e de Satanás, e o Senhor, teu Deus, te libertou desta escravidão, com mão poderosa e braço estendido; portanto o Senhor, teu Deus, te ordenou que guardasses o dia de sábado”.

Como as palavras no prefácio aos dez mandamentos, sobre tirar os filhos de Israel para fora do Egito, são interpretadas em nosso catecismo, e enquanto têm relação conosco, devem ser interpretadas no sentido da nossa redenção espiritual, assim, por um motivo idêntico, estas palavras em Deuteronômio, anexadas ao quarto mandamento, devem ser interpretadas [como expressão] da mesma redenção do evangelho.

O *Sabbath* judaico era guardado no dia que os filhos de Israel saíram do mar Vermelho. Deuteronômio 5:15 diz que este santo repouso do *Sabbath* foi designado em comemoração à saída do Egito. Mas o dia em que atravessaram o mar Vermelho foi o mesmo de sua saída; pois, até então, ainda estavam na terra do Egito. O mar Vermelho era a fronteira da nação egípcia. A própria Escritura nos diz que o dia em que cantaram o cântico de Moisés foi o dia de sua saída do Egito: “e ali cantará, como nos dias da sua mocidade e como no dia em que subiu da terra do Egito. [ARC]” referindo-se claramente àquele triunfante cântico que Moisés e os filhos de Israel cantaram quando saíram do mar Vermelho.

As Escrituras nos dizem que Deus designou o *Sabbath* judaico em comemoração à libertação dos filhos de Israel de seus opressores, os egípcios, e de seu descanso da dura servidão e escravidão sob eles: “para que o teu servo e a tua serva descansem como tu; porque te lembrarás que foste servo na terra do Egito e que o SENHOR, teu Deus, te tirou dali com mão poderosa e braço estendido; pelo que o SENHOR, teu Deus, te ordenou que guardasses o dia de sábado.” Mas o dia em que ocorreu esta libertação dos filhos de Israel de seus opressores, foi o dia em que eles saíram do mar Vermelho. Até então, não tinham descansado. Pois, embora tenham saído em sua jornada para fora do Egito, foram perseguidos pelos egípcios, e ficaram muito perplexos e aflitos. Mas, na manhã em que saíram do mar Vermelho, obtiveram final e completa libertação; tiveram, então, pleno descanso de seus opressores. Então, Deus lhes disse o que está em Êxodo 14:13. Naquele momento desfrutaram um alegre dia de descanso, um dia de refrigério. E cantaram o cântico de Moisés, e aquele dia foi o seu *Sabbath* de descanso.

Porém, esta saída dos filhos de Israel do mar Vermelho era apenas um tipo da ressurreição de Cristo. Esse povo era o Seu corpo místico, e o próprio Moisés era um grande tipo de Cristo; e, além disso, naquele dia, Cristo foi diante dos filhos de Israel em uma coluna de nuvem e fogo, como seu Salvador e Redentor. Naquela manhã, Cristo, nesta coluna de nuvem e fogo, surgiu do mar Vermelho,

como se de grandes águas; que era um tipo do surgimento de Cristo de um estado de morte, e daquela grande humilhação que sofreu na morte.

A ressurreição de Cristo dos mortos, nas Escrituras, é representada por ele saindo de muitas águas. Assim, é com respeito à ressurreição o que foi representado pela saída de Jonas do mar (Mt 12:40). Também é comparada à libertação de águas profundas (Sl 69:1-3, 14, 15). Estas coisas são faladas de Cristo, como é evidente pelas muitas passagens nos salmos que são, no Novo Testamento, aplicadas a Cristo. Portanto, como o *Sabbath judaico* foi apontado no dia em que a coluna de nuvem e fogo surgiu do mar Vermelho, que é um tipo da ressurreição de Cristo; é uma grande confirmação de que o *Sabbath* cristão deve ser guardado no dia da ressurreição do corpo real de Cristo do túmulo, que é o antítipo. Pois certamente as Escrituras nos ensinaram que o tipo deve dar lugar ao antítipo, e a sombra, à substância.

8. O mesmo eu argumento a partir de Salmo 118:22-24. Nessa passagem, aprendemos que o dia da ressurreição de Cristo deve ser celebrado com santa alegria pela Igreja. “A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular; isto procede do SENHOR e é maravilhoso aos nossos olhos. Este é o dia que o SENHOR fez; regozijemo-nos e alegremo-nos nele.” A dita pedra é Cristo; ele foi rejeitado e recusado pelos construtores, especialmente quando foi condenado à morte. Esse [ato de] torná-lo a pedra angular, que procede do Senhor, e é tão maravilhoso aos nossos olhos, é a exaltação de Cristo, que começou com a sua ressurreição. Enquanto Ele jaz no tumulo, jaz como uma pedra rejeitada pelos construtores. Mas quando Deus o ressuscita dos mortos, então se torna a pedra angular. É evidente que essa é a interpretação do apóstolo [Pedro] em At 4:10, 11: “tomai conhecimento, vós todos e todo o povo de Israel, de que, em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, a quem vós crucificastes, e a quem Deus ressuscitou dentre os mortos...Este Jesus é pedra rejeitada por vós, os construtores, a qual se tornou a pedra angular.” E o dia em que isto aconteceu, o salmo nos ensina, Deus tornou um dia de júbilo para a Igreja.

9. A abolição do *Sabbath* judaico é sugerida pelo seguinte: que Cristo, o Senhor do sábado, permaneceu sepultado neste dia. Cristo, o autor do mundo, era o autor da obra da criação da qual o sábado judaico era memorial. Foi ele que trabalhou seis dias e descansou no sétimo de todas as suas obras, e foi revigorado. Contudo, neste dia, estava preso nas cadeias da morte. Deus, que criou o mundo, agora em sua segunda obra de criação, não seguiu seu próprio exemplo, se assim posso falar, pois permaneceu aprisionado no sepulcro nesse dia, e tomou outro para descansar.

O *Sabbath* era um dia de alegria; pois era guardado em comemoração às graciosas e gloriosas obras divinas da criação e redenção do Egito. Portanto, somos orientados a chamar o *Sabbath* de deleitoso. Mas, para a Igreja, a noiva de Cristo, não é apropriado regozijar-se quando o noivo permanece no túmulo, como Cristo diz em Mt 9:15: “Respondeu-lhes Jesus: Podem, acaso, estar tristes os convidados para o casamento, enquanto o noivo está com eles? Dias virão, contudo,

em que lhes será tirado o noivo, e nesses dias hão de jejuar." Enquanto Cristo estava preso pelas cadeias da morte, o noivo estava ausente da Igreja; era, portanto tempo apropriado para ela chorar e não se alegrar. Mas quando Cristo ressurge, então é dia de alegria, porque somos gerados de novo para uma viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos.

10. É evidente que Cristo, de propósito, honrou peculiarmente o primeiro dia da semana, o dia em que ressuscitou dos mortos, ao aparecer nele, de tempos em tempos, aos apóstolos. E escolheu este dia para derramar o Espírito Santo sobre eles, como lemos no segundo capítulo de Atos. Pois isto ocorreu no Pentecostes, que se dava no primeiro dia da semana, como vemos em Lv 23:15, 16. E honrou este dia ao derramar seu Espírito sobre o apóstolo João, ao lhe conceder visões. Ap 1:10: "Achei-me em espírito, no dia do Senhor", etc. ora, sem dúvidas, com isso Cristo queria distintamente honrar este dia.

11. É evidente pelo Novo Testamento que este era, pela direção dos apóstolos, o dia especial do culto público da igreja primitiva. Lemos que este era o dia costumeiro em que se reuniam para partir o pão, e isto, é evidente, com a aprovação dos apóstolos, uma vez que pregavam neste dia. Portanto, sem dúvidas se reuniam por orientação apostólica. At 20:7: "No primeiro dia da semana, estando nós reunidos com o fim de partir o pão, Paulo, que devia seguir viagem no dia imediato, exortava-os e prolongou o discurso até à meia-noite." Da mesma maneira, o Espírito Santo foi cuidadoso para que as contribuições fossem feitas neste dia, em todas as igrejas, ao invés de em outro qualquer, como vimos no nosso texto.

12. Este primeiro dia da semana é chamado no Novo Testamento de dia do Senhor (Ap 1:10). Alguns dizem: "Como sabemos que este era o primeiro dia da semana? Todo dia é dia do Senhor." Mas era o intento de João informar *quando* ele teve essas visões. E se, por dia do Senhor, pretende um dia qualquer, como nos informaria quando ocorreram os eventos?

Mas o que se quer dizer por esta expressão nós sabemos, da mesma forma que sabemos o sentido de qualquer outra palavra na [língua] original do Novo Testamento, ou de qualquer outra língua antiga, isto é, encontrando o significado universal da expressão nos tempos antigos. Esta expressão, *o dia do Senhor*, é encontrada no uso antigo de toda a Igreja cristã, aparecendo em todos os escritos nos tempos antigos, e mesmo nos dias apostólicos, referindo-se ao primeiro dia da semana.

E a expressão implica em si a santidade do dia. Pois, sem dúvidas, ele é chamado de dia do Senhor, assim como a santa ceia é chamada de ceia do Senhor, sendo assim chamada porque é ceia santa, a ser celebrada em memória de Cristo, o Senhor, e de sua redenção. Portanto este é um dia santo, a ser guardado em memória do Senhor Jesus, e de sua redenção.

O primeiro dia da semana, sendo nas Escrituras chamado de dia do Senhor, o torna suficientemente apto a ser o dia da semana a ser guardado santo para Deus; pois Ele agradou-se em

chamá-lo por seu próprio nome. Quando algo é chamado pelo nome de Deus nas Escrituras, isto implica que Deus apropriou-se dele para si. Assim, Deus colocou seu nome sobre a antiga nação de Israel. Nm 6:27: “Assim, porão o meu nome sobre os filhos de Israel, e eu os abençoarei.” Eram chamados pelo nome de Deus, como é dito em 2 Cr 7:14: “se o meu povo, que se chama pelo meu nome...” etc., isto é, eram chamados de povo de Deus, ou povo do Senhor. Isto implicava que era um povo santo, peculiar acima de todos os outros. Dt. 7:6: “Porque tu és povo santo ao SENHOR, teu Deus; o SENHOR, teu Deus, te escolheu, para que lhe fosses o seu povo próprio, de todos os povos que há sobre a terra.” E da mesma forma no v. 14e em muitas outras passagens.

Assim também a cidade de Jerusalém era chamada pelo nome de Deus, Jr 25:29: “Pois eis que na cidade que se chama pelo meu nome...” Dn 9:18, 19: “e para a cidade que é chamada pelo teu nome...” etc. Isto implicava que era cidade sagrada, escolhida por Deus acima de todas as outras para santos propósitos, como é frequentemente chamada de cidade santa, como em Ne 11:1: “Para que habitasse na santa cidade de Jerusalém...” e em muitas outras passagens.

Da mesma maneira, é dito que templo seja uma casa chamada pelo nome de Deus, 1 Re 8:43: “e para saberem que esta casa, que eu edifiquei, é chamada pelo teu nome.” E, frequentemente, [ocorre o mesmo] em outras passagens. Ou seja, era chamado de casa de Deus, ou casa do Senhor. Isto implica que era um lugar santo, casa devotada a santos propósitos, acima de todas as outras.

Assim encontramos que o primeiro dia da semana é chamado pelo nome de Deus, sendo chamado na Escritura de dia de Deus, ou dia do Senhor, o que implica que seja um dia santo, apropriado para propósitos santos, acima de todos os outros da semana.

13. A tradição da Igreja em todas as épocas, embora não seja a regra, pode, contudo, servir de grande confirmação à verdade em casos semelhantes a este. Encontramos, em todos os relatos, que têm sido o costume universal da Igreja cristã, em todas as épocas, até mesmo na dos apóstolos, guardar o primeiro dia da semana. Lemos nos escritos que restam do primeiro, segundo e terceiro séculos, de cristãos que guardavam o dia do Senhor, e da mesma forma nas épocas subsequentes, e não há relato que os contradiga. Este dia tem sido guardado pelos cristãos, em todos os países do mundo, e por quase todos que se denominam cristãos, de todas as denominações, conquanto tenham opiniões conflitantes sobre outras matérias.

Ora, embora isto não seja suficiente em si sem um fundamento escriturístico, contudo, pode servir como confirmação, pois aqui se encontra matéria que nos convence de que somos razoáveis [em guardar este dia]. A razão pode confirmar grandemente verdades reveladas nas Escrituras. A universalidade do costume em todos os países cristãos, em todos os tempos, em todos os relatos que temos, é um bom argumento de que a Igreja o recebeu dos apóstolos; e é difícil conceber como todos viriam a concordar no estabelecimento de tal costume por todo mundo, nas diferentes seitas e opiniões, e nem temos nenhum relato [de que isto tenha acontecido].

14. De maneira alguma enfraquece este argumento o fato de que não há nada dito mais claramente sobre isto no Novo Testamento, até que João escrevesse o Apocalipse, pois há razão suficiente para que isto tenha ocorrido. Com toda probabilidade, [esta questão] foi intencionalmente evitada pelo Espírito Santo, nos primórdios do estabelecimento das igrejas cristãs no mundo, tanto entre os pagãos quanto entre os judeus, mas em especial por causa dos judeus, e por consideração aos que dentre eles eram cristãos. Pois é evidente que Cristo e os apóstolos lhes declararam gradualmente as coisas, na medida em que podiam suportá-las.

Os judeus respeitavam seu sábado acima de qualquer coisa na lei de Moisés; e havia aquilo que no Antigo Testamento os incitava a mantê-los na sua observância, mais fortemente que qualquer coisa que fosse judaica. Deus o havia enfatizado tanto, e tão solene, frequente e cuidadosamente o ordenado, e com frequência punido tão severamente os que o quebravam, que lhes era mais destacado reter este costume que outro qualquer.

Portanto, Deus lhes teve muita afeição neste ponto. Outras coisas desta natureza encontramos reveladas gradualmente. Cristo tinha muitas coisas para dizer, como somos informados, as quais, contudo, não disse, porque ainda não podiam suportá-las, dizendo-lhes que era como colocar vinho novo em odres velhos. Eram tão contrárias aos seus velhos costumes que Cristo foi gradual em revelar-lhes. Deu-lhes um pouco aqui e outro ali, na medida em que podiam suportar; e demorou muito antes que lhes dissesse claramente as principais doutrinas do reino dos céus. Ele usou das oportunidades mais favoráveis para lhes contar dos seus sofrimentos e morte, especialmente quando estavam cheios de admiração por algum sinal miraculoso, que confirmavam ser ele o Messias.

Falou-lhes muitas coisas mais claramente após sua ressurreição. Mas, até mesmo nesse momento, não lhes disse tudo, mas deixou mais para ser revelado pelo Santo Espírito no Pentecostes. Portanto, foram muito mais iluminados depois disto do que anteriormente. Contudo, ainda aí não revelou tudo. A abolição da lei cerimonial acerca de comida e bebida não foi plenamente conhecida senão em eventos posteriores.

Da mesma forma, os apóstolos foram cuidadosos e afetuosos para com aqueles a quem pregavam e escreviam. Foi aos poucos que se aventuraram em ensinar-lhes sobre a cessação das leis cerimoniais da circuncisão e da abstinência de carnes impuras. Como é terno o apóstolo Paulo com os escrupulosos, no capítulo catorze de Romanos! Ele orienta os que têm conhecimento a guardarem a si mesmos, por causa dos seus irmãos mais fracos (Rm 14:22). Mas nada mais é preciso dizer como prova disto.

Contudo, digo isto: é bem possível que, no primeiro momento, aos próprios apóstolos não tenha sido revelado plenamente acerca desta mudança do dia do *Sabbath*. O Espírito Santo, na sua descida, lhes revelou muita coisa, contudo, após isso, ainda eram ignorantes de muito da doutrina do evangelho. Sim, assim permaneceram por muito tempo depois que definiram a tarefa apostólica de

batizar, pregar e governar a Igreja. Pedro ficou surpreso quando foi ordenado a comer carnes legalmente impuras; e da mesma forma os apóstolos em geral, quando Pedro foi ordenado a ir pregar aos gentios.

Assim, Cristo foi suave com a Igreja enquanto esta estava na infância. Não a alimentou com carne tenra, mas foi cuidadoso em trazê-la à observância do dia do Senhor paulatinamente, e, portanto, usou de todas as ocasiões para honrá-lo, aparecendo de tempos em tempos nesse dia; enviando seu Espírito naquele dia de forma notável, no Pentecostes; ordenando aos cristãos que se encontrassem a fim de partir o pão nesse dia, e que separassem suas contribuições e outros deveres do culto para esse dia. Assim introduziu a observância dele gradualmente. E, embora o Espírito Santo não tenha falado claramente acerca dele, contudo Deus teve especial atenção que fossem achadas evidências suficientes de sua vontade, pela Igreja cristã, quando estivesse mais estabelecida e alicerçada, e chegasse na idade e força da maturidade.

Assim, deixo para que cada um julgue se não há suficiente evidência de que seja o intento e vontade de Deus que o primeiro dia da semana seja guardado pela Igreja cristã como um *Sabbath*.

A MUDANÇA E PERPETUIDADE DO SABBATH

COMO E POR QUE GUARDAR O DIA DO SENHOR

"Quanto à coleta para os santos, fazei vós também como ordenei às igrejas da Galácia. No primeiro dia da semana, cada um de vós ponha de parte, em casa, conforme a sua prosperidade, e vá juntando, para que se não façam coletas quando eu for." (1 Coríntios 16: 1, 2)

É a intenção e propósito de Deus que o primeiro dia da semana seja especialmente separado entre os cristãos para os exercícios e deveres religiosos.

Já discursei acerca desta *doutrina*, utilizando duas proposiçoes. *Primeiro,* que é a vontade de Deus que um dia da semana seja, em todas as épocas, separado para os deveres religiosos, e, *segundo,* que sob o evangelho, este dia fosse o *primeiro* da semana. Agoro, prossigo para a aplicação.

Aplicação

Esta terá como propósito a *exortação.*

1. Sejamos *gratos* pela instituição do *Sabbath* cristão. É algo em que Deus demonstrou sua misericórdia por nós, e seu cuidado por nossas almas. Ele mostra que, por sua infinita sabedoria, promove nosso bem, como Cristo nos ensina, ao dizer que o *Sabbath* foi feito para o homem, em Marcos 2:27: "E acrescentou: O sábado foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do sábado." Ele foi feito para o proveito e conforto de nossas almas.

O *Sabbath* é um dia de *descanso*. Deus designou que devíamos, a cada sétimo dia, descansar de todos os nossos labores mundanos. Ao invés disso, poderia ter apontado os mais pesados serviços para que realizássemos, ou algum trabalho severo para que suportássemos. É um dia de descanso físico, mas especialmente de descanso *espiritual*. É um dia designado por Deus, para que seu povo pudesse achar nele descanso para suas almas. Para que as almas dos crentes pudessem descansar e ser revigoradas no seu Salvador. É um dia de *júbilo*. Deus o criou para ser um dia alegre para a igreja: Sl 118:24: "Este é o dia que o SENHOR fez; regozijemo-nos e alegremo-nos nele." Aqueles que o recebem corretamente e o aproveitam, chamam-no *deleitoso e digno de honra*: é dia agradável e alegre para eles; é uma imagem do futuro descanso celestial da igreja. Hb 4:9-11: "Portanto, resta um repouso" (ou *sabbatismos*, como está no original) "para o povo de Deus. Porque aquele que entrou no descanso de Deus, também ele mesmo descansou de suas obras, como Deus das suas. Esforcemo-nos, pois, por entrar naquele descanso."

O *Sabbath* cristão é um dos mais importantes deleites da igreja visível. Cristo mostrou seu

amor pela igreja ao instituí-lo; e é necessário que a igreja cristã seja grata a seu Senhor por ele. O próprio nome deste dia, *o dia do Senhor,* ou *o dia de Jesus*, deve torná-lo agradável aos cristãos, já que sugere a especial relação que tem com Cristo, e também o seu propósito, que é comemorar nosso querido Salvador e seu amor pela sua igreja ao redimi-la.

2. Seja exortado a *guardar* este dia como santo. Deus deu evidências de que esta é a sua vontade, que certamente cobrará de você, se não o observa estrita e conscientemente. E se você assim o observar, terá este conforto ao refletir sobre sua conduta, de que não o faz por superstição, mas conforme Deus revelou ser sua intenção e vontade na sua Palavra, que você assim o fizesse. E fazendo assim, está no caminho da aceitação e recompensa de Deus.

Aqui, deixe-me apresentar as seguintes *razões* para animá-lo a este dever:

a) pela observação estrita do *Sabbath*, o nome do Senhor é honrado, de uma maneira tal que lhe é muito aceitável. (Is 58:13): "Se desviares o pé de profanar o sábado e de cuidar dos teus próprios interesses no meu santo dia; se chamares ao sábado deleitoso e santo dia do SENHOR, digno de honra, e o honrares não seguindo os teus caminhos, não pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falando palavras vãs." Nisso Deus é honrado, uma vez que é uma manifestação visível de respeito pela santa lei de Deus, e uma reverência daquilo que tem peculiar relação com Ele próprio, e isso de uma maneira superior em alguns aspectos à observância dos demais mandamentos. E o homem pode ser justo, generoso e ainda assim não mostrar claramente tanto respeito pela intenção e vontade de Deus, pois assim têm sido muitos dos pagãos. Mas se alguém, com evidente rigor e cuidado, observa o *Sabbath*, é manifestação visível de um cuidado consciencioso pela declaração da vontade de Deus, e é assim uma honra visível feita a sua autoridade.

Por uma estrita observância do *Sabbath,* o rosto da religião é mantido no mundo. Se não fosse por ele, haveria pouca exibição pública e visível de serviço, adoração e reverência para com o supremo e invisível Ser. O *Sabbath* parece ter sido apontado principalmente para este fim, isto é, sustentar a visibilidade da religião em público, ou entre os grupos professos de homens; e quanto mais solenemente os deveres do dia forem observados entre um povo, maior será entre eles a manifestação de respeito ao Ser Divino.

Este deve ser um poderoso motivo para observarmos o *Sabbath*. Deve ser nossa meta acima de todas as coisas honrar e glorificar a Deus. Deve ser a coisa maior entre os que carregam o nome de cristãos honrar seu grande Deus e Rei, e espero que seja uma grande coisa entre muitos que me ouvem agora. Se for sua busca, se for seu desejo, honrar a Deus, por meio desse assunto você será instruído em um caminho no qual poderá avançar muito nessa direção, isto é, ao honrar o *Sabbath* e mostrar uma cuidadosa e estrita observância dele;

b) o assunto do *Sabbath* é o maior assunto de nossas vidas, isto é, o da religião. Servir e adorar a Deus é para o que fomos feitos, e para o que recebemos a existência. Outros assuntos, de

natureza secular, aos quais costumamos atender nos dias da semana, não são senão subordinados, e devem ser subservientes aos mais altos propósitos e fins da religião. Portanto, certamente não deveríamos hesitar muito em devotar a sétima parte do nosso tempo, a ser gasta *inteiramente* neste assunto, e ser separada para nos exercitarmos nos deveres imediatos da religião;

c) que seja considerado que todo nosso tempo é de Deus e que, portanto, quando ele nos requisita um dia em sete, requisita o que é *seu*. Não excede em seu direito e não excederia se exigisse uma proporção muito maior de nosso tempo a ser gasta no seu serviço imediato. Mas ele considerou com misericórdia a nossa situação, e nossas necessidades aqui, e consultou o bem de nossas almas ao apontar um sétimo dia para os deveres imediatos da religião, assim como considerou nossas necessidades exteriores, e nos permitiu seis dias para o atendimento de nossos assuntos externos. Que tratamento indigno, portanto, daremos a Deus se recusarmos lhe dedicar até mesmo o sétimo dia!

d) como o *Sabbath* é um dia separado especialmente para os exercícios religiosos, também é um dia em que Deus confere de modo especial sua graça e benção. Assim como Deus nos ordenou que o separássemos para termos comunhão com ele, também o separou para ter comunhão conosco. Assim como nos ordenou que observássemos o *Sabbath*, ele próprio o observa. Acontece com respeito a esse dia o que Salomão orou para que acontecesse com respeito ao templo (2 Cr 6:20). Seus olhos estão abertos sobre ele; está pronto, então, a especialmente ouvir as orações, a aceitar os serviços religiosos, a encontrar seu povo, manifestar-se a eles, conceder seu Santo Espírito e benção aos que diligente e conscientemente o santificarem.

Que nós devemos santificar o *Sabbath*, como observamos, está de acordo com a instituição de Deus. Em certo sentido, Ele observa suas próprias instituições, isto é, costuma fazer com que sejam acompanhadas com uma benção. As instituições de Deus são seus meios apontados de graça, e com suas instituições ele prometeu sua benção. Ex 20:24: “em todo lugar onde eu fizer celebrar a memória do meu nome, virei a ti e te abençoarei.” Pela mesma razão, podemos concluir que Deus encontrará seu povo e o abençoará, aguardando por ele não apenas em *lugares* designados, mas também em tempos designados e de modos designados. Cristo prometeu que, onde estivessem dois ou três reunidos em seu nome, estaria no meio deles (Mt 18:20). Uma coisa incluída na expressão *em seu nome* é que seja pela sua designação e de acordo com sua instituição.

Deus fez nosso dever, pela sua instituição, que separássemos este dia para uma busca especial de sua graça e benção. De onde podemos argumentar que estará especialmente pronto para conferir sua graça sobre os que assim o buscam. Se esse for o dia no qual Deus requer que nós o busquemos de maneira especial, podemos argumentar que também é o dia no qual ele pode ser especialmente encontrado. Que Deus está especialmente pronto, neste dia, a conceder sua bênção aos que o guardam retamente, está implícito naquela expressão de Deus abençoar o dia de *Sabbath*.

Ele não apenas o santificou, mas o abençoou; deu a ele sua bênção, e dará sua bênção a todos os que o observarem de maneira legítima. Ele o santificou, ou designou que fosse mantido santo por nós, e o abençoou; determinou dar sua bênção sobre ele.

De modo que aqui há grande encorajamento para que guardemos o *Sabbath* como um dia santo, na medida em que buscamos a graça de Deus e nosso próprio bem espiritual. O dia de *Sabbath* é um tempo aceitável, um dia de salvação, um dia em que Deus especialmente ama ser buscado e ama ser encontrado. O Senhor Jesus Cristo deleita-se no seu dia; ele se deleita em honrá-lo; deleita-se em encontrar-se e manifestar-se aos seus discípulos nele, como demonstrou antes de sua ascensão, aparecendo-lhes de tempos em tempos nesse dia. Nele, Cristo se delicia em conceder seu Santo Espírito, como deu a entender ao escolhê-lo como o dia em que derramaria o Espírito de modo tão notável sobre a igreja primitiva, e também o dia em que deu o Espírito ao apóstolo João.

No passado, Deus abençoou o sétimo dia, ou o designou para ser o dia em que ele especialmente concederia bênçãos ao seu povo, como uma expressão de sua alegre lembrança desse dia e do descanso e refrigério que nele teve. Ex 31:16-17: “Pelo que os filhos de Israel guardarão o sábado, celebrando-o por aliança perpétua nas suas gerações. Entre mim e os filhos de Israel é sinal para sempre; porque, em seis dias, fez o SENHOR os céus e a terra, e, ao sétimo dia, descansou, e tomou alento.” Assim como os príncipes distribuem presentes no dia de seus aniversários, nos de casamento e em outros, também Deus costumava dispensar dons espirituais no sétimo dia.

Mas quanto maior razão tem Cristo de abençoar o dia de sua ressurreição, e deleitar-se em honrá-lo, e conferir sua graça e dons benditos ao seu povo nesse dia. Foi o dia em que Cristo descansou e tomou alento em um sentido literal. Foi um dia de libertação das cadeias da morte, o dia do término dessa grande e difícil obra da redenção, que tinha estado sobre seu coração desde toda a eternidade. O dia da justificação pelo Pai; o dia do início de sua exaltação e do cumprimento das promessas do Pai; o dia em que teve a vida eterna, que ele havia adquirido, posta em suas mãos. Nesse dia Cristo realmente se delicia em distribuir dons, e bênçãos, e alegria, e felicidade e se deliciará em fazer o mesmo até o fim do mundo

Portanto, ó como vale a pena aproveitar este dia para clamar a Deus e buscar a Jesus Cristo! Que os pecadores despertos sejam animados por estas coisas a aproveitarem o dia de *Sabbath,* para se colocarem ainda mais no caminho do Espírito de Deus. Aproveite este dia para clamar a Deus, pois nele Ele está perto. Aproveite para ler as Santas Escrituras, e diligentemente atender à sua palavra pregada; pois então é o momento mais provável para se ter o Espírito acompanhando-a. Que os santos que estão desejosos de crescer em graça, e gozar da comunhão com Cristo, aproveitem o *Sabbath* por esses motivos;

e) o último motivo que mencionarei é a experiência da influência que uma estrita observância do *Sabbath* tem sobre todo o cristianismo. Pode ser observado que, naqueles lugares em que o

Sabbath é bem guardado, a religião em geral será mais florescente, e onde ele não é notado, e é menosprezado, não há muito cuidado com a religião em geral. Mas,

PERGUNTA: Como devemos guardar o Sabbath?

RESPOSTA 1: Devemos ser extremamente cuidadosos neste dia para nos abstermos do pecado. Na verdade, todas as quebras do *Sabbath* são pecaminosas, mas falamos agora daquelas coisas que são em si mesmas pecaminosas, ou pecaminosas por outros motivos, além do fato de serem cometidas no *Sabbath*. Sendo este um tempo santo, é especialmente corrompido pela comissão de pecado. O pecado cometido nesse dia torna-se mais excessivamente pecaminoso. Somos ordenados a nos abstermos do pecado a todo momento, mas em especial no tempo santo. Cometer imoralidade no *Sabbath* é o pior modo de profaná-lo, o que mais provoca Deus, e traz maior culpa sobre as almas dos homens.

Como deve ser provocador para Deus quando os homens fazem coisas nesse dia que ele santificou, e separou para ser gasto nos exercícios imediatos da religião, coisas essas que não são adequadas para serem feitos nos dias comuns, que são impuras e ímpias a qualquer momento que sejam feitas!

Portanto, se as pessoas forem culpadas de impiedades, tais como os excessos ou quaisquer ações impuras, estes profanam o *Sabbath* de maneira horrenda. Ou se forem culpados de impiedade no falar, ou de linguagem profana, ou de comportamento impuro e lascivo, ou de falar mal do seu próximo, estes de modo terrível profanam o *Sabbath*. Contudo, é muito comum que os que estão acostumados com tais coisas nos dias da semana, não tenham consciência para restringi-las no *Sabbath*. Seria bom se os que vivem na indulgência da luxúria da impureza nos dias da semana fossem de uma forma ou de outra puros no *Sabbath*. Contudo, eles se permitirão as mesmas luxúrias então; as mesmas chamas impuras em suas imaginações pelo menos: e seria bom se se mantivessem limpos enquanto estivessem na casa de Deus, fingindo prestar culto a Ele. O jovem impuro presta contas de si: Pv 5:14: "*Quase que me achei em todo mal que sucedeu no meio da assembleia e da congregação.*" Portanto, os que são viciados num modo impuro de falar nos dias da semana, nada tem para impedi-los de fazer o mesmo no *Sabbath*, quando se reúnem. Mas Deus é terrivelmente provocado por tais coisas.

Devemos cuidadosamente vigiar nossos corações, e evitar todos os pensamentos pecaminosos no *Sabbath*. Devemos manter reverência tal pelo *Sabbath*, a ponto de termos um terror peculiar do pecado, que nos leve a uma cuidadosa vigilância de nós mesmos.

RESPOSTA 2. Devemos cuidadosamente nos abster de todas as preocupações mundanas. A razão, como mostramos, do porquê é necessário e próprio que certas partes determinadas do tempo sejam separadas para serem devotadas aos exercícios religiosos, é porque o estado da humanidade é tal neste mundo que os homens necessitam exercitar suas mentes, e empregar seus pensamentos sobre

questões seculares. Portanto, é conveniente que haja tempos determinados, nos quais todos devam ser obrigados a deixar de lado as outras preocupações, para que suas mentes estejam mais livres e com menos embaraços estejam engajadas nos exercícios religiosos e espirituais.

Portanto, devemos fazer isso, por que senão frustraremos o próprio desígnio da instituição de um *Sabbath*. Devemos nos abster cuidadosamente de nos dedicarmos exteriormente a qualquer coisa mundana, sejam negócios ou recreações. Devemos descansar na lembrança do descanso de Deus da obra da criação, e do descanso de Cristo da obra da redenção. Devemos ser cuidadosos de que não violemos o *Sabbath* no seu princípio, ao nos ocuparmos com o mundo depois que ele já iniciou. Devemos evitar falar sobre matérias mundanas, e até mesmo pensar sobre elas, pois quer nos conformemos externamente com o mundo ou não, se, contudo, nossas mentes estiverem, nós frustramos o fim do *Sabbath*. O propósito de sua separação dos outros dias é que nossas mentes sejam desligadas das coisas mundanas: e devemos evitar estar externamente conformado com elas por esta razão: que *isso*não pode acontecer sem que nossas mentes sejam afetadas. Não devemos, portanto, dar espaço algum ao mundo em nossos pensamentos no *Sabbath*, mas nos abstermos das preocupações mundanas, e manter vigilância sobre nós mesmos, para que o mundo não o viole como está pronto a fazer. (Is 63:13-14)

RESPOSTA 3. Devemos gastar o tempo em exercícios religiosos. Este é o propósito mais supremo do *Sabbath*. Devemos manter nossas mentes separadas do mundo, tendo em vista principalmente que estejamos mais livres para os exercícios religiosos. Ainda que seja um dia de descanso, contudo não foi projetado para ser um dia de ócio. Descansar dos empregos mundanos, sem nos empregarmos com outras coisas, é nada mais do que nos colocarmos no caminho do diabo. A mente será empregada de uma forma ou outra; portanto, sem dúvidas, o propósito para o qual devemos retirar de nossas mentes os cuidados mundanos no *Sabbath* é o de empregá-las para coisas que são melhores.

Devemos atender os exercícios espirituais com a maior diligência. Que este seja dia de descanso não nos impede que assim o façamos, pois devemos encarar os exercícios espirituais como o descanso e refrigério da alma. No céu, onde o povo de Deus tem o mais perfeito descanso, não há ociosidade, mas os santos estão engajados nos exercícios espirituais e celestiais. Portanto, devemos ter cuidado em empregar nossas mentes no dia de *Sabbath* nos objetos espirituais pela santa meditação; aproveitando para nosso auxílio as Santas Escrituras, e outros livros que estão de acordo com a palavra de Deus. Também devemos nos engajar externamente neste dia nos deveres do culto divino, em público e em particular. É apropriado ser mais frequente e abundante nos deveres secretos neste dia do que nos outros, enquanto tivermos tempo e oportunidade, bem como atender às ordenanças públicas.

É apropriado neste dia, não apenas especialmente promover o exercício da religião em nós

mesmos, mas também nos outros. Assistindo-os, e esforçando-nos para promover o bem espiritual deles pela associação religiosa. Especialmente aqueles que têm o cuidado pelos outros devem neste dia se esforçar para promover o bem espiritual deles: chefes de família devem instruir e aconselhar seus filhos, e animá-los nos caminhos da religião, e devem supervisionar para que o *Sabbath* seja estritamente observado em seus lares. Uma bênção peculiar pode ser esperada pelas famílias que observam cuidadosa, estrita e devotamente o *Sabbath*.

RESPOSTA 4. Devemos nesse dia especialmente meditar e celebrar a obra da redenção. Devemos com alegria especial lembrar a ressurreição de Cristo, pois ela foi o fim desta obra. E esse é o dia em que Cristo descansou e tomou alento, após ter suportado aqueles labores extremos que sofreu por nossas almas que pereciam. Esse foi o dia do regozijo do coração de Cristo; foi o dia de sua libertação das cadeias da morte, e também de nossa libertação, pois somos libertados naquele que é a nossa Cabeça. Ele, por assim dizer, ressurgiu com seus eleitos. Ele é as primícias, e os que são seus o seguirão. Cristo, quando ressurgiu, foi justificado como uma pessoa pública, e nós somos justificados nele. Este é o dia de nossa libertação do Egito.

Devemos, portanto, meditar nesse dia com alegria; devemos ter simpatia com Cristo em sua alegria. Assim como tomou alento nesse dia, também devemos tomar, pois temos nossos corações unidos ao dele. Quando Cristo rejubila-se, toda a sua igreja deve se rejubilar. Devemos dizer desse dia: Sl 118:24: “Este é o dia que o SENHOR fez; regozijemo-nos e alegremo-nos nele.”

Mas não devemos apenas comemorar a ressurreição de Cristo, mas a inteira obra da redenção, da qual esta foi o término. Guardamos o dia em que a obra foi finalizada, em lembrança dessa obra completa. Devemos nesse dia contemplar o maravilhoso amor de Deus e de Cristo, como é expresso na obra da redenção; e nossa lembrança dessas coisas deve ser acompanhada com exercícios adequados da alma com respeito a ele. Quando trazemos à mente o amor de Cristo, deve ser com um amor correspondente de nossa parte. Quando comemoramos essa obra, deve ser com fé em nosso Salvador. E devemos louvar a Deus e ao Cordeiro por essa obra, pela glória e amor divinos manifestados nela, em nossas orações públicas e privadas, ao falar das obras maravilhosas de Deus, e ao entoar os cânticos divinos.

Assim é próprio que os discípulos de Cristo devam ser escolher esse dia para se reunirem para partir o pão, ou celebrar a ordenança da ceia do Senhor (At 20:7), pois foi uma ordenança instituída em lembrança da obra da redenção.

RESPOSTA 5. Obras de misericórdia e caridade são muito apropriadas e aceitáveis no dia de *Sabbath*. Elas eram apropriadas no antigo *Sabbath*. Cristo costumava fazê-las nesse dia. Mas elas de modo especial tornam o *Sabbath* cristão, porque é um dia guardado em comemoração da grande obra de misericórdia e amor para conosco jamais realizada. O que pode ser mais apropriado do que, nesse dia, expressar nosso amor e misericórdia para com nossos semelhantes, em especial

aos nossos irmãos cristãos? Cristo ama nos ver mostrar gratidão a ele desse modo. Portanto, descobrimos que o Espírito santo era especialmente cuidadoso que tais obras fossem realizadas nesse dia da semana na igreja primitiva, como aprendemos no texto lido.

A TOLICE DE OLHAR PARA TRÁS AO FUGIR DE SODOMA – SERMÃO 1

"*Lembrai-vos da mulher de Ló.*" (Lucas 17:32)

Cristo aqui prediz sua vinda, no seu Reino, em resposta à pergunta dos fariseus: "Quando virá o reino de Deus?" E, quanto ao que diz a este respeito, evidentemente, tem em vista duas coisas: sua vinda na destruição de Jerusalém, e sua vinda no fim do mundo. Ele compara seu retorno, nestes tempos, a duas notáveis manifestações de Deus em juízo, no passado. Primeiramente, no dilúvio: "Assim como foi nos dias de Noé, será também nos dias do Filho do Homem." A seguir, a compara à destruição de Sodoma e Gomorra: "O mesmo aconteceu nos dias de Ló: comiam, bebiam, compravam, vendiam, plantavam e edificavam; assim será no dia em que o Filho do Homem se manifestar."

Então, imediatamente, ele procede para orientar seu povo sobre como este deveria se portar às vistas dos sinais da aproximação daquele Dia, referindo-se, em especial, à destruição de Jerusalém. Lc 17. 31: "Naquele dia, quem estiver no eirado e tiver os seus bens em casa não desça para tirá-los; e de igual modo quem estiver no campo não volte para trás." Com essas palavras, Cristo mostra que seus discípulos deviam ter a máxima urgência em fugir e escapar da cidade para as montanhas, como ordena em Mt 24. 15-18: "Quando, pois, virdes o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel, no lugar santo (quem lê entenda), então, os que estiverem na Judeia fujam para os montes; quem estiver sobre o eirado não desça a tirar de casa alguma coisa; e quem estiver no campo não volte atrás para buscar a sua capa."

Jerusalém era como Sodoma, uma vez que estava destinada à destruição, pela ira divina especial; e, na verdade, à ira mais terrível do que a que atingiu Sodoma. Portanto, a mesma orientação é dada para dela fugir à máxima pressa, sem olhar para trás, como disse o anjo a Ló, quando lhe ordenou que fugisse de Sodoma. Gn 19.17: "Livra-te, salva a tua vida; não olhes para trás." E, no texto, Cristo reforça seu conselho pelo exemplo da mulher de Ló. Ele ordena que os discípulos se lembrem dela, e a tomem como um aviso, por ter olhado para trás, enquanto fugia de Sodoma, tendo se tornado uma estátua de sal.

Se for investigado o porquê do conselho de Cristo ao seu povo, para que fuja de Jerusalém com tão urgente pressa, ao primeiro sinal de sua iminente destruição, respondo: parece que fugir de Jerusalém era um tipo da fuga do estado de pecado. Escapar desta cidade incrédula tipificava uma fuga do estado de incredulidade. Portanto, os discípulos foram orientados a fugir sem retornar para pegar quaisquer coisas de suas casas, querendo dizer com qual pressa e cuidado devemos fugir de nossa condição natural, que nenhum respeito a qualquer gozo mundano nos impeça, um momento

sequer, que fujamos para Jesus Cristo, o refúgio das almas, nossa rocha forte, e o monte da nossa defesa, de modo que, ao fugir para ele, abandonamos e esquecemos, de coração, todas as coisas terrenas.

Esta também parece ser a principal razão pela qual Ló também foi orientado a fugir com tal pressa, e não olhar para trás; porque sua fuga de Sodoma foi decretada com o propósito de ser um tipo da nossa fuga daquele estado de pecado e miséria no qual nos encontramos por natureza.

Doutrina

Não devemos olhar para trás ao fugir de Sodoma.

As seguintes razões podem ser suficientes para apoiar esta doutrina:

1. Sodoma é uma cidade cheia de imundície e abominações. Está repleta daquelas impurezas que devem ser objeto da maior execração e ódio de todos. Seus habitantes estão manchados, estão sob o poder e domínio de luxúrias detestáveis. Todas as suas faculdades e afeições estão contaminadas com as disposições vis que são indignas da natureza humana, que a degradam sobremaneira, que são grandemente odiosas a Deus e incendeiam a sua ira de maneira terrível. Todo tipo de abominação espiritual abunda nela. Não há nada detestável e abominável que lá não possa ser encontrado, e que lá não abunde.

Sodoma é uma cidade cheia de demônios e de espíritos imundos. Lá eles se encontram e têm seu domínio. Lá se divertem, e revolvem-se na imundície, como é dito da Babilônia mística, em Ap 18.2: “Babilônia se tornou morada de demônios, covil de toda espécie de espírito imundo e esconderijo de todo gênero de ave imunda e detestável.” – Quem seria, pois, de tal sociedade? Quem não fugiria de tal cidade com a maior pressa, sem jamais olhar para trás, e sem ter a menor inclinação de retornar?

Alguns em Sodoma podem aparentar ter um rosto limpo, e exibem um exterior justo; mas, se pudéssemos contemplar seus corações, todos são completamente nojentos e abomináveis. Devemos fugir de tal cidade, com o máximo horror do lugar e da sociedade, sem ter expectativas de lá voltar a habitar, e sem nunca encontrar a menor inclinação para retornar. Devemos, porém, desejar chegar a maior distância possível dela, para que, de forma alguma, nos tornemos participantes em suas abominações.

2. Não devemos olhar para trás ao fugir de Sodoma, porque Sodoma é uma cidade destinada à destruição. O clamor da cidade subiu aos céus. A terra já não pode mais suportar o fardo dos seus habitantes. Ela, portanto, aliviar-se-á deles, e os cuspirá. Deus não mais permitirá que tal cidade permaneça; Ele a consumirá. Deus é santo, e Sua natureza é infinitamente oposta a toda impureza; portanto, será para ela fogo consumidor. A santidade de Deus não permitirá que permaneça, e a Sua majestade e justiça requerem que os habitantes dessa cidade, que assim O provocaram e ofenderam,

sejam destruídos. E Deus certamente os destruirá pois este é Seu decreto imutável e irreversível. Ele o disse, e o fará. O decreto foi lançado, e tão certo quanto há um Deus, e é Todo-poderoso, e capaz de cumprir seus decretos e ameaças, assim, certamente, destruirá Sodoma. Gn 19. 12,13: “todos quantos tens na cidade, faze-os sair deste lugar; pois vamos destruir este lugar, porque o seu clamor se tem aumentado, chegando até à presença do SENHOR; e o SENHOR nos enviou a destruí-lo.” E, no ver. 14: “Levantai-vos, saí deste lugar, porque o SENHOR há de destruir a cidade.”

Esta cidade é maldita; está destinada à ruína. Portanto, assim como não seríamos participantes em sua maldição, e em sua destruição, devemos dela fugir, sem olhar para trás. Ap 18.4: “Retirai-vos dela, povo meu, para não serdes cúmplices em seus pecados e para não participardes dos seus flagelos.”

3. Não devemos olhar para trás ao fugir de Sodoma porque a destruição para a qual está destinada é sobremaneira terrível. Ela está destinada à completa destruição, a ser inteiramente e totalmente consumida. Está apontada para sofrer a ira do grande Deus, que será derramada do céu como uma terrível tempestade de fogo e enxofre. Esta cidade deve ficar cheia da ira de Deus. Todo o que nela permanece terá o fogo da ira de Deus descendo sobre sua cabeça e sobre sua alma: ficará cheio de fogo e da ira do Todo-poderoso. Será coberto com fogo por fora e cheio de fogo por dentro: sua cabeça, coração, entranhas, e todos os membros ficarão cheios de fogo, e nem uma gota de água o refrescará. Nem terá ele lugar para onde fugir em busca de alívio. Vá aonde for, haverá lá o fogo da ira de Deus; sua destruição e tormento serão inevitáveis. Será destruído sem misericórdia. Clamará em alta voz, mas ninguém o socorrerá, nem se preocupará com seus lamentos, ou lhe proverá alívio. O decreto foi lançado, e os dias vêm quando Sodoma queimará como um forno, e todos os seus habitantes serão como palha. Como foi na Sodoma histórica, quando toda a cidade estava repleta de fogo: não havia segurança nas casas, pois estavam em chamas; se fugiam para as ruas, também estavam em chamas. O fogo descia continuamente do céu, em todo lugar. Aqueles foram tempos sombrios. Que clamores houve naquela cidade, em todas as suas partes! Mas ninguém havia para ajudar; não tinham aonde ir, onde pudessem ocultar suas cabeças do fogo: ninguém para ser solidário ou para aliviá-los. Se fugiam para seus amigos, não podiam ajudá-los.

Agora, com que pressa devemos fugir de uma cidade destinada a tal destruição! E como devemos fugir sem olhar para trás! Como deve ser nosso desejo chegar à maior distância possível de uma cidade em tais circunstâncias! Como devemos estar mui longe de pensar em retornar para um lugar que experimenta tamanha ira sobre si!

4. A destruição para a qual Sodoma está destinada é uma destruição total. Ninguém que nela permanecer será poupado: ninguém terá a boa sorte de estar em uma esquina qualquer, onde o fogo não o alcance. Todos os tipos, velhos e novos, grandes e pequenos, devem ser destruídos. Não haverá exceção de idade, sexo, ou condição, mas todos perecerão juntamente. Gn 19. 24, 25: “Então,

fez o SENHOR chover enxofre e fogo, da parte do SENHOR, sobre Sodoma e Gomorra. E subverteu aquelas cidades, e toda a campina, e todos os moradores das cidades, e o que nascia na terra." Nós, portanto, não devemos nos atrasar ou olhar para trás, pois não há lugar seguro em Sodoma, nem em toda a campina na qual ela está construída. A montanha da segurança está adiante, nas às nossas costas.

5. A destruição a qual Sodoma está destina é uma destruição eterna. Isto foi dito acerca da Sodoma histórica, que sofreu a vingança de fogo eterno, em Jd 7: "como Sodoma, e Gomorra, e as cidades circunvizinhas, que, havendo-se entregado à prostituição como aqueles, seguindo após outra carne, são postas para exemplo do fogo eterno, sofrendo punição." A destruição, que Sodoma e Gomorra sofreram, foi eterna: essas cidades foram destruídas, e jamais foram reconstruídas desde então, e nem o podem ser, pois a terra na qual se localizavam afundou, e foi coberta com o lago de Sodoma, o Mar Morto, ou, como é chamado nas Escrituras: o mar Salgado. Isso parece assim ter sido ordenado com o objetivo de ser um tipo da destruição eterna dos ímpios. Por isso, o fogo com que foram destruídas é chamado de fogo eterno, porque era típico, era um tipo da destruição eterna dos ímpios. Isto é o que pode ser entendido, em parte, quando, no texto de Judas, se diz que foram postas para exemplo, ou para um tipo ou representação do fogo eterno no qual todos os ímpios serão consumidos.

Sodoma foi coberta, em todas as eras posteriores, com um lago procedente do fogo e enxofre que a consumiu. Este lago é um tipo do lago de fogo e enxofre no qual os ímpios terão sua porção por toda eternidade, como lemos em Ap 20. 15, e em outros lugares. Não devemos, portanto, olhar para trás ao fugir de Sodoma, tendo em vista que a destruição a que ela está destinada é eterna; isto, pois, a torna infinitamente terrível.

6. Sodoma é cidade destinada à destruição rápida e repentina. A destruição é não apenas certa e inevitável, e infinitamente terrível, mas virá rapidamente. "Para eles o juízo lavrado há longo tempo não tarda, e a sua destruição não dorme." (2 Pe 2.3). E também Dt 32. 35: "Porque o dia da sua calamidade está próximo, e o seu destino se apressa em chegar." A tempestade de ira e as negras nuvens da ira divina, agora mesmo repousam sobre eles, prontas a rebentar e cair, de forma terrível. "Deus já afiou sua espada e armou seu arco, tem-no pronto, preparou suas setas." Portanto, devemos nos apressar, e não olhar para trás. Pois se hesitarmos e pararmos para olhar, e não fugirmos pelas nossas vidas, há grande perigo que sejamos envolvidos pela desgraça comum.

A destruição de Sodoma é não apenas rápida, mas virá repentina e inesperadamente. Parece ter sido uma bela manhã em Sodoma no dia em que destruída (Gn 19. 23). Parece não ter havido nuvens, nem aparência de qualquer tempestade, muito menos de uma tempestade de foge e enxofre. Os habitantes de Sodoma não esperavam tal coisa; mesmo quando Ló disse aos seus genros sobre a destruição, não acreditaram nele (Gn 19.14). Eles estavam animados, seus corações estavam

descansados, achando que não havia calamidade à vista. Mas ela veio de uma vez, como as dores vêm à parturiente, e não houve escape, como diz o vv. 28, 29: “O mesmo aconteceu nos dias de Ló: comiam, bebiam, compravam, vendiam, plantavam e edificavam; mas, no dia em que Ló saiu de Sodoma, choveu do céu fogo e enxofre e destruiu a todos.”

Assim acontece com os ímpios; Sl 73. 19: “Como ficam de súbito assolados, totalmente aniquilados de terror!” – Portanto, se hesitarmos e olharmos para trás, podemos ser repentinamente assolados e assaltados pela destruição.

7. Não há nada em Sodoma que seja digno de lembrança. Todos os seus gozos cedo perecerão na destruição comum; tudo será consumido. E, certamente, não vale a pena olhar para trás em busca de coisas que estão perecendo e sendo consumidas pelas chamas, como acontece com todos os prazeres do pecado – estão todos destinados ao fogo. Portanto, é tolice para alguém que foge de Sodoma desejar mais deles, pois quando estão consumidos, para que servem? E vale a pena que retornemos por causa de um momento de prazer, antes que se consumam, e nos expormos a ser consumidos com eles?

A mulher de Ló olhou para trás porque se lembrou das coisas agradáveis que havia deixado em Sodoma. Ela as desejou avidamente; não podia fazer outra coisa senão olhar com olhos desejosos para a cidade, onde vivera com tanta fartura e alegria. Sodoma era um lugar de grande abundância exterior, o povo comia e bebia com fartura. O solo da região era muito fértil, sendo mesmo chamada de o jardim de Deus, em Gn 12. 10. E a abundância de pão era um dos pecados do lugar, como diz Ez 16. 49.

Aqui, Ló e sua esposa viveram na abundância. Este era um lugar em que os moradores chafurdavam nos prazeres e delícias da carne. Mas, conquanto abundassem estas coisas, de que valiam agora que estavam em chamas? A mulher de Ló foi muito tola ao titubear na sua fuga, por causa de coisas que estavam em chamas. Da mesma maneira, os prazeres, ganhos e alegrias do pecado têm sobre si a ira e a maldição de Deus: o enxofre está espalhado sobre eles; o fogo do inferno está pronto para incendiá-los. Portanto, não vale a pena para ninguém ter saudade de tais coisas.

8. Somos alertados pelos mensageiros enviados por Deus para que nos apressemos em nossa fuga de Sodoma, e não olhemos para trás. Deus nos envia seus ministros, os anjos das igrejas, nesta grandiosa missão, como enviou os anjos até Ló e sua esposa, para alertá-los que fugissem por suas vidas (Gn 19. 15,16). Se nos atrasarmos ou olharmos para trás, agora que fomos tão bondosamente alertados, seremos sobremaneira inescusáveis e monstruosamente tolos.

Aplicação

O uso que farei desta doutrina é o de alertar aqueles que se encontram em seu estado natural a

que fujam dele e de maneira alguma olhem para trás. Enquanto estiver fora de Cristo, você está em Sodoma. Toda a história da cidade, com todas as suas circunstâncias, parece estar inserida nas Escrituras para o nosso aviso, e posta como um exemplo, como diz o apóstolo Judas. Ela tipifica de forma vívida a situação do homem não convertido, a destruição dos que continuam no seu estado natural, e a maneira de escapar, fugindo para Cristo. O salmista, quando fala sobre a destruição destinada aos ímpios, parece evidentemente referir-se à destruição de Sodoma, Sl 11. 6: "Fará chover sobre os perversos brasas de fogo e enxofre, e vento abrasador será a parte do seu cálice."

Considerem, portanto, aqueles que buscam um interesse por Cristo: vocês devem fugir de Sodoma. Sodoma é o lugar onde vocês nasceram, e onde passaram as suas vidas. Vocês são cidadãos dessa cidade que está cheia de imundície e abominação diante de Deus, essa cidade poluída e maldita. Vocês pertencem a essa sociedade impura. Não apenas vivem entre eles, mas são contados com eles, cometeram essas abominações, e, assim, provocaram a Deus, conforme ouviram. É sobre vocês que estive até aqui falando, neste sermão. Vocês são os habitantes de Sodoma. Talvez olhem para as suas circunstâncias como não tão terríveis; mas habitam em Sodoma. Embora possam ser mudados, e aparentem um exterior limpo, e um rosto educado para o mundo, contudo, enquanto permanecerem em uma condição natural, são habitantes impuros de Sodoma.

A humanidade se divide em duas sociedades, ou, por assim dizer, em duas cidades: há Sião, a igreja de Deus, a cidade santa e amada; e há Sodoma, esta cidade poluída e amaldiçoada, que está destinada à destruição. Vocês pertencem a esta última. Conquanto encarem a si mesmos como melhores que os outros, pertencem à mesma cidade, à mesma companhia de fornicadores, bêbados, adúlteros, perjuros, ladrões, piratas e sodomitas. Conquanto encarem-se como distintos, enquanto estiverem fora de Cristo, pertencem a esta mesma sociedade; são da mesma companhia, ajuntam-se com eles, e não são melhores, ainda que tenham maiores restrições. Vocês, às vistas de Deus, são dignos de serem contados com eles e são, por completo, objetos de repugnância e execração, e a ira de Deus permanece sobre vocês, e viverão com ela, e com ela serão destruídos, se não escaparem do seu estado presente. Sim, vocês são da mesma companhia dos demônios, pois Sodoma é não apenas a cidade dos ímpios, mas é a casa de todo espírito imundo.

Vocês pertencem a esta cidade que está destinada à destruição horrível, inevitável, rápida e repentina; cidade que tem uma tempestade de fogo e ira pairando sobre si. Muitos de vocês estão convencidos do triste estado em que se encontram enquanto estiverem em Sodoma, e estão fazendo algumas tentativas de escapar da ira que paira sobre ela. Que os tais sejam advertidos, pelo que foi dito, a escapar por suas vidas, e não olhar para trás. Não olhem para trás, a menos que escolham ter uma porção na tempestade de fogo que está descendo sobre a cidade. Não tenham saudades dos prazeres que tiveram quando viveram em Sodoma, desejando as coisas agradáveis que possuíam lá, a tranquilidade, a segurança, e os gozos que lá desfrutaram.

Lembrem-se da mulher de Ló, pois olhou para trás, indisposta a abrir mão completamente, e para sempre, da tranquilidade, prazer e abundância que desfrutava em Sodoma, e tendo intenção de para lá retornar. Lembrem-se do que lhe sucedeu. Lembrem-se dos filhos de Israel, no deserto, que desejaram retornar ao Egito. Nm 11. 5: “Lembramo-nos dos peixes que, no Egito, comíamos de graça; dos pepinos, dos melões, dos alhos silvestres, das cebolas e dos alhos.” Lembrem-se quais foram as consequências. Vocês devem estar dispostos a abandonar para sempre toda a facilidade, e prazeres, e ganhos do pecado, e esquecer tudo pela salvação, como fez Ló, deixando tudo para escapar de Sodoma.

A TOLICE DE OLHAR PARA TRÁS AO FUGIR DE SODOMA – SERMÃO 2

"*Lembrai-vos da mulher de Ló.*" (Lucas 27:32)

A doutrina que retirei dessas palavras foi: "*Não devemos olhar para trás ao fugir de Sodoma*." Tendo confirmado essa doutrina com diversos argumentos, viemos à sua aplicação como forma de alerta aos pecadores em seu estado natural, e em especial àqueles que estão sendo despertados e convencidos do miserável estado em que se encontram, e desejam escapar da ira vindoura. Como forma de reforçar este alerta, permitam-me implorar a todos que estão neste estado para que considerem as coisas diversas que passo a mencionar:

1. A destruição que os ameaça é infinitamente mais temível que a destruição da Sodoma real da qual Ló escapou. A destruição de Sodoma e Gomorra por uma tempestade de fogo e enxofre não foi senão uma sombra da destruição dos ímpios no inferno, e não representa senão uma sombra ou imagem da realidade, equivalente a uma pintura do fogo em relação ao fogo real. A miséria do inferno é apresentada por uma variedade de sombras e imagens na Escritura, como escuridão das trevas, um verme que nunca morre, uma fornalha ardente, um lago de fogo e enxofre, o tormento do vale dos filhos de Hinom, uma tempestade de fogo e enxofre. A razão de se usar tantas alegorias é porque nenhuma delas é suficiente. O que todas fazem é apenas representar a verdade de modo parcial e muito imperfeito, portanto, Deus faz uso de muitas delas.

Vocês têm, portanto, muito mais necessidade de escapar apressadamente - e de não olhar para o que está atrás - do que tinha Ló e sua esposa quando fugiam de Sodoma. Isto porque estão a todo dia e momento em perigo de uma terrível tempestade, mil vezes pior sobre suas cabeças, do que aquela que veio sobre Sodoma quando o Senhor fez chover sobre ela fogo e enxofre de sua parte dos céus. Portanto, será tolice muito maior se olharem para trás do que foi para a mulher de Ló.

2. A destruição que os ameaça é não apenas maior que a da Sodoma real, mas é maior que a destruição eterna que abateu os habitantes de Sodoma. Pois não importa o quanto se achem bons, pois continuaram sem arrependimento sob o glorioso evangelho, pecaram e provocaram a Deus muito mais, e têm sobre si maior culpa que os habitantes de Sodoma, mesmo que aos seus olhos, e talvez aos outros, pareçam criaturas bastante inofensivas. (Mt 10:15): "Em verdade vos digo que menos rigor haverá para Sodoma e Gomorra, no Dia do Juízo, do que para aquela cidade."

3. Enquanto estavam a olhar para trás, multidões foram repentinamente tragadas e abatidas pela tempestade de ira. A ira de Deus não se demorou enquanto eles demoravam; não esperou um momento sequer para que se virassem e fugissem, mas os abateu e acabaram-lhe as esperanças. Quando a mulher de Ló olhou para trás, foi imediatamente destruída. Deus já havia exercido

paciência para com ela antes. Quando hesitou na retirada, os anjos a pressionaram e com seu esposo e filhas para que se apressassem. E não apenas isso, mas quando eles também se atrasaram, os anjos a agarraram, e a retiraram da cidade, sendo-lhe o Senhor misericordioso. Mas agora, quando, apesar dessa misericórdia, e dos avisos que lhe haviam sido dados, ela olhou pra trás, Deus não mais teve paciência, mas de imediato a executou.

Agora, Deus de modo semelhante lhes tem sido misericordioso. Vocês, no passado, hesitaram; foram avisados pelo anjo do perigo que corriam, e foram apertados para que se apressassem e fugissem. Ainda assim, adiaram a fuga. E agora, enfim, Deus, por assim dizer, se encarregou de vocês, pelas convicções de seu Espírito, para retirá-los de Sodoma. Portanto, *lembrem-se da mulher de Ló*. Se agora, depois de tudo, olharem para trás, depois de Deus lhes mostrar tanta misericórdia, terão razão para temer que Ele repentinamente os destruirá. Multidões, enquanto olhavam para trás, e adiavam por mais um tempo, nunca tiveram outra oportunidade; foram repentinamente destruídas, e sem possibilidade de remédio.

4. Se vocês olharem para trás, e viverem muitos anos depois disso, há grande perigo de que jamais vão adiante. O único modo de buscar a salvação é esforçando-se por ela com toda a sua força, e ainda olhar e seguir em frente, sem jamais parar ou diminuir o passo. Quando a mulher de Ló parou em sua fuga e deteve-se a fim de olhar, o seu castigo foi que lá ficasse para sempre. Jamais foi a outro lugar, nem nunca saiu dali: mas lá permaneceu como uma estátua de sal, um duradouro pilar e monumento de ira, por sua tolice e impiedade.

Assim acontece com frequência aos hesitantes, embora continuem a viver por tempo considerável depois disso. Quando olham para trás, após terem sofrido tanto por sua salvação, perdem tudo e colocam-se em larga desvantagem, apagando o Espírito de Deus, e perdendo suas convicções, terrivelmente endurecem seus corações e entorpecem suas almas. Pavimentam o caminho para o desencorajamento, terrivelmente fortalecem e estabelecem o interesse do pecado em seus corações, dando a Satanás de muitas formas vantagens para arruiná-los, e provocam a Deus tantas vezes a ponto de Ele os entregar à dureza de coração. Quando vêm a olhar para trás, suas almas já estão mortas e endurecidas como o corpo da mulher de Ló. E ainda que vivam por longo tempo, jamais avançam; isto lhes é pior do que se tivessem sido condenados imediatamente. Quando as pessoas em fuga de Sodoma olham para trás, sua ultima situação é muito pior que a primeira (Mt 12:43-45). E a experiência confirma que comumente ninguém é mais endurecido e difícil de ser conduzido ao arrependimento que os apóstatas.

5. Pode muito bem animar suas almas a fugir por suas vidas, e a não olhar para trás, quando considerarem quantos ultimamente têm fugido para as montanhas, enquanto vocês permanecem em Sodoma. A quantas multidões Deus deu a sabedoria para fugir para Cristo, a montanha da segurança! Eles fugiram para a pequena cidade de Zoar, que Deus poupará e nunca destruirá. Quantos de vocês

viram pessoas de todos os tipos saindo de Sodoma até agora, crendo na palavra de Deus falada pelos anjos de que Ele certamente destruirá esse lugar! Estes estão em uma condição segura, fora do alcance da tempestade, em um lugar onde o fogo e o enxofre não lhes podem atingir.

Mas vocês permanecem nesta cidade maldita, em meio a esta sociedade amaldiçoada. Ainda estão em Sodoma, que Deus está prestes a destruir terrivelmente, onde a cada minuto estão em perigo de ter sobre suas cabeças armadilhas, fogo e enxofre. Embora muitos tenham obtido a libertação, este não é o caso de vocês. O bem veio, mas vocês não o viram. Outros estão felizes, mas ninguém sabe o que será de vocês. Não têm parte nem porção nessa gloriosa salvação das almas, que esteve nos últimos dias entre nós. Essa consideração bem poderia animar suas almas a efetivamente escaparem, e na sua pressa, esforçarem-se e resolverem esforçar-se para sempre, haja o que houver no caminho. A não dar ouvidos a tentação alguma, e nunca olhar para trás, ou de forma alguma afrouxar ou abater seus esforços enquanto viverem, mas, se possível, aumentá-los mais e mais.

6. Voltar atrás em tempos como estes terá grande tendência de selar a condenação do homem que em outros tempos. Quanto mais meios têm os homens, quanto mais altos os chamados e maiores as vantagens em que se encontram, mais perigosa é a relutância, maior a tendência de aumentar-se a culpa, provocar a Deus e endurecer o coração.

Nós, nesta terra de luz, há muito que desfrutamos de maiores vantagens que o resto do mundo. Mas as vantagens que as pessoas desfrutam agora para a sua salvação são talvez dez vezes maiores que aquelas que comumente tivemos. Portanto, hesitar será um pecado proporcionalmente maior e mais perigoso para a alma. Vocês têm visto a glória de Deus e suas maravilhas entre nós, de forma muito impressionante. Se depois disso ainda olharem para trás, haverá grande perigo que Deus jure na sua ira que jamais entrarão no seu descanso, como fez para com aqueles que queriam retornar ao Egito, após terem visto as suas maravilhas realizadas em prol de Israel (Nm 14:22, 23): “nenhum dos homens que, tendo visto a minha glória e os prodígios que fiz no Egito e no deserto, todavia, me puseram à prova já dez vezes e não obedeceram à minha voz, nenhum deles verá a terra que, com juramento, prometi a seus pais, sim, nenhum daqueles que me desprezaram a verá.” As maravilhas que vimos entre nós nestes dias têm sido de natureza bem mais gloriosa que aquelas vistas pelos filhos de Israel no Egito e no deserto.

7. Nada sabemos senão que a maior parte do mundo ímpio hoje se encontra nas mesmas circunstâncias que Sodoma, quando Ló fugia de lá. Eles têm uma destruição visível e temporal pairando sobre si. Parece que alguma coisa grande está vindo, o estado das coisas no mundo parece favorável a alguma grande revolução. O mundo se encontra em tal grau de impiedade que é provável que o seu clamor tenha chegado aos céus, e é bastante improvável que Deus permita que tais coisas continuem do jeito que estão por muito tempo. É provável que Deus se apresse em aparecer em

terrível majestade para vindicar a sua causa e, então, ninguém estará a salvo se estiver fora de Cristo. Agora, portanto, todos devem fugir por suas vidas, e escapar para as montanhas, para que não sejam consumidos. Não podemos dizer com certeza o que Deus há de fazer, mas isto podemos: que todos os que estão fora de Cristo estão em um estado bastante inseguro.

8. Para reforçar este aviso contra a hesitação, permitam-me suplicar-lhes a que considerem a excessiva prontidão que há no coração para isso. O coração humano é recalcitrante. Há nele um grande amor e forte desejo pela comodidade, prazeres e diversões de Sodoma, como havia na mulher de Ló. Esta é razão por que tantos estão inclinados à tentação de olhar para trás. O coração está tão inclinado para Sodoma que é difícil manter os olhos fora dela e os pés longe dos seus caminhos. Quando os homens sob convicção de pecado são postos em fuga, é à força, é porque Deus segura suas mãos, como fez com Ló e sua mulher, arrastando-os de lá. Mas a tendência do coração é voltar para Sodoma.

As pessoas estão prontas a retornar também devido ao desencorajamento. O coração é inconstante, logo fica cansado, e pronto a ouvir tentações desencorajadoras. Uma pequena dificuldade e atraso logo vence suas fracas resoluções. E o desencorajamento leva à recalcitrância: enfraquece as mãos, coloca um peso morto nos corações, e os faz suportá-los como um fardo; e se isso continua por muito tempo, logo leva à segurança carnal e à insensibilidade. As convicções com frequência se abalam assim: primeiro começam a entreter o desencorajamento. A recalcitrância é uma doença que é extremamente secreta em suas formas de operação. É um temperamento agradável e age como a tuberculose, em que as pessoas com frequência se gabam que não estão piores, e que melhoraram, e no caminho da recuperação, até que em poucos dias vêm a morrer. Portanto, a recalcitrância vem aos poucos, e torna os homens insensíveis a ponto de se gabarem que não estão apostatando. Eles reivindicam estar buscando ainda, e esperam não ter perdido suas convicções. E ao tempo em que descobrem a verdade e não mais podem fingir, comumente já estão tão longe que não mais se importam se perderam suas convicções. E quando chegam a esse ponto, comumente já é o fim de suas convicções. Assim, eles cegam a si mesmos, e mantêm-se insensíveis de suas próprias doenças e não se angustiam por elas, nem acordam para usar os meios de aliviá-las, até que já não haja possibilidade de cura.

Assim é que a apostasia vem com frequência àqueles que por algum tempo estiveram sob consideráveis convicções, e depois as perderam. Que a consideração deste perigo os mova a terem maior cuidado e diligência para guardarem os corações, e vigiarem em constante oração contra a apostasia. E que isto os leve ao esforço para reforçar suas resoluções de se guardarem contra qualquer coisa que tenda ao contrário, para que possam perseverar até ao fim, para que "*conheçamos e prossigamos em conhecer ao SENHOR.*"

A PORÇÃO DOS ÍMPIOS

*"Mas ira e indignação aos facciosos, que desobedecem à verdade e obedecem à injustiça. Tribulação e angústia virão sobre a alma de qualquer homem que faz o mal, ao judeu primeiro e também ao grego." (*Romanos 2:8, 9*)*

É a intenção do apóstolo Paulo, nos três primeiros capítulos desta epístola, mostrar que tanto judeus quanto gentios estão debaixo do pecado e que, portanto, não podem ser justificados por obras da lei, mas apenas pela fé em Cristo. No primeiro capítulo, ele mostrou que os gentios estavam debaixo do pecado. Neste, mostra que os judeus também estão, e que, conquanto fossem severos nas suas censuras aos gentios, faziam as mesmas coisas que condenavam, pelo que o apóstolo os acusa: "Portanto, és indesculpável, ó homem, quando julgas, quem quer que sejas; porque, no que julgas a outro, a ti mesmo te condenas; pois praticas as próprias coisas que condenas." E os adverte que não sigam por este caminho, prevenindo-os da miséria a que ficariam expostos, e dando-lhes a entender que, ao invés de sua miséria ser menor que a dos gentios, seria maior, pelo fato de Deus ter sido mais benevolente para com eles do que para com os gentios. Os judeus achavam que estavam livres da ira vindoura, porque Deus os escolhera para ser Seu povo peculiar. Mas o apóstolo os informa que haveria indignação e ira, tribulação e angústia, para a alma de todo homem, não apenas dos gentios, mas para toda alma, e para o do judeu primeiramente e em especial, quando faziam o mal, pois seus pecados tinham mais agravantes.

Na passagem lida, encontramos:

1. Uma descrição dos ímpios, na qual podem ser observadas aquelas suas características que têm a natureza de uma causa, e as que têm a natureza de um efeito.

Aquelas características dos ímpios aqui mencionadas que têm a natureza de uma causa são o fato de serem *facciosos*, e *não obedecerem à verdade*, mas *obedecerem à injustiça*. Ser faccioso significa ser avesso à verdade, disputar com o evangelho, achar defeitos nas suas declarações e ofertas. Os incrédulos encontram muitas coisas nos caminhos de Deus em que tropeçam, e pelas quais se ofendem. Sempre estão disputando e achando defeitos em uma coisa ou outra. Com isso são impedidos de crer na verdade e render-se a ela. Cristo é para eles uma pedra de tropeço, uma rocha de ofensa. Não obedecem à verdade, ou seja, não se rendem a ela, não a recebem com fé. Esse render-se à verdade e abraçá-la, que se encontra na fé salvífica, é chamado de *obedecer,* na Escritura. Rm 6:17: "Mas graças a Deus porque, outrora, escravos do pecado, contudo, viestes a obedecer de coração à forma de doutrina a que fostes entregues." Hb 5:9: "E, tendo sido aperfeiçoado, tornou-se o Autor da salvação eterna para todos os que lhe obedecem."

Mas os ímpios obedecem à injustiça, ao invés de se render ao evangelho. Estão sob o poder e domínio do pecado, e são escravos de suas luxúrias e corrupções.

São nestas características dos ímpios que está a essência de sua impiedade. Sua descrença e oposição à verdade e sua submissão servil aos desejos pecaminosos são o fundamento de toda impiedade.

Aquelas características dos ímpios que têm a natureza de um efeito são o fazer o mal. Esta é a sua menor oposição contra o evangelho, e é por serem servilmente submissos a seus desejos carnais que fazem o mal. Aqueles princípios ímpios são o fundamento, e a prática ímpia é a estrutura. Aqueles são a raiz, esta, o fruto.

2. Encontramos também a *punição* dos ímpios, na qual podem ser também notados a causa e o efeito.

As coisas mencionadas em sua punição que têm a natureza de uma causa são *indignação* e *ira*; ou seja, a indignação e ira de Deus. É o furor de Deus que tornará os homens miseráveis. Serão os objetos da ira divina, e daí surgirá toda sua total punição.

As coisas em sua punição que têm a natureza de um efeito são *tribulação* e *angústia*. A indignação e ira de Deus se converterão em extrema dor, aflição e angústia de coração neles.

Doutrina

Indignação, ira, miséria e angústia de alma são a porção que Deus reservou aos ímpios.

Todo ser humano terá a porção que lhe pertence. Deus reserva a cada um a sua porção. A porção do ímpio nada mais é senão ira, aflição e angústia de alma. Embora possam gozar alguns prazeres e deleites vazios e inúteis, por alguns dias, enquanto permanecem neste mundo, contudo, o que lhes está reservado pelo Senhor e Governador de todas as coisas, como sua porção, é apenas indignação e ira, tribulação e angústia.

Essa não é a porção que os ímpios escolhem. O que escolhem é a felicidade mundana. Contudo, essa é a porção que Deus lhes concede. É a porção que, para todos os efeitos, eles escolhem para si, pois escolhem aquelas coisas que natural e necessariamente conduzem a esta porção, e aquelas que são claramente ditas, incontáveis vezes, que levam a ela. Pv 8:36: “Mas o que peca contra mim violenta a própria alma. Todos os que me aborrecem amam a morte.” Mas, quer a escolham ou não, esta será a porção por toda a eternidade daqueles que vivem e morrem como ímpios. Indignação e ira os perseguirão enquanto viverem neste mundo, daqui os arrebatarão, e os seguirão para o próximo mundo. E lá, ira e miséria permanecerão sobre eles por toda a eternidade.

O método que usarei para tratar deste assunto é descrever a ira e a miséria das quais os ímpios serão os objetos, tanto aqui quanto na eternidade, em suas partes e períodos sucessivos, de

acordo com a ordem do tempo.

I. Descreverei a ira que frequentemente acompanha os ímpios nesta vida. Indignação e ira, com frequência, os alcançam ainda aqui.

1. Deus, com frequência, na sua ira, os entrega a si mesmos. São entregues aos seus pecados, e abandonados para que destruam a si mesmos, e trabalhem em sua própria ruína; Ele os abandona no pecado. Os 4:17: "Efraim está entregue aos ídolos; é deixá-lo." Deus, com frequência, permite que caminhem grandes distâncias no pecado, e não lhes concede a graça refreadora que dá a outros. Ele os entrega a sua própria cegueira, de maneira que permanecem ignorantes de Deus e de Cristo, e das coisas que pertencem à sua paz [Lc 19:42]. Eles são, às vezes, entregues à dureza de coração, e se tornam estúpidos e insensíveis, de tal maneira que nada, jamais, os despertará completamente. São entregues à própria cobiça dos corações, para insistirem em certas práticas ímpias, todos os seus dias. Alguns são entregues à avareza, outros à bebedeira, alguns à impureza, outros ao orgulho, disputas e espírito invejoso, e alguns a uma disposição acusadora e antagonista para com Deus. Ele os entrega à sua estultice, para agirem com excessiva tolice, para que adiem os cuidados de suas almas de tempos em tempos, para nunca acharem que o presente é o melhor tempo, mas sempre o manterem a distância, e tolamente se gabarem com esperanças de uma vida longa, e adiarem o dia mau, e se bendizerem no coração, dizendo: "Terei paz, ainda que ande na perversidade do meu coração, para acrescentar à sede a bebedice." Alguns são deixados em tal estado que se tornam miseravelmente endurecidos e insensíveis, enquanto outros ao seu redor são despertados e, muito preocupados, perguntam-se o que devem fazer para ser salvos.

Às vezes, Deus entrega os homens a uma fatal apostasia devido ao mau aproveitamento dos esforços do Seu Espírito. São abandonados para a apostasia eterna. Terrível é a vida e a condição dos que são assim deixados sem Deus. Temos exemplos da miséria dos tais na santa Palavra de Deus, particularmente de Saul e Judas. Estes são, às vezes, entregues ao poder de Satanás para que os tente, e os conduza a práticas ímpias, agravando bastante sua própria culpa e miséria.

2. Indignação e ira são, às vezes, exercidas contra eles neste mundo, sendo amaldiçoados em todas as suas ocupações. Esta maldição de Deus os segue em tudo. São amaldiçoados nos seus prazeres. Se têm prosperidade, ela lhes é amaldiçoada; se possuem riquezas, se têm honra, se desfrutam prazeres, lá está a maldição de Deus presente. Sl 92:7: "Ainda que os ímpios brotam como a erva, e florescem todos os que praticam a iniquidade, nada obstante, serão destruídos para sempre."

Há uma maldição de Deus que acompanha sua alimentação diária: cada pedaço de pão que comem, cada gota de água que bebem. Sl 69:22: "Sua mesa torne-se-lhes diante deles em laço, e a prosperidade, em armadilha." São amaldiçoados em todas suas ocupações, em qualquer coisa em que põem a mão; quando vão ao campo trabalhar, ou quando trabalham nos seus respectivos

negócios. Dt 28:16: “Maldito serás tu na cidade e maldito serás no campo.” A maldição de Deus permanece na casa em que habitam, e o enxofre está espalhado nas suas habitações [Jó 18:15].

A maldição de Deus está presente nas suas aflições, enquanto que as aflições dos justos são correções paternais, e vêm pela misericórdia. As aflições que os ímpios enfrentam são devidas à ira, e vêm de Deus como um inimigo, e são o prenúncio de sua punição eterna.

A maldição de Deus também os acompanha nos seus aproveitamentos e oportunidades espirituais, e lhes seria melhor não haver nascido em uma terra onde há a luz [do evangelho]. O fato de terem a Bíblia e o Dia do Senhor apenas agrava sua culpa e miséria. A palavra de Deus quando lhes é pregada é cheiro de morte para a morte. Melhor lhes seria se Cristo jamais houvesse vindo ao mundo, se jamais houvesse oferta de um Salvador. A própria vida lhes é uma maldição; pois vivem apenas para encher a medida dos seus pecados. O que buscam em todos os divertimentos, e empregos, e preocupações da vida, é sua própria felicidade; mas jamais a obtêm. Jamais obtêm conforto verdadeiro, todos os consolos que têm são inúteis e não satisfazem. Se vivessem cem anos, com muito do mundo em sua possessão, suas vidas seriam todas preenchidas com vaidade. Tudo o que possuem é vaidade de vaidades, não acham descanso verdadeiro paras suas almas, tudo o que fazem é alimentar o vento oriental [Os 12:1] e não têm real contentamento. Sejam quais forem os prazeres exteriores que possam ter, suas almas estão famintas. Não têm paz real de consciência, não têm nada do favor de Deus. O que quer que façam, vivem em vão, e futilmente. São inúteis na criação de Deus, pois não respondem ao fim para o qual foram criados. Vivem sem Deus, não têm a Sua presença, e nenhuma comunhão com Ele. Pelo contrário, tudo o que têm, e tudo o que fazem, não têm outro fim senão o de contribuir para sua própria miséria, e tornar seu estado eterno e futuro mais terrível. Os melhores dos ímpios vivem vidas miseráveis e mesquinhas, mesmo com toda a sua prosperidade; suas vidas são muito indesejadas, e, o que quer que tenham, a ira de Deus permanece sobre eles.

3. Depois de um tempo devem morrer. Ec 9:3: “Este é o mal que há em tudo quanto se faz debaixo do sol: a todos sucede o mesmo; também o coração dos homens está cheio de maldade, nele há desvarios enquanto vivem; depois, rumo aos mortos.”

A morte que recai sobre os ímpios é bem diferente da que recai sobre os justos; para os ímpios é uma execução da maldição da lei, e da ira de Deus. Quando um ímpio morre, Deus o extirpa em ira, ele é levado por uma tempestade de ira, e é impelido em sua impiedade. Pv 14:32: “Pela sua malícia é derribado o perverso, mas o justo, ainda morrendo, tem esperança.”Jó 18:18: “Da luz o lançarão nas trevas e o afugentarão do mundo.” Jó 27:21: “O vento oriental o leva, e ele se vai; varre-o com ímpeto do seu lugar.” Embora os ímpios, em vida, possam viver na prosperidade mundana, contudo, não podem viver aqui sempre, mas devem morrer. O lugar que conhecem não mais conhecerão; e o olho que os vê não mais os verão na terra dos vivos [Jó 7:8].

Seus limites estão inalteravelmente estabelecidos, e, quando o atingirem, devem partir, e deixar todas as boas coisas mundanas. Se viveram na glória exterior, sua glória não os acompanhará; nada que possuam poderá ser levado. Ec 5:15: “Como saiu do ventre de sua mãe, assim nu voltará, indo-se como veio; e do seu trabalho nada poderá levar consigo.” Ele deve deixar todas as suas posses para outros. Se estão tranquilos e quietos, a morte acabará com essa tranquilidade, roubará seu escárnio carnal, e os desnudará de toda sua glória. Como vieram nus ao mundo, nus voltarão, e irão como vieram. Se estocaram muitos bens, por muitos anos, se armazenaram em depósitos, na esperança de ter conforto e prazer, a morte lhes cortará tudo isso. Lc 12:16: “E lhes proferiu ainda uma parábola, dizendo: O campo de um homem rico produziu com abundância. E arrazoava consigo mesmo, dizendo: Que farei, pois não tenho onde recolher os meus frutos? E disse: Farei isto: destruirei os meus celeiros, reconstruí-los-ei maiores e aí recolherei todo o meu produto e todos os meus bens. Então, direi à minha alma: tens em depósito muitos bens para muitos anos; descansa, come, bebe e regala-te. Mas Deus lhe disse: Louco, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será?” Se têm nos seus peitos muitos desígnios e projetos para promoverem sua prosperidade e vantagem mundana, quando vem a morte, tudo vai-se embora com um sopro. Sl 144:4: “Sai-lhes o espírito, e eles tornam ao pó; nesse mesmo dia, perecem todos os seus desígnios.” E assim, qualquer diligência que tenham tido em buscar sua salvação, a morte a desapontará, não aguardará que eles cumpram seus projetos e esquemas. Se afagaram, enfeitaram e adornaram seus corpos, a morte roubará todo seu prazer e glória; tornará seu semblante pálido e seu aspecto repulsivo. Ao invés das alegres roupas e dos belos ornamentos, terão apenas uma mortalha; sua casa será o escuro e silencioso túmulo; e esse corpo que tanto adoravam, se converterá em podridão repugnante, será comido pelos vermes, e se tornará pó. Alguns ímpios morrem na juventude, a ira os persegue, e logo os derruba e não lhes é permitido viver metade dos seus dias. Jó 36:14: “Perdem a vida na sua mocidade e morrem entre os prostitutos cultuais.” Sl 55:23: “Tu, porém, ó Deus, os precipitarás à cova profunda; homens sanguinários e fraudulentos não chegarão à metade dos seus dias.” Eles são, às vezes, arrebatados em meio ao pecado e à vaidade, e a morte põe fim súbito a todos os seus prazeres juvenis. São, com frequência, interrompidos no meio de uma carreira no pecado, e se seu coração já se apegou firmemente a essas coisas, devem ser separados delas. Não possuem bens, senão os exteriores; mas, então, deverão eternamente os abandonar, devem para sempre fechar os olhos para tudo o que lhes foi querido e agradável aqui.

4. Os ímpios são, às vezes, objetos de muita tribulação e angústia de coração nos seus leitos de morte. Às vezes, as dores do corpo são muito extremas e terríveis; e o que suportam nestas agonias e lutas pela vida, quando corpo e alma estão lutando para se separar, ninguém saberá. Ezequias teve um senso terrível disso. Ele compara a um leão quebrando todos os seus ossos. Is 38:12, 13: “A minha habitação foi arrancada e removida para longe de mim, como a tenda de um pastor; tu, como tecelão, me cortarás a vida da urdidura, do dia para a noite darás cabo de mim.

Espero com paciência até à madrugada, mas ele, como leão, me quebrou todos os ossos; do dia para a noite darás cabo de mim." Mas isto é pouco comparado ao que, às vezes, é suportado pelas almas dos ímpios quando estão no seu leito de morte. A morte parece, às vezes, ter um aspecto muito horrível para eles, quando ela vem e os encara na face, não conseguem contemplá-la. É sempre assim quando os ímpios têm notícias da aproximação da morte, e têm a razão e a consciência em exercício, e não são estúpidos ou distraídos. Quando essa rainha dos terrores vem e se revela, e são chamados a encontrá-la, oh, como é terrível seu conflito! Mas é necessário que a encontrem: Ec 8:8: "Não há nenhum homem que tenha domínio sobre o vento para o reter; nem tampouco tem ele poder sobre o dia da morte; nem há tréguas nesta peleja; nem tampouco a perversidade livrará aquele que a ela se entrega."

A morte vem a eles com toda sua terrível armadura, e com seu aguilhão; e é o suficiente para encher suas almas com um tormento que não pode ser expresso.

É ruim para uma pessoa estar em uma cama, doente, ser desenganada pelos médicos, com os amigos ao redor chorando, como se esperassem partir juntos; e em tais circunstâncias não ter esperança, não ter interesse em Cristo, e ter a culpa dos pecados posta sobre sua alma; estar saindo do mundo ser ter feito a paz com Deus; permanecer diante do seu trono de julgamento com todos os seus pecados, sem ter nada para objetar, ou responder. Ver a única oportunidade para se preparar para a eternidade chegando ao fim, depois da qual não haverá mais tempo para aprovação, mas sua situação estará inalteravelmente fixada, e jamais haverá outra oferta de um Salvador. É horrível para a alma chegar às margens do ilimitado mar da eternidade e insensivelmente se atirar nele, sem qualquer Deus ou Salvador para lhe preservar. Ser trazida à beira do precipício e ver a si mesma caindo no lago de fogo e enxofre, e sentir que não tem nenhum poder de impedir sua queda: quem poderá contar os apertos e apreensões do coração em tal situação? Como ela tenta voltar, mas, não obstante, continua; é vão desejar mais uma oportunidade! Oh, como ele pensa que são felizes aqueles que estão a sua volta, que ainda podem viver, ter sua vida prolongada, enquanto ele vai para uma eternidade infindável! Como desejaria que acontecesse consigo o mesmo que ocorre com os que têm mais tempo de se preparar para o julgamento! Mas não será assim. A morte, enviada com o propósito de chamá-lo, não lhe dará descanso nem alívio: ele deve comparecer diante do trono de Deus como está, ter seu estado eterno determinado de acordo com suas obras. Para tais pessoas, como as coisas parecem diferentes dos seus tempos de saúde, quando contemplavam a morte à distância! Como o pecado lhes parece diferente agora, aqueles mesmos pecados que costumavam menosprezar! Como é terrível olhar para trás e considerar como gastaram seu tempo, sendo tolos, e como gratificaram e premiaram seus desejos carnais, e viveram nos caminhos da impiedade; como foram descuidados, e como negligenciaram suas oportunidades e vantagens, recusando-se a ouvir o conselho, e como não se arrependeram apesar de todos os avisos que receberam! (Pv 5:11-13): "e gemas no fim de tua vida, quando se consumirem a tua carne e o teu corpo, e digas: Como aborreci o

ensino! E desprezou o meu coração a disciplina! E não escutei a voz dos que me ensinavam, nem a meus mestres inclinei os ouvidos!”

Como o mundo lhes parece diferente agora! Costumavam lhe dar muito valor, e ter seus corações arrebatados por ele; mas de que vale agora? Como são insignificantes todas as riquezas! (Pv 11:4): “As riquezas de nada aproveitam no dia da ira, mas a justiça livra da morte.” Que pensamentos diferentes têm agora a respeito de Deus e de sua ira! Eles costumavam desprezar a ira de Deus, mas como ela parece terrível agora! Como os seus corações se comprimem ao pensar em comparecer diante desse Deus! Como seus pensamentos a respeito do *tempo* são diferentes! Agora o tempo parece precioso e o que não dariam por mais um pouco de tempo! Alguns, nestas circunstâncias, foram levados a clamar: “Oh, um milhão de mundos por uma hora, por um *momento*!” E como a eternidade parece diferente agora! Sim, ela é de fato terrível. Alguns, no leito de morte, foram levados a clamar: “Oh essa palavra Eternidade! Eternidade! Eternidade!” Que mar sombrio ela lhes parece, quando chegam às suas margens! Com frequência, nestes tempos, clamam por misericórdia, e clamam em vão. Deus os chamou, mas não ouviram. “Antes, rejeitastes todo o meu conselho e não quisestes a minha repreensão; também eu me rirei na vossa desventura, e, em vindo o vosso terror, eu zombarei.” (Pv 1:26) Rogam a outros que orem por eles, chamam os pastores, mas nada resolve. Chegam mais e mais perto da morte, e a eternidade está mais e mais à porta. E quem pode expressar o seu horror, quando se sentem agarrados pelos braços gelados da morte, quando sua respiração falha mais e mais, e seus olhos começam a ficar fixos e a fraquejar! O que eles sentem não pode ser dito ou concebido. Alguns ímpios têm muito do horror e desespero do inferno na sua última doença. Ec 5:17: “Nas trevas, comeu em todos os seus dias, com muito enfado, com enfermidades e indignação.”

II. Descreverei agora a ira que acompanha os ímpios no porvir.

1. A alma, quando separada do corpo, será lançada no inferno. Há, sem dúvida, um julgamento específico pelo qual todo homem deve ser provado na morte, além do julgamento geral, pois a alma, tão logo parte do corpo, aparece diante de Deus para ser julgada. Ec 12:7: “e o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu.” Isto é, para ser julgada e preparada por Ele. Hb 9:27: “E, assim como aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo, depois disto, o juízo.” Mas este julgamento particular provavelmente não é uma ocasião solene como aquele que acontecerá no dia final. A alma deve aparecer diante de Deus, mas não da forma como os homens aparecerão no fim do mundo. As almas dos ímpios não irão ao céu para se apresentar diante de Deus, nem Cristo descerá de lá para a alma se apresentar diante dele. Nem se supõe que a alma será carregada a algum lugar, onde haja algum símbolo especial da presença divina. Mas Deus está presente em todo lugar, então a alma se conscientizará imediatamente da Sua presença. As almas em um estado separado [do corpo] estarão sensíveis da presença de Deus e de Suas operações de

maneira diferente do que estão agora. Pode-se dizer que todos os espíritos separados estão diante de Deus: os santos estão em Sua gloriosa presença, e os ímpios no inferno estão em Sua terrível presença. Somos informados que são atormentados na presença do Cordeiro. Ap 14:10: “Também esse beberá do vinho da cólera de Deus, preparado, sem mistura, do cálice da sua ira, e será atormentado com fogo e enxofre, diante dos santos anjos e na presença do Cordeiro.” Assim, a alma de um ímpio, na sua partida do corpo, ficará imediatamente consciente de que está diante de um Deus infinitamente santo e terrível, e do seu próprio Juiz final. E então verá como Ele é um Deus terrível, verá como é santo, como odeia infinitamente o pecado; estará ciente da grandeza da ira de Deus contra o pecado, e como é terrível Seu desprazer. Estará consciente da terrível majestade e poder de Deus, e como é horrível coisa cair em Suas mãos. Então a alma virá nua, com toda a sua culpa, em toda sua imundície; uma vil, repugnante, abominável criatura, uma inimiga de Deus, rebelde contra Ele, com a culpa de toda sua rebelião e menosprezo dos mandamentos de Deus, e desprezo de Sua autoridade, e desrespeito pelo glorioso evangelho, diante de Deus como seu Juiz. Isso a encherá de horror e espanto. Não se deve pensar que esse julgamento será acompanhado com qualquer voz ou qualquer outro relatório, como o julgamento no fim do mundo; mas Deus Se manifestará em sua estrita justiça interiormente, às vistas imediatas da alma, e ao sentido e apreensão da consciência. Este julgamento particular não será obstáculo para que a alma seja lançada no inferno imediatamente ao sair do corpo. Tão logo ela saia do corpo, saberá qual será seu estado e condição por toda a eternidade.

Enquanto houver vida, há esperança. O homem, enquanto vivia, embora sua situação fosse extremamente terrível, possuía ainda esperança. Quando estava moribundo, havia ainda possibilidade de salvação. Mas, uma vez que a união entre a alma e corpo for quebrada, nesse exato momento o caso se torna desesperador, e não subsiste mais esperança alguma, nenhuma possibilidade. Nos seus leitos de morte talvez tivessem esperança que Deus se compadeceria deles e ouviria seus clamores, ou que ouviria as preces dos seus amigos piedosos por eles; estavam prontos para se agarrar em qualquer coisa que encontrassem, algum afeto religioso ou alguma mudança na sua conduta externa, e se gabavam que eram então convertidos. Eram capazes de se permitir algum grau de esperança devido às vidas morais que viviam e que Deus os respeitaria e os salvaria.

Mas tão logo a alma parte do corpo, a partir desse momento o caso está absolutamente determinado. Haverá então um fim eterno para toda esperança, para tudo que os homens se agarravam nesta vida; a alma então saberá com segurança que deve ser miserável por toda eternidade, sem qualquer remédio. Verá que Deus é seu inimigo; verá seu Juiz vestido em Sua ira e vingança. Então, sua miséria começará e será, neste momento, engolida pelo desespero. O grande mar estará fixo entre ela e a felicidade, a porta da misericórdia fechada para sempre, a sentença irrevogável será dada. Então, os ímpios saberão o que está diante deles. Antes, a alma estava aflita

por temer como seria; mas agora, todos os seus temores sobrevirão. Sobrevirão como um dilúvio poderoso, e não haverá escape. Devido ao medo, a alma anteriormente estava cheia de espanto; mas agora, quem pode conceber o assombro que a enche, quando toda esperança estiver cortada, e estiver ciente que nada fará alguma diferença!

Quando morre um homem bom, sua alma é conduzida pelos santos anjos ao céu. Lc 16:22: "Aconteceu morrer o mendigo e ser levado pelos anjos para o seio de Abraão; morreu também o rico e foi sepultado." Assim, podemos bem supor que quando um ímpio morre, sua alma é agarrada pelos anjos maus; que eles cercam sua cama prontos para arrebatar a alma miserável tão logo ela deixe o corpo. E com que violência e fúria estes espíritos cruéis voarão sobre suas presas e ela será deixada nas suas mãos! Não haverá bons anjos para guardá-la e defendê-la. Deus não terá cuidado dela, não haverá nada que lhe sirva de auxílio contra estes espíritos cruéis que a tomarão e a levarão ao inferno, para ser atormentada para sempre. Deus a deixará completamente em suas mãos, e a dará para sua possessão, quando vier a morrer; e será conduzida ao inferno, a habitação dos demônios e espíritos condenados. Se o temor do inferno no leito de morte, às vezes, enche os ímpios de terror, como serão esmagados quando sentirem seus tormentos, quando descobrirem que são não apenas tão grandes, mas até mesmo maiores que seus temores! Descobrirão que são muito além do que poderiam conceber ao sentirem; pois ninguém sabe o poder da ira de Deus, senão os que a experimentam. Sl 90:11: "Quem conhece o poder da tua ira? E a tua cólera, segundo o temor que te é devido?"

As almas dos ímpios que partiram são, sem dúvidas, levadas para algum lugar específico no universo que Deus preparou para ser o receptáculo dos seus súditos ímpios, rebeldes e miseráveis. Um lugar onde a justiça vingadora de Deus será glorificada; um lugar feito para a prisão, onde demônios e ímpios estão reservados até o dia do julgamento.

2. Aqui, as almas dos ímpios sofrerão miséria extrema e incrível, em um estado separado [do corpo], até ao dia da ressurreição. Esta miséria não é, na verdade, seu castigo pleno, assim como não é a felicidade dos santos completa antes do dia do julgamento. Acontece com as almas dos ímpios o mesmo que acontece com os demônios. Embora estes sofram tormentos extremos agora, contudo ainda não sofrem seu castigo completo; e, portanto, é dito que foram lançados ao inferno e presos em cadeias. 2 Pe 2:4: "Ora, se Deus não poupou anjos quando pecaram, antes, precipitando-os no inferno, os entregou a abismos de trevas, reservando-os para juízo." Jd 6: "E a anjos, os que não guardaram o seu estado original, mas abandonaram o seu próprio domicílio, ele tem guardado sob trevas, em algemas eternas, para o juízo do grande Dia." Eles são reservados no estado em que estão; e para que estão reservados, senão para grau maior de punição? Logo, vemos que tremem de medo. Tg 2:19: "Crês, tu, que Deus é um só? Fazes bem. Até os demônios creem e tremem." Da mesma forma, quando Cristo esteve sobre a terra, os demônios tinham muito medo que Ele tivesse

vindo para os atormentar (Mt 8:29): “E eis que gritaram: Que temos nós contigo, ó Filho de Deus! Vieste aqui atormentar-nos antes de tempo?” Mc 5:7: “exclamando com alta voz: Que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Conjuro-te por Deus que não me atormentes!”

Mas, ainda assim, lá eles estão, em extrema e inconcebível miséria; privados de todo bem, sem nenhum descanso ou conforto, e estão sujeitos à ira de Deus. Ele lá executa Sua ira contra eles sem misericórdia, e são engolidos em ira. Lc 16:24: “Então, clamando, disse: Pai Abraão, tem misericórdia de mim! E manda a Lázaro que molhe em água a ponta do dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama.” Aqui nos é dito que, quando o rico morreu, estando em tormentos, levantou seus olhos e disse a Abraão que estava atormentado em uma chama. E parece que a chama não estava apenas *sobre* ele, mas *nele*; assim, pede por uma gota de água para refrescar sua língua. Isto, sem dúvida, serve para nos representar que eles estão cheios da ira de Deus, como se fosse fogo, e estarão lá atormentados em meio a demônios e espíritos condenados; e terão tormentos indizíveis devidos às suas próprias consciências. A ira de Deus é o fogo que nunca será apagado, e a consciência o verme que nunca morre (Is 66:24). Como os homens sofrem do horror da consciência, às vezes, neste mundo! Mas como sofrerão ainda mais no inferno! Quantas reflexões amargas e atormentadoras terão com relação à tolice de que foram culpados em suas vidas, por terem negligenciado suas almas, quando tiveram oportunidade de arrependimento; por terem continuado tão tolamente a entesourar ira para o dia da ira, acrescentando pecados ao seu registro, dia após dia, fazendo sua miséria cada mais maior; como atiçaram as chamas do inferno para si mesmos, e passaram suas vidas ajuntando combustível! Não serão capazes de resolver tais pensamentos em suas mentes; e como serão atormentadores! E os que vão ao inferno, jamais podem escapar de lá; lá ficarão aprisionados até o dia do julgamento, e seus tormentos continuarão perpetuamente. Os ímpios que morreram muitos anos atrás, suas almas foram para o inferno, e ainda estão lá; os que foram ao inferno nas eras passadas, desde então, estão lá, sempre em tormentos. Não têm mais nada para passar o tempo, senão sofrendo tormentos, são mantidos conscientes para nenhum outro propósito; e, embora tenham muitos companheiros no inferno, contudo não têm conforto, pois não há amigo, amor, piedade, quietude, nem sombra de esperança.

3. As almas separadas dos ímpios, além da miséria presente que sofrem, estarão em terrível medo de seu julgamento mais pleno no Dia do julgamento. Embora sua punição no estado separado seja extremamente terrível, e muito além do que possam suportar, embora seja tão grande a ponto de afundá-las e esmagá-las, contudo, não termina aqui, pois estão reservadas para uma punição muito maior e mais terrível. Seus tormentos serão, então, vastamente aumentados, e continuarão aumentando por toda a eternidade. Seu castigo será tão grande que suas misérias nesse estado separado não são senão como uma prisão antes da execução; elas, bem como os demônios, estão presas em cadeias de escuridão. Jd 6: “E a anjos, os que não guardaram o seu estado original, mas abandonaram o seu próprio domicílio, ele tem guardado sob trevas, em algemas eternas, para o juízo

do grande Dia.” Os espíritos separados são chamados “espíritos em prisão.” 1 Pe 3:19: “no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão.” E, se a prisão é terrível, como será terrível a execução! Quando estamos sofrendo alguma dor muito forte no corpo, como lamentamos qualquer aumento nela! Só o fato de continuar a doer é muito ruim, quanto mais aumentar. Como esses espíritos separados, que sofrem os tormentos do inferno, mais ainda temerão o aumento e plenitude do seu tormento que haverá no Dia do julgamento. O que já sentem é largamente mais do que podem suportar; quando estão, por assim dizer, rogando por uma gota d’água para refrescar sua língua, quando dariam dez mil mundos por um mínimo de abatimento de sua miséria! Como seria então sinistro pensar que, ao invés disso, está vindo o Dia quando Deus dará do céu a sentença de um grau de miséria muito mais terrível, e que continuarão debaixo dele para sempre! A experiência que têm do terror da ira de Deus os convence completamente como é terrível Sua ira; eles, portanto, ficarão extremamente temerosos dessa ira plena que ele executará no Dia do julgamento; não terão esperança de escapar, saberão com certeza que ela virá.

O temor disso faz os demônios, estes espíritos poderosos, orgulhosos e teimosos, tremerem: eles creem na ameaça, e, portanto, tremem. Se este temor os vence, como não esmagará as almas dos ímpios! Todo o inferno treme ao pensar no dia do julgamento.

4. Quando vier o dia do julgamento, deverão levantar-se para a ressurreição da condenação. Quando esse dia vier, toda a humanidade que houver morrido na face da terra ressurgirá; não apenas os justos, mas também os ímpios. Dan 12:2: “Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e horror eterno.” Ap 20:13: “Deu o mar os mortos que nele estavam. A morte e o além entregaram os mortos que neles havia. E foram julgados, um por um, segundo as suas obras.” Os condenados no inferno não sabem o tempo em que o Dia do julgamento acontecerá, mas quando este tempo chegar, será conhecido, e serão as notícias mais terríveis que jamais foram ouvidas neste mundo de misérias. Sempre é tempo doloroso no inferno; o mundo da escuridão é cheio de gritos e clamores dolorosos; mas quando as novas forem ouvidas, que o Dia apontado do julgamento chegou, o inferno se encherá de gritos mais altos e clamores mais terríveis que jamais houve. Quando Cristo vier nas nuvens dos céus para o julgamento, as notícias sobre Ele encherão tanto a terra quanto o inferno com gemidos e gritos amargos. Lemos que todas as famílias da terra se lamentarão por sua causa, e, da mesma forma, os habitantes do inferno; e então as almas dos ímpios devem ser unidas aos seus corpos, e permanecerão diante do Juiz. Não devem vir voluntariamente, mas serão arrastadas, como o malfeitor é arrastado do calabouço para a execução. Não foi de boa vontade que morreram, e deixaram a terra para ir ao inferno; mas é de muito mais má vontade que sairão do inferno para se dirigirem ao julgamento final. Não será uma libertação para elas, será apenas uma ida para a execução. Irão retroceder, mas devem vir; os demônios e espíritos condenados devem vir juntos. A última trombeta será então ouvida, e este será o som mais pavoroso para os ímpios e demônios que jamais foi ouvido; e não apenas os ímpios, que então serão achados

habitando a terra, a ouvirão, mas também os que estiverem nos seus túmulos. Jo 5:28, 29: “Não vos maravilheis disto, porque vem a hora em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão: os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida; e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo.” E então as almas dos ímpios deverão entrar novamente nos seus corpos, que estarão preparados apenas para serem os vasos de tormento e miséria. Será uma visão terrível para elas quando entrarem novamente nos seus corpos, os mesmos que anteriormente foram usados como membros e instrumentos do pecado e da impiedade, e cujos apetites e desejos elas permitiram e gratificaram. A separação do corpo e da alma lhes foi terrível quando morreram, mas a reunião na ressurreição será ainda mais terrível. Receberão seus corpos imundos e odiosos, de acordo com a vergonha e desprezo eterno para o qual estão destinados. Assim como os corpos dos santos surgirão mais gloriosos que na terra, e serão à semelhança do corpo glorioso de Cristo, da mesma forma, podemos bem supor que os corpos dos ímpios serão proporcionalmente mais deformados e odiosos. Muitas vezes neste mundo uma alma poluída está escondida em um corpo fino e belo, mas não será assim então, quando as coisas aparecerão como elas são; a forma e o aspecto do corpo serão de acordo com a deformidade infernal da alma. Assim surgirão dos seus túmulos, e levantarão os olhos, e verão o Filho de Deus nas nuvens dos céus, na glória de Seu Pai, com Seus santos anjos com Ele. Então verão seu Juiz em Sua terrível majestade, que será a visão mais incrível que jamais tiveram, e acrescentará ainda mais novos horrores. Essa terrível e esplêndida majestade na qual Ele aparecerá, e as manifestações de sua infinita santidade, espicaçará suas almas. Virão dos seus túmulos, todos tremendo e atônitos; o terror os surpreenderá.

5. Então, aparecerão diante do seu Juiz para prestar contas. Não acharão montanhas ou rochas que caiam sobre eles, que possam cobri-los, e escondê-los da ira do Cordeiro. Muito deles verão outros nessa ocasião, que foram seus antigos conhecidos, que aparecerão em corpos gloriosos, e com semblantes alegres e cânticos de louvor, e se elevando como que com asas para encontrar o Senhor nos ares, enquanto eles são deixados para trás. Muitos verão seus antigos vizinhos e conhecidos, seus companheiros, irmãos, e suas esposas sendo levados. Serão convocados a comparecer diante do tribunal; e devem ir, mesmo que não queiram; devem permanecer à esquerda de Cristo, em meio a demônios e ímpios. Isto, de novo, acrescentará mais espanto, e fará com que seu horror seja ainda maior. Com que terror essa sociedade se ajuntará! E então serão chamados a prestar contas; serão trazidas à luz as coisas ocultas das trevas; todas as impiedades do coração serão conhecidas; serão declaradas as reais impiedades de que são culpados; aparecerão seus pecados secretos, que foram cometidos longe dos olhos do mundo; agora serão manifestos na sua luz verdadeira aqueles pecados que costumavam apreciar, e desculpar e justificar. E todos os seus pecados serão apresentados com todos os seus terríveis agravantes, e sua imundície será trazida à luz para sua vergonha e desprezo eterno. Então ficará claro como muitas destas coisas eram hediondas, coisas que em vida faziam pouco caso; então aparecerá como foi terrível sua culpa no

seu desprezo por um Salvador tão glorioso e bendito. E todo mundo verá e muitos se levantarão em julgamento contra eles e os condenarão; seus companheiros a quem tentaram para a impiedade, outros que foram endurecidos pelo seu exemplo, se levantarão contra muitos deles; e os pagãos que não tiveram tantas vantagens em comparação com eles, e muitos que, ainda assim, viveram vidas melhores, se levantarão contra eles. Serão, então, chamados para um relato especial; o Juiz declarará sua pena, ficarão mudos, sem ter o que dizer, pois verão então como Ele é um Deus grande e terrível, este mesmo contra quem pecaram. Então ficarão à Sua esquerda, enquanto outros a quem conheceram na terra sentarão à direita de Cristo em glória, brilhando como o sol, aceitos por Cristo, e sentados com Ele para julgá-los e condená-los.

6. Então a sentença da condenação será pronunciada pelo Juiz sobre eles. Mt 25:41: “Então, o Rei dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos.” Essa sentença será pronunciada com terrível majestade; e haverá grande indignação, e terrível ira aparecerá no Juiz, e em sua voz, com a qual pronunciará a sentença; e com que horror e surpresa estas palavras atingirão os corações dos ímpios, para quem serão pronunciadas! Cada palavra e sílaba será como o mais terrível trovão para eles, e espicaçará suas almas como o relâmpago mais penetrante. O Juiz lhes ordenará que se apartem dele; os expulsará de Sua presença, como grandemente abomináveis para Ele, e lhes alcunhará de *malditos*; serão uma sociedade maldita, e não apenas lhes ordenará que saiam de sua presença, mas que vão para o fogo eterno, para lá habitar como a sua única morada digna. E o que mostra como o fogo é terrível é que ele está preparado para o diabo e seus anjos: eles permanecerão para sempre no mesmo fogo em que os demônios, estes grandes inimigos de Deus, serão atormentados. Quando esta sentença for pronunciada, haverá no vasto grupo à esquerda tremores e soluços, e gritos, e ranger de dentes, de uma nova forma, que jamais houve antes. Se os demônios, estes espíritos soberbos e elevados, tremem há muitas eras de antemão ao mero pensamento desta sentença, como irão tremer quando ela vier a ser pronunciada! E como os ímpios tremerão! Sua angústia será agravada ao ouvirem a bendita sentença pronunciada para aqueles que estarão à direita: “então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo.”

7. Então a sentença será executada. Quando o Juiz ordenar que partam, devem ir; mesmo contra sua vontade, devem ir. Imediatamente após o fim do julgamento e a pronúncia da sentença, chegará ao fim o mundo. A estrutura deste mundo será dissolvida. A pronúncia da sentença será, provavelmente, seguida de trovões, que rasgarão os céus e tremerão a terra do seu lugar. 2 Pe 3:10: “Virá, entretanto, como ladrão, o Dia do Senhor, no qual os céus passarão com estrepitoso estrondo, e os elementos se desfarão abrasados; também a terra e as obras que nela existem serão atingidas.” Então o mar e as ondas se agitarão, e as rochas serão derrubadas, e as montanhas serão rasgadas, e haverá um naufrágio universal deste grande mundo. Os céus serão dissolvidos, e a terra será posta

em chamas. Assim como Deus, em ira, uma vez destruiu o mundo por um dilúvio de águas, assim agora faz com que ele se afogue em um dilúvio de fogo; e os céus estarão em chamas, serão dissolvidos, e os elementos se fundirão com o calor fervente. (2 Pe 3:10); e aquela grande súcias de demônios e ímpios entrará nessas chamas eternas para a qual foram sentenciados.

8. Nesta condição permanecerão por todas as infindáveis eras da eternidade. Sua punição estará, então, completa, e permanecerá nesta completude para sempre. Agora virá sobre eles tudo o que temeram enquanto suas almas estavam no estado separado. Habitarão em um fogo que jamais se apagará, e aqui vestirão a eternidade. Aqui suportarão mil anos após mil anos, e sem chegar ao fim. Não há cálculo dos milhões de anos ou milhões de eras; toda aritmética falha aqui, não há regras de multiplicação que possa alcançar a quantidade, pois não haverá fim. Não terão nada a fazer para passar a eternidade, a não ser se atormentar com aqueles tormentos; este será seu trabalho para todo o sempre; Deus não terá nenhum outro uso para eles; esta é a maneira que responderão ao propósito de suas existências. E nunca terão descanso, nem expiação, mas seus tormentos se manterão a sua altura, e nunca ficarão mais toleráveis, pois jamais se acostumarão a eles. O tempo lhes parecerá longo, todo momento será longo para eles, mas jamais acabarão, como todas as eras de seu tormento.

Aplicação

I. Assim, que cuidado temos que ter que nosso fundamento para a eternidade esteja assegurado! Os que edificam em um falso fundamento, não estão seguros dessa miséria. Os que constroem um refúgio de mentiras descobrirão que seu refúgio de nada lhes adiantará. Os muros que rebocaram com cimento frágil cairão. Quanto mais terrível a miséria, mais necessidade temos de ver que estejamos livres dela. Será terrível, de fato, ser desapontado em tal matéria. Acariciar-nos com sonhos e vãs imaginações de ser filho de Deus, e de ir para o céu, e, ao fim, acordar no inferno, ver nosso refúgio varrido, e nossa esperança eternamente perdida, e nos descobrir engolidos pelas chamas, e ver uma eternidade infindável diante de nós. Como será terrível!

Haverá muitos que serão assim desapontados. Muitos virão à porta e a encontrarão fechada, estes mesmos que a esperavam aberta, e baterão, mas Cristo lhes dirá que não os conhece, e os ordenará que partam, e será inútil para eles comunicar a Cristo acerca das afeições que tiveram, e como foram religiosos, e como foram bem reputados na terra. Não terão resposta alguma senão: “Apartai-vos de mim, não vos conheço, vós os que praticais a iniquidade.” Consideremos isto, e tenhamos toda diligência em ver que edificamos na certeza de que, de toda forma, seremos achados em Cristo. Observemos se, de fato, estamos bem seguros desta terrível miséria. Do que adiantará nos agradar com uma noção de sermos convertidos, e sermos amados por Deus? E do que adiantará termos uma boa reputação com os nossos vizinhos por alguns dias, se formos no fim lançados no inferno, e aparecermos no dia do julgamento à esquerda [de Cristo], e termos nossa porção eterna

com os ímpios? Uma falsa esperança não tem valor, e é mil vezes pior do que o total desespero. E quem é mais miserável do que aqueles que acham que Deus perdoou seus pecados e que esperam ter uma porção com os santos na eternidade, mas, enquanto isso, estão se precipitando de cabeça nesta miséria terrível? Que situação seria mais triste do que a dos que assim são conduzidos vendados para a morte, prometendo a si mesmos uma felicidade que jamais virá, pelo contrário, estarão se afogando na tribulação e angústia infindáveis!

Que todos, portanto, que mantêm esperança de seu próprio estado, vejam que estão bem fundamentados; e que não descansem em sucessos passados, mas prossigam em frente, para as coisas que estão adiante com toda a sua força.

II. Também podemos derivar um argumento para o despertamento dos ímpios. Esta indignação e ira, tribulação e angústia é a porção reservada a você, se continuar no seu estado atual. Você é a pessoa a quem me referia; é para você que toda essa miséria está reservada pelas ameaças da Santa Palavra de Deus. É sobre você que permanece essa ira de Deus. Neste momento, você está em um estado de condenação a esta miséria. Jo 3:18: “o que não crê já está condenado.” Ainda não foi executada a sentença, mas você já está condenado a ela; não está simplesmente exposto à condenação, mas já está sob a sentença real de condenação. Esta é a porção que lhe está reservada pela lei, e você está sob a lei e não sob a graça. Esta é a miséria na qual você corre o perigo diário de cair. Você não está seguro nem por uma hora. O tempo em que ela virá, é incerto. Você está suspenso sobre ela por um fio, que a cada dia se torna mais e mais fraco. Esta miséria terrível, em todas as suas partes sucessivas, lhe pertence, e é a sua porção.

Se seus amigos e vizinhos, se todos ao seu redor, soubessem qual é a sua condição, poderiam muito bem levantar a voz em um clamor alto e amargo por sua causa, quando o contemplassem. Poderiam dizer: “Eis aqui um ser infeliz, condenado a ser entregue eternamente nas mãos dos demônios e ser atormentado por eles. Eis aqui um miserável, que está em perigo diário de ser engolido pelo mar sem fundo de tristeza e miséria. Eis aqui uma criatura miserável e perdida, condenada a passar a eternidade em fogo que não se apaga, e habitar em meio a chamas eternas; e ainda assim, não tem interesse em um Salvador, não tem nada para o defender, nada com que possa aplacar a ira de um Deus ofendido.” Aqui, considere duas coisas:

1. Você não tem razão alguma para questionar a realidade destas misérias e tormentos futuros, que são ameaçados na Palavra de Deus. Não se exalte com o pensamento de que isso pode não acontecer. Não diga: “Como eu saberei que existe tal miséria a ser infligida em outro mundo? Como eu saberei se isso não passa de uma fábula, e que quando vier a morrer haverá um fim para mim, e ocorrerá comigo o mesmo que acontece com as feras?” Não diga: “Como eu saberei se tudo isso não passa de fantasmas da invenção humana? Como eu saberei se as Escrituras, que ameaçam estas coisas, são a Palavra de Deus? Talvez Ele tenha ameaçado essas coisas apenas para amedrontar os

homens, para mantê-los no seu dever, sem ter jamais a intenção de cumprir com suas ameaças."

Digo que não há base para suspeitas, nem razões para ela, pois que não haverá um castigo futuro é não apenas contrário à Escritura, mas à razão. Não é razoável supor que não haverá um castigo futuro, ou supor que Deus, que fez o homem racional, capacitado a reconhecer seu dever, e sensível de que merece punição quando não o faz, deixaria o homem abandonado, para viver ao seu capricho, e que nunca o puniria por seus pecados, e não diferenciaria entre o bom e o mau. Ou que faria a humanidade e a abandonaria, que deixaria o homem viver todos os seus dias na impiedade, no adultério, homicídio, roubo e abuso, e coisas tais, e permitiria que vivessem prosperamente, sem puni-los jamais; que ficaria passivo vendo sua prosperidade no mundo, muito além dos justos, sem puni-los na eternidade. Como é irracional supor que Aquele que fez o mundo deixaria as coisas em tal confusão, e nunca tomaria cuidado com o governo de Suas criaturas e que jamais julgaria Suas criaturas racionais! A razão ensina que há um Deus, e também ensina que, se houver, Ele deve ser um Deus sábio e justo, e que deve se preocupar em ordenar as coisas sábia e justamente entre Suas criaturas. Portanto, não é razoável supor que os homens morrem como as feras e que não há castigo futuro. E se há castigo futuro, não é razoável supor que Deus não tenha, em algum lugar ou outro, dado aviso aos homens acerca dele, e lhes revelado que tipo de punição devem esperar. Um legislador sábio manteria seus súditos em ignorância quanto à punição que devem esperar por quebrar sua lei? E se Deus a revelou, onde mais será encontrada a não ser na Escritura? Que revelação temos de um estado futuro se não estiver nela revelada? Onde mais, senão aqui, Deus fala à humanidade que tipo de recompensas e punições deve ela esperar? E está abundantemente manifesto, por inúmeras evidências, que estas ameaças são as ameaças de Deus, e que este livro temível é Sua revelação. E uma vez que esta ameaça procede de Deus, não há motivo para objeção quanto ao seu cumprimento. Pois Ele disse, sim, até mesmo jurou, que retribuirá ao ímpio na sua face, de acordo com suas ameaças, e que será glorificado em sua destruição, e que este céu e esta terra passarão. Como é tolo, então, pensar que Deus possa apenas ameaçar tais castigos para o amedrontamento dos homens, sem jamais pretender executá-los! Pois tão certo como Deus é Deus, fará conforme Suas palavras. Ele destruirá as montanhas da iniquidade conforme Suas ameaças, e não haverá escape. Como é vão o pensamento daqueles que se iludem dizendo que Deus não cumprirá Suas ameaças, e que Ele apenas atemoriza e engana os homens por meio delas. Como se Deus não pudesse de outra maneira governar o mundo senão por meio de engodos e embustes falaciosos para iludir seus súditos! Os que acariciam tais pensamentos, conquanto possam estar endurecidos no presente, os entreterão somente por um pouco. Sua experiência, em breve, lhes convencerá que Deus é um Deus da verdade, e que Suas ameaças não são ilusões. Quando for tarde demais para escapar, serão convencidos de que ele é um Deus que de forma alguma inocenta o culpado, e que Suas ameaças são substanciais e não meras sombras. Dt 29:18-21: "Para que, entre vós, não haja homem, nem mulher, nem família, nem tribo cujo coração, hoje, se desvie do

SENHOR, nosso Deus, e vá servir aos deuses destas nações; para que não haja entre vós raiz que produza erva venenosa e amarga, ninguém que, ouvindo as palavras desta maldição, se abençoe no seu íntimo, dizendo: Terei paz, ainda que ande na perversidade do meu coração, para acrescentar à sede a bebedice. O SENHOR não lhe quererá perdoar; antes, fumegará a ira do SENHOR e o seu zelo sobre tal homem, e toda maldição escrita neste livro jazerá sobre ele; e o SENHOR lhe apagará o nome de debaixo do céu. O SENHOR o separará de todas as tribos de Israel para calamidade, segundo todas as maldições da aliança escrita neste Livro da Lei." Sl 50:21: "Tens feito estas coisas, e eu me calei; pensavas que eu era teu igual; mas eu te arguirei e porei tudo à tua vista."

2. Não há razão para pensar que seja possível que os ministros [do evangelho] apresentem este assunto além do que realmente seja; que possivelmente não seja tão horrível e terrível como se pretende, e que os ministros forçam a sua descrição além dos limites justos. Alguns prontamente pensam assim, pois lhes parece incrível que haja miséria tão terrível para qualquer criatura; mas não há razão alguma para tais pensamentos, se considerarmos:

Primeiro. Como é grande a punição que merecem os pecados dos ímpios. A Escritura nos ensina que qualquer pecado merece a morte eterna: Rm 6:23: "porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor." E que ele merece a maldição eterna de Deus. Dt 27:26: "Maldito aquele que não confirmar as palavras desta lei, não as cumprindo. E todo o povo dirá: Amém!" Gl 3:10: "Todos quantos, pois, são das obras da lei estão debaixo de maldição; porque está escrito: Maldito todo aquele que não permanece em todas as coisas escritas no Livro da lei, para praticá-las." Tudo isso implica que o menor pecado merece destruição eterna e total. A morte eterna, no seu grau mínimo, equivale a tal grau de miséria, assim como a destruição perfeita da criatura, a perda de todo bem, e a perfeita miséria; e, portanto, ser maldito de Deus implica nisso. Ser maldito de Deus é ser destinado à perfeita e final destruição. A Escritura ensina que os ímpios serão punidos em seu completo merecimento, que devem pagar toda sua dívida.

Segundo. Não há razão para achar que os ministros descrevem a miséria dos ímpios além do que ela é, porque a Escritura nos ensina que este é um dos fins dos ímpios: Rm 9:22: "Que diremos, pois, se Deus, querendo mostrar a sua ira e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita longanimidade os vasos de ira, preparados para a perdição." A Bíblia, com frequência, nos diz que é parte da glória de Deus que Ele seja um Deus terrível e temível. Sl 68:35: "Ó Deus, tu és tremendo nos teus santuários"; que é um fogo consumidor. Sl 66:3: "Que tremendos são os teus feitos! Pela grandeza do teu poder, a ti se mostram submissos os teus inimigos." E que assim uma parte da glória de Deus seja representada, é terrível coisa injuriar e ofender a Deus. A ira de um rei é como o rugido de um leão, a de um homem é, às vezes, terrível, mas a punição futura dos ímpios serve para mostrar como é a ira de Deus; é para mostrar a todo o universo a glória do Seu poder. 2 Ts 1:9:

“Estes sofrerão penalidade de eterna destruição, banidos da face do Senhor e da glória do seu poder.” E, portanto, o sofrimento aqui descrito não é de forma alguma incrível, e não há razão para supor que tenha sido minimamente descrito além do que realmente seja.

Terceiro. A Escritura mostra que a ira de Deus sobre os ímpios é terrível além do que possamos conceber. Sl 90:11: “Quem conhece o poder da tua ira? E a tua cólera, segundo o temor que te é devido?” Assim como não sabemos senão um pouco acerca de Deus, da mesma forma que não conhecemos e podemos conceber senão um pouco do seu poder e de sua grandeza, também é verdade que não conhecemos senão um pouco do terror de sua ira; e, portanto, não há razão para crer que a apresentamos além do que é. Temos razão, ao contrário, para supor que, após ter dito e pensado no nosso limite, tudo o que dissemos ou pensamos não passa de tosca sombra da realidade.

Somos ensinados que a recompensa dos santos está além de tudo que pode ser dito ou concebido. Ef 3:20: “Ora, àquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos.” 1 Co 2:9: “Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam.” E assim podemos racionalmente supor que o castigo dos ímpios da mesma forma será inconcebivelmente terrível.

Quarto. Não há razão para pensar que apresentamos a miséria do inferno além da realidade, porque a Escritura nos ensina que a ira de Deus é de acordo com seu temor (Sl 90:11). Esta passagem afirma que a ira de Deus é de acordo com os seus grandiosos atributos, a sua grandeza e seu poder, sua santidade e força. A majestade de Deus é extremamente grande e temível, e de acordo com seu temor é a sua ira; este é o sentido das palavras. Daí, podemos concluir que a ira de Deus é, sem dúvidas, terrível, além de toda expressão e significado. Como é, de fato, grande e temível Sua majestade, que criou os céus e a terra, e com que majestade virá julgar o mundo no último dia! Virá para tomar vingança contra os ímpios. A visão desta majestade atingirá os ímpios com apreensões e temores de destruição.

Quinto. A descrição que fiz da tribulação e ira que virá sobre os ímpios não está além da verdade, pois é a mesma descrição que a Escritura dá. Ela diz que os ímpios serão lançados na fornalha de fogo; não apenas no fogo, mas em uma fornalha. Mt 13:42: “e os lançarão na fornalha acesa; ali haverá choro e ranger de dentes.” Ap 20:15: “E, se alguém não foi achado inscrito no Livro da Vida, esse foi lançado para dentro do lago de fogo.” Sl 21:8, 9: “A tua mão alcançará todos os teus inimigos, a tua destra apanhará os que te odeiam. Tu os tornarás como em fornalha ardente, quando te manifestares; o SENHOR, na sua indignação, os consumirá, o fogo os devorará.”

Se, portanto, representei esta miséria além da verdade, então a Escritura fez o mesmo. É evidente, então, que não há razão para se exaltar com tais imaginações. Se Deus for verdadeiro, você encontrará Sua ira, e sua miséria futura, tão plena quanto grande; e não apenas isso, mas muito maior, e descobrirá que conhecemos um pouco, e dissemos pouco sobre ela, e todas as nossas

expressões são toscas quando comparadas à realidade.

III. Da mesma maneira, pode ser derivado um argumento para convencer os ímpios da justiça de Deus ao reservar-lhes tal porção. Os ímpios, quando ouvem falar de como é terrível a miséria que os ameaça, com frequência levantam os corações contra Deus por isso; parece-lhes muito dura a maneira que Deus lida com as suas criaturas. Não concebem o porquê de Deus ser tão severo com os ímpios, por seus pecados e tolices transitórios neste mundo; e quando consideram que Ele ameaçou tais castigos, são prontos a entreter pensamentos blasfemos contra Ele. Portanto, esforçar-me-ei para lhe mostrar como você está, com justiça, exposto a essa indignação e ira, tribulação e angústia, que ouviu. Em particular, quero mostrar:

Primeiro, como seria justo se Deus o abandonasse a si mesmo: seria muito justo se Deus rejeitasse estar com você ou ajudá-lo.

Você abraçou e se recusou a abandonar aquelas coisas que Deus odeia; recusou-se a esquecer de seus desejos carnais e abandonar os caminhos do pecado que são abomináveis a Ele. Quando Deus lhe ordenou que os abandonasse, se recusou, e ainda permanece neles, de maneira obstinada! Nem se apartou seu coração até hoje do pecado; mas ele lhe é querido, você o guarda no melhor lugar do coração, e o entroniza lá. Seria incrível então se Deus o abandonasse completamente, já que você não abandonará o pecado? Ele sempre declarou seu ódio pela iniquidade; e seria incrível se não estivesse disposto a habitar junto com o que lhe é tão odioso? Não é razoável que Deus insista que você se aparte da concupiscência a fim de desfrutar sua presença, e, visto que há tanto tempo se recusa, não seria justo se Deus o abandonasse completamente? Você sustenta e abriga os inimigos mortais de Deus, o pecado e Satanás; como é justo, portanto, que Deus se mantenha à distância! Ele é obrigado a estar presente com alguém que abriga seus inimigos, e se recusa a abandoná-los? Seria Ele injusto, se o abandonasse completamente a si mesmo, já que você não esqueceu seus ídolos?

Considere como seria justo se Deus o abandonasse, já que você O abandonou. Você não O buscou e à Sua presença e auxílio como deveria ter feito. Você O negligenciou. Não seria justo, portanto, se Ele o negligenciasse? Por quanto tempo muitos de vocês viveram na negligência de buscá-lo? Por quanto tempo vocês restringiram as orações? Portanto, uma vez que se recusaram tanto buscar a Sua presença e ajuda, não poderia Ele, com justiça, reter [essas bênçãos] para sempre, e, dessa maneira, deixá-los completamente entregues a si mesmos?

Você fez o que esteve ao seu alcance para se alienar de Deus, e fazer com que Ele o abandonasse completamente. Quando Deus, nos tempos passados, não o abandonou, mas foi incansável em despertá-lo, você não resistiu aos movimentos e influências do Seu Espírito? Não se recusou a ser conduzido, ou render-se a Ele? Zc 7:11: “Eles, porém, não quiseram atender e, rebeldes, me deram as costas e ensurdeceram os ouvidos, para que não ouvissem.” Como seria justo, então, Deus recusar-se a mover ou lutar por você! Quando Deus esteve batendo a sua porta, você se

recusou a abri-la; como seria justo então se Ele fosse embora, e não mais batesse nela! Quando o Espírito de Deus esteve lutando com você, não foi você culpado de entristecer o Espírito Santo ao dar espaço a um espírito disputador, e ao render-se como uma presa para a luxúria? E alguns de vocês não apagaram o Espírito, e não são culpados de apostasia? E Deus é obrigado, apesar disso tudo, a continuar a lutar com Seu Espírito com vocês, a ser resistido e entristecido, até o momento que se agradarem? Pelo contrário, não seria justo se os abandonasse eternamente, e os deixasse sozinhos?

2. Como seria justo se você fosse amaldiçoado em todos os seus interesses neste mundo! Seria justo se Deus o amaldiçoasse em tudo, e fizesse todas as suas diversões e ocupações voltarem-se para a sua destruição.

Você vive aqui em todas as ocupações da vida como um inimigo de Deus; e usou todas as suas posses e prazeres contra Ele, e para a Sua desonra. Não seria, então, justo se Deus o amaldiçoasse nessas coisas, e as revertesse contra você, e para a sua destruição? Que benção temporal que Deus lhe deu, que você não usou no serviço de suas luxúrias, e no serviço do pecado e de Satanás? Se teve prosperidade, você a usou para a desonra de Deus; quando engordou, abandonou o Deus que o criou. Como não seria justo, portanto, se a maldição de Deus acompanhasse todas as suas diversões! Quaisquer empregos que teve, não serviu a Deus com eles, mas aos Seus inimigos. Como seria justo então se fosse amaldiçoado nos seus empregos! Os meios de graça que desfrutou, você não fez uso deles como deveria ter feito; mas os menosprezou, e os tratou de uma maneira desrespeitosa e descuidada; fez o pior e o não o melhor com eles. Assim atendeu e fez uso do Dia do Senhor, e das oportunidades espirituais, apenas como ocasião para manifestar seu desprezo por Deus e por Cristo, e pelas coisas divinas, pela sua maneira profana de aproveitá-los. Portanto, não seria justo se a maldição de Deus acompanhasse seus meios de graça, e as oportunidades que você desfruta para a salvação da sua alma?

Você aproveitou seu tempo apenas com provocações e acrescentando às suas transgressões, em oposição a todos os chamados e avisos que lhe poderiam ter sido dado; quão justo seria, portanto, se Deus tornasse a sua própria vida uma maldição, e se Ele o tolerasse apenas para encher a medida dos seus pecados!

Você, agindo ao contrário dos conselhos de Deus, fez uso das suas diversões apenas para ferir sua [própria] alma, portanto, se Deus as revertesse para a sua dor e ruína, estaria lidando com você como você lida consigo mesmo. Deus o aconselhou incansavelmente a usar os aproveitamentos temporais para o seu bem espiritual, mas você se recusou a ouvi-lo, e tolamente os perverteu para entesourar ira para o dia da ira, e voluntariamente usou o que Deus lhe deu para a sua ruína espiritual, para aumentar a culpa e machucar sua própria alma; e, portanto, se a maldição de Deus os acompanhar, de forma que eles se tornem para a ruína da sua alma, você estaria sendo tratado da

mesma forma como trata a si mesmo.

3. Como seria justo se Deus o cortasse e pusesse um fim a sua vida!

Você grandemente abusou da paciência e longanimidade de Deus, que já foi exercida em seu favor. Deus, com maravilhosa longanimidade, suportou-o, quando se rebelou contra Ele, e recusou-se a se desviar dos maus caminhos. Ele o contemplou caminhando obstinadamente nos caminhos da provocação, e ainda assim não derramou sua ira sobre você, para destruí-lo, mas ainda tem aguardado para ser gracioso. Ele tem sido longânimo com você, ao permiti-lo ainda viver em Sua terra, e respirar Seu ar; e o manteve e o preservou, e continuou a alimentá-lo, e vesti-lo, e a mantê-lo, e dar-lhe espaço para se arrepender. Mas, ao invés de fazer o melhor em troca de sua paciência, você fez o pior, ao invés de ser quebrantado por isso, você foi endurecido, e se tornou mais ousado no pecado. Ec 8:11: "Visto como se não executa logo a sentença sobre a má obra, o coração dos filhos dos homens está inteiramente disposto a praticar o mal." Você foi culpado de desprezar as riquezas de Sua bondade, e tolerância e paciência ao invés de ser levado ao arrependimento por elas. Você não pode viver um só dia sem que Deus o mantenha e sustente; não pode dar um suspiro, ou viver um momento, a menos que Deus o sustente, pois a sua respiração está nas Suas mãos, e Ele preserva a sua alma com vida, e Sua visitação preserva o seu espírito. Mas, que graças Deus recebeu por isso, uma vez que você, ao invés de se voltar para Ele, apenas tornou-se mais plenamente consolidado e terrivelmente endurecido nos caminhos do pecado? Como seria justo, portanto, se a paciência de Deus se acabasse, e ele cessasse de ainda tolerar você.

Você não apenas abusou de Sua paciência passada, mas também abusou de Suas intenções de paciência futura. Tem se gabado de que a morte não está próxima, e que deve viver muito tempo no mundo, e isto o tornou ainda mais abundantemente ousado no pecado. Portanto, uma vez que esse foi o uso que fez da esperança de ter sua vida preservada, como seria justo se Deus desapontasse sua expectativa, e lhe cortasse dessa longa vida de que você se gaba, e em cujos pensamentos se encoraja no pecado contra Ele! Como seria justo se sua respiração fosse em breve cortada, e isso repentinamente, quando menos pensasse, e você fosse levado na sua impiedade!

Enquanto vive no pecado, nada faz senão sobrecarregar o solo, você é completamente inútil e vive em vão. Aquele que se recusa a viver para a glória de Deus não responde ao fim da sua criação, e vive para quê? Deus fez os homens para servi-lo. Para este fim, lhes deu vida; e se não devotarem suas vidas a este fim, não seria justo se Deus se recusasse a continuar ainda com suas vidas? Ele o plantou em sua vinha, para produzir fruto; e se você não produz, por que deveria ainda mantê-lo? Como seria justo se o cortasse!

Enquanto você viveu, muitas das bênçãos de Deus foram gastas com você dia após dia; você devora os frutos da terra e consome muito de sua gordura e doçura; e tudo sem nenhum propósito senão mantê-lo vivo para pecar contra Deus, e gastar tudo na impiedade. Toda a criação, por assim

dizer, geme por sua causa; o sol nasce e se põe para lhe dar a luz, as nuvens derramam chuva sobre você, e a terra produz seus frutos e labores de ano a ano para supri-lo; e você, neste meio tempo, não responde ao fim daquele que criou todas as coisas. Como seria justo, então, se Deus o cortasse, e o levasse embora, e libertasse a terra deste peso, para que a criação não mais gema por sua causa, e lhe expulsasse como um ramo abominável! Lc 13:7: "Pelo que disse ao viticultor: Há três anos venho procurar fruto nesta figueira e não acho; podes cortá-la; para que está ela ainda ocupando inutilmente a terra?" Jo 15:2, 6: "Todo ramo que, estando em mim, não der fruto, ele o corta; e todo o que dá fruto limpa, para que produza mais fruto ainda. Se alguém não permanecer em mim, será lançado fora, à semelhança do ramo, e secará; e o apanham, lançam no fogo e o queimam."

4. Como seria justo se você morresse no maior horror e espanto!

Com quanta frequência você tem sido exortado a aproveitar seu tempo, construir um fundamento de paz e conforto para o seu leito de morte; e, ainda assim, recusou-se a ouvir! Você tem sido muitas e muitas vezes lembrado de que deve morrer, que é incerto quando, e que não sabe a hora, e foi-lhe dito quão vis e insignificantes todos os seus prazeres terrenos então parecerão, e como serão incapazes de lhe dar qualquer conforto no seu leito de morte. Você tem sido alertado sempre sobre como é terrível estar em um leito de morte num estado sem Cristo, nada tendo para lhe confortar senão os prazeres mundanos. Você foi, com frequência, conscientizado do tormento e espanto que os pecadores, que aproveitaram mal seu precioso tempo, estão sujeitos quando arrastados pela morte. Foi-lhe dito como necessitaria infinitamente ter Deus como seu amigo, e ter o testemunho de uma boa consciência, e uma esperança bem fundamentada de bem-aventurança futura. E com que frequência foi exortado a ter o cuidado de prover contra este dia, e entesourar nos céus, para que possa ter algo em que depender quando partir deste mundo, algo para esperar quando todas as coisas aqui falharem! Mas lembre-se como esteve despreocupado, como foi lerdo e negligente de tempo em tempo, quando se assentou para ouvir estas coisas, e, ainda assim, obstinadamente recusou-se a se preparar para a morte, e não teve cuidado em assentar um bom fundamento contra este tempo. E você não apenas foi aconselhado, mas presenciou outros em seus leitos de morte, em temor e aflição, ou ouviu falar deles, e não tomou aviso; sim, alguns de vocês estiveram doentes, e ficaram temerosos de que estivessem nos seus dias finais, porém Deus foi misericordioso, e os restaurou, mas não ficaram alertas para se prepararem para a morte. Como seria justo então se você pudesse ser o objeto desse horror e espanto que ouviu, quando a sua hora chegar!

E não apenas isso, mas como você arduamente gastou seu tempo entesourando coisas para a tribulação e angústia naquele dia! Você não foi apenas negligente em assentar um fundamento para a paz e conforto então, mas gastou seu tempo contínua e incansavelmente assentando um fundamento para a aflição e o horror. Como alguns de vocês continuaram dia após dia, empilhando mais e mais culpa; mais e mais ferindo a própria consciência, aumentando ainda a porção de tolice e impiedade

para que você mesmo venha a refletir sobre elas! Como seria justo, portanto, se essa tribulação e angústia viesse sobre você!

5. Como é justo que você deva sofrer a ira de Deus em outro mundo!

Porque voluntariamente provocou e atiçou essa ira. Se não está disposto a sofrer a ira de Deus, então por que O provocou à ira? Por que agiu como se pudesse arranjar uma maneira para que ele não se irasse contra você? Por que desobedeceu deliberadamente a Deus? Você sabe que a desobediência deliberada tende a provocar aquele que é desobedecido; assim acontece com um rei, chefe ou pai terreno. Se você tem um servo que é deliberadamente desobediente, isto provoca sua ira. E, novamente, se não suporta a ira de Deus, por que, com tanta frequência, O despreza? Se alguém despreza os homens, isto tende a provocá-los: quanto mais a Majestade Infinita dos céus pode ser provocado, quando é menosprezado! Você também roubou de Deus a sua propriedade, recusou-se a dar a Ele o que Lhe pertence. Os homens são provocados quando são privados do que lhes é devido e quando tratados injuriosamente; quanto mais Deus pode ser provocado quando você O rouba!

E também desprezou a bondade de Deus para com você, e esta é a maior bondade e amor que se pode conceber. Você tem sido supremamente ingrato e tem abusado dessa bondade. Nada provoca mais os homens do que ter sua bondade menosprezada e abusada; quanto mais Deus pode ser provocado quando os homens retribuem Sua misericórdia infinita apenas com desobediência e ingratidão! Portanto, se continua a provocá-lo, e atiçar a Sua ira, como pode esperar outra coisa, senão sofrer essa mesma ira? Se, então, você de fato sofrer a ira de um Deus ofendido, lembre-se que é o que procurou para si mesmo, é um fogo que você mesmo acendeu.

Você não aceitou a libertação da ira de Deus, quando lhe foi ofertada. Quando Ele, em sua misericórdia, enviou Seu Filho unigênito ao mundo, você se recusou a admiti-lo. Amou demais seus pecados a ponto de abandoná-los para vir a Cristo, e por causa deles rejeitou as ofertas de um Salvador, de forma que escolheu a morte ao invés da vida. Após assegurar a ira para si mesmo, apegou-se a ela, e não a abandonou pela misericórdia. Pv 8:36: “Mas o que peca contra mim violenta a própria alma. Todos os que me aborrecem amam a morte.”

6. Como seria justo se você fosse entregue nãos mãos do diabo e seus anjos, para ser atormentado para sempre, já que voluntariamente se entregou para servi-los aqui! Você os ouviu, ao invés de ouvir a Deus. Como seria justo, então, se Deus o entregasse a eles! Você seguiu a Satanás e aderiu aos seus interesses em oposição a Deus, e se sujeitou a sua vontade neste mundo, ao invés de se submeter à vontade de Deus; como seria justo então se Deus o entregasse para a vontade do diabo daqui para frente!

7. Como seria justo se o seu corpo fosse feito objeto do tormento do porvir, o mesmo corpo que você tornou instrumento do pecado neste mundo! Você entregou o seu corpo como um sacrifício

para o pecado e Satanás: como seria justo então se Deus o entregasse como um sacrifício para a ira! Você empregou seu corpo como um servo para os seus desejos vis e odiosos. Como seria justo, portanto, se Deus, no porvir, ressuscitasse seu corpo para ser objeto e instrumento da miséria; e para enchê-lo tão plenamente do tormento como eles estiveram cheios do pecado!

8. Mas a maior objeção dos ímpios contra a justiça do futuro castigo que é ameaçado por Deus advém da grandeza desse castigo: que Deus deva infligir sobre os impenitentes tormentos tão extremos, tão incrivelmente terríveis, ter seus corpos lançados na fornalha de fogo de tão imenso calor e fúria, lá ficar sem se consumir, e ainda cheio de senso e sentimento, com chamas por dentro e por fora; e a alma cheia do ainda mais terrível horror e tormento; e assim permanecer sem remédio ou descanso para sempre, e sempre, e sempre. Portanto, mencionar-lhe-ei algumas coisas, para mostrar como você, com justiça, está exposto a punição tão terrível.

1. Esta punição, tão terrível quanto seja, não é maior do que o grandioso e glorioso Ser contra quem você pecou. É verdade que é uma punição terrível além de toda expressão e concepção, da mesma forma que a grandeza e glória de Deus estão muito acima de toda expressão e concepção; mas, ainda assim, você continua nos seus pecados contra Ele, sim, tem sido ousado e presunçoso nos seus pecados, e tem multiplicado as transgressões contra Ele infinitamente. A ira de Deus, que vocês ouviram, terrível como é, não é mais que essa Majestade que vocês desprezaram e pisaram. Essa punição é de fato suficiente para encher de horror alguém que meramente pense sobre ela; e assim, se você a concebesse corretamente, ficaria cheio de no mínimo igual horror em pensar em pecar tão grandemente contra Deus tão grandioso e glorioso. Jr 2. 12:13: “Espantai-vos disto, ó céus, e horrorizai-vos! Ficai estupefatos, diz o SENHOR. Porque dois males cometeu o meu povo: a mim me deixaram, o manancial de águas vivas, e cavaram cisternas, cisternas rotas, que não retêm as águas.” Deus, sendo tão infinitamente grande e excelente, não o influenciou a pecar contra Ele, mas você o fez ousadamente, e fez pouco caso, milhares de vezes; e por que o fato dessa miséria ser tão infinitamente grande e terrível, impediria Deus de infligi-la sobre você? 1 Sm 2:25: “Pecando o homem contra o próximo, Deus lhe será o árbitro; pecando, porém, contra o SENHOR, quem intercederá por ele?”

2. Sua natureza não abomina mais esta miséria que você ouviu, do que a natureza de Deus abomina o pecado de que você é culpado. A natureza do homem é muito avessa à dor e ao tormento, e é especialmente avessa a tal tormento terrível e eterno; mas, ainda assim, isso não impede que seja justo o que é infligido, pois os homens não odeiam a miséria mais do que Deus odeia o pecado. Deus é tão santo, e de natureza tão pura, que tem aversão infinita ao pecado; mas, ainda assim, você menospreza o pecado, e eles têm excessivamente se multiplicado e crescido. A consideração de que Deus o odeia não impediu você de cometê-lo; por que, portanto, a consideração de que você odeia a miséria deveria impedir Deus de trazê-la sobre você? Deus representa a sim mesmo na sua Palavra

como cansado e aborrecido com os pecados dos ímpios:Is 1:14: “As vossas Festas da Lua Nova e as vossas solenidades, a minha alma as aborrece; já me são pesadas; estou cansado de as sofrer.” Ml 2:17: “Enfadais o SENHOR com vossas palavras; e ainda dizeis: Em que o enfadamos? Nisto, que pensais: Qualquer que faz o mal passa por bom aos olhos do SENHOR, e desses é que ele se agrada; ou: Onde está o Deus do juízo?”

3. Você não se preocupou com o quanto a honra de Deus tem sofrido; e por que Deus deveria se preocupar que a sua miséria não fosse tão grande? Você foi alertado sobre como aquelas coisas que praticou traziam desonra a Deus; contudo, não se importou, mas continuou a multiplicar as transgressões. A consideração de que quanto mais você pecava, mais Deus era desonrado, nem ao menos o restringiu. Se não fosse pelo temor do desgosto de Deus, você não teria se importado que o desonrasse dez mil vezes como fez. Devido à falta de respeito a Deus, você não se importou com o que sucedeu de Sua honra, nem de sua felicidade, não, nem do Seu Ser. Por que então Deus é obrigado a ser cuidadoso com o quanto você sofre? Por que deveria se preocupar com o seu bem estar, ou usar qualquer precaução para que não venha a colocar sobre você mais do que possa suportar?

4. Tão grande quanto seja esta ira, não é maior do que o amor de Deus que você desprezou e rejeitou. Deus, em sua infinita misericórdia pelos pecadores perdidos, forneceu um modo para eles escaparem da miséria futura, e obterem vida eterna. Para esse fim deu o Seu Filho unigênito, uma pessoa infinitamente gloriosa e honrada, em si mesmo igual a Deus, e infinitamente próximo a Ele. Foi dez mil vezes mais do que se Deus houvesse dado todos os anjos nos céus, ou o mundo inteiro pelos pecadores. Ele o deu para se encarnar, sofrer a morte, ser feito maldição por nós, sofrer a terrível ira de Deus em nosso lugar, e assim adquirir-nos a glória eterna. Esta pessoa gloriosa foi ofertada a você inúmeras vezes, e ele esteve e bateu a sua porta, até que seus cabelos ficassem úmidos com o orvalho do noite; mas tudo o que fez não o ganhou; você não viu nele forma nem formosura, nem beleza alguma que o agradasse. Quando ele se lhe ofertou como o seu Salvador, você jamais o aceitou livremente e de coração. Este amor que você dessa maneira abusou é tão grande quanto essa ira que você corre perigo. Se você o houvesse aceitado, teria o gozo deste amor ao invés de suportar essa terrível ira: assim, a miséria que você ouviu não é maior que o amor que você desprezou, e a felicidade e glória que rejeitou. Como seria justo então em Deus executar essa ira sobre você, que não é maior do que o amor que você desprezou! Hb 2:3: “como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação? A qual, tendo sido anunciada inicialmente pelo Senhor, foi-nos depois confirmada pelos que a ouviram.”

5. Se você reclama desta punição como sendo muito grande, então por que ela não foi grande o suficiente para o impedir de pecar? Conquanto seja grande, você fez pouco caso dela. Quando Deus ameaçou infligi-la, você não se importou com as ameaças, mas foi ousado em desobedecê-lo, e

fazer aquelas mesmas coisas pelas quais ele ameaçou esta punição. Grande como ela seja, não foi o suficiente para impedi-lo de viver deliberadamente uma vida ímpia, e continuar nos caminhos que sabia que eram maus. Quando soube que tais e tais coisas certamente o expunham a essa punição, você não se absteve por esses relatos, mas continuou dia a dia, ainda mais presunçoso, e Deus ameaçar tal punição não teve um efeito sobre você. Por que, portanto, reclama agora que essa punição seja grande demais, e dispute contra ela, dizendo que Deus não é razoável e é cruel em infligi-la? Ao dizer assim, se condena com sua própria boca, pois se é um castigo tão terrível, mais do que é justo, então porque não foi grande o suficiente para restringi-lo do pecado deliberado? Lc 19:21: “Pois tive medo de ti, que és homem rigoroso; tiras o que não puseste e ceifas o que não semeaste. Respondeu-lhe: Servo mau, por tua própria boca te condenarei.” Você reclama que a punição é grande demais, contudo, agiu como se não fosse grande o suficiente, e a desprezou. Se a punição for tão grande, por que você se esforçou para torna-la ainda maior? Pois continuou dia após dia entesourando ira para o dia da ira, acrescentado ao seu castigo, e o aumentando substancialmente; e ainda assim agora você reclama que seja grande demais, como se Deus não pudesse justamente infligir castigo tão grande. Como é absurda e contraditória a conduta de alguém que reclama de Deus por tornar o castigo grande demais, mas dia a dia grandemente ajunta e recolhe combustível, para tornar o fogo maior!

6. Você não tem motivo para reclamar da punição ser injusta; pois muitas e muitas vezes provocou a Deus com o seu pior. Se você devesse proibir um servo por fazer uma dada coisa, e o ameaçasse de que, se a fizesse, você infligiria sobre ele uma punição terrível, e ele, apesar disso tudo a fizesse, e você renovasse o mandamento, e o avisasse da maneira mais estrita possível a não fazê-lo, e lhe dissesse que certamente o puniria se persistisse, e declarasse que sua punição seria muito terrível, e ele completamente o desprezasse, e desobedecesse novamente, e você continuasse a repetir seus mandamentos e avisos, ainda falando do terror do castigo, e ele, ainda sem se preocupar, continuasse e continuasse a desobedecê-lo descaradamente e isso imediatamente após suas proibições e ameaças: você poderia agir de outra maneira senão fazendo o que fosse mais terrível? Mas assim você agiu com Deus; você teve seus mandamentos repetidos, e suas ameaças postas diante de si centenas de vezes, e foi muito solenemente advertido; contudo, apesar disso tudo, continuou nos caminhos que sabia serem pecaminosos, e fez as exatas coisas que foram proibidas, diretamente diante de Sua face. Jó 15:25, 26: “porque estendeu a mão contra Deus e desafiou o Todo-Poderoso; arremete contra ele obstinadamente, atrás da grossura dos seus escudos.” Você assim invocou o desafio ao Todo-Poderoso, mesmo quando viu a espada de sua ira vingadora desembainhada, pronta a cair sobre sua cabeça. Seria então, uma maravilha se ele o fizesse conhecer como é terrível essa ira, na sua completa destruição?

A EXCELÊNCIA DE CRISTO

"Todavia, um dos anciãos me disse: Não chores; eis que o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, venceu para abrir o livro e os seus sete selos. Então, vi, no meio do trono e dos quatro seres viventes e entre os anciãos, de pé, um Cordeiro como tendo sido morto." (Apocalipse 5.5-6)

As visões e revelações que o apóstolo João teve dos eventos futuros da providência de Deus são introduzidas aqui com uma visão do livro dos decretos de Deus, onde estes eventos foram pré-ordenados. Isso é representado no versículo 1 como um livro que estava na mão direita daquele que se assenta no trono, "*escrito por dentro e por fora, e selado com sete selos.*" Estes livros, bastante comuns na antiguidade, eram amplas folhas de pergaminho ou papel, ou algo desta natureza, unidas em um lado, juntadas, e depois seladas, para impedir sua abertura e divulgação. Da mesma forma, lemos do rolo de um livro em Jeremias 36.2. Parece que foi um livro desse tipo que João viu aqui, e, portanto, o texto nos diz que estava "*escrito por dentro e por fora*", isto é, nas páginas internas bem como nas externas, nas que serviam de capa ao livro. O texto também diz "*selado com sete selos*", dando a entender que o conteúdo estava perfeitamente oculto e escondido; ou que os decretos dos futuros eventos de Deus estão selados, e fora da possibilidade de serem descobertos por criaturas, até que Deus se agrade em revelá-los. O número sete, na Bíblia, geralmente, simboliza a perfeição por excelência, significando o superlativo ou grau absoluto mais perfeito de algo. Isso provavelmente se deve ao fato de Deus, no sétimo dia, haver contemplado as obras da criação terminada, e haver descansado e se rejubilado nelas, como completas e perfeitas.

Quando João viu este livro, conforme nos conta em Ap 5. 2-5: "Vi, também, um anjo forte, que proclamava em grande voz: Quem é digno de abrir o livro e de lhe desatar os selos? Ora, nem no céu, nem sobre a terra, nem debaixo da terra, ninguém podia abrir o livro, nem mesmo olhar para ele." E ele chorava muito, porque: "ninguém foi achado digno de abrir o livro, nem mesmo de olhar para ele." Então nos conta como suas lágrimas foram enxugadas quando um dos anciãos lhe disse: "Não chores; eis que o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, venceu para abrir o livro e os seus sete selos." Embora nenhum homem ou anjo, nenhuma mera criatura, fosse achada digna de desatar os selos, ou de ser admitida ao privilégio de ler o livro, contudo, foi declarado para o conforto deste amado discípulo que Cristo foi achado tanto capaz quanto digno. E o restante do texto vai dizer exatamente isto, que Cristo toma o livro e o abre, selo a selo, revelando o decreto de Deus sobre os eventos futuros da humanidade. E temos neste capítulo um relato de Cristo vindo e tomando o livro da mão daquele que se assenta no trono, sendo entoado um alegre cântico para Ele no céu e na terra nesta ocasião.

Muitas coisas podem ser observadas nas palavras do texto, mas, é meu presente propósito apenas notar os títulos, no original, que são atribuídos a Cristo aqui.

1. Ele é chamado de *Leão*. "Eis que o Leão da tribo de Judá". Ele parece ser o Leão da tribo de Judá em alusão ao que Jacó disse na sua benção das tribos, no seu leito de morte. Ao abençoar Judá, compara-o a um leão: Gn 49. 9: "Judá é leãozinho; da presa subiste, filho meu. Encurva-se e deita-se como leão e como leoa; quem o despertará?" E também devido ao padrão do acampamento de Judá no deserto, no qual era exibido um leão, de acordo com uma antiga tradição dos judeus. É bem devido aos valorosos atos de Davi que a tribo de Judá, a qual ele pertencia, é comparada na benção profética de Jacó a um leão. Mas, mais especialmente com um olhar em Jesus Cristo, que também era dessa tribo, e era descendente de Davi, e é no nosso texto chamado de "*a raiz de Davi*". Portanto, Cristo aqui é chamado de "*o Leão da tribo de Judá*."

2. Ele é chamado de *Cordeiro*. O ancião falou a João que um Leão havia vencido para abrir o livro, e o discípulo provavelmente esperava ver um leão em sua visão. Mas, enquanto esperava, eis que um Cordeiro aparece para abrir o livro, criatura de tipo muito diferente de um leão! Este é um devorador, acostumado a grandes carnificinas, e criatura alguma lhe é presa mais fácil que o cordeiro. E Cristo é aqui representado não apenas como um Cordeiro, mas um Cordeiro como tendo sido morto, ou seja, ele ainda estava com as marcas das feridas mortais estampadas em seu corpo.

O que observarei a partir das palavras do texto, como o assunto do meu presente discurso, é que:

Há uma admirável conjunção de excelências diversas em Jesus Cristo.

O leão e o cordeiro, embora criaturas de tipos muito diversos, têm as suas excelências peculiares. O leão é excelente pela força, pela majestade da sua aparência e voz. O cordeiro é excelente pela sua mansidão e paciência, e também pela natureza excelente de seu bom uso como alimento, e por servir de matéria-prima para nossa vestimenta, e ser adequado para ser ofertado em sacrifício a Deus. Mas, vemos que Cristo é no texto comparado a ambos, porque as excelências diversas de ambos maravilhosamente se encontram nele. Ao abordar este assunto, demonstrarei:

Primeiro, que há uma admirável união de excelências diversas em Cristo.

Segundo, como esta união admirável de excelências aparece nos atos de Cristo. Depois, farei uma aplicação.

Há uma união admirável de excelências diversas em Jesus Cristo.

Isso se evidencia em três coisas:

I. Há uma conjunção de tais excelências em Cristo, que, em nossa concepção, são muito diversas umas das outras.

II. Há nele uma conjunção de tais excelências tão diversas, que de outra maneira pareceriam

inteiramente incompatíveis no mesmo objeto.

III. Estas excelências diversas são exercidas, nele, em relação aos homens que de outra maneira pareceriam impossíveis de serem exercidas em relação ao mesmo objeto.

I. Há uma conjunção de excelências em Cristo que, em nossa concepção, são muito diversas umas das outras.

São variadas as perfeições e excelências divinas que Cristo possui. Cristo é uma pessoa divina, portanto tem todos os atributos de Deus. A diferença entre estes atributos é principalmente relativa e existe na nossa concepção. E aqueles que, neste sentido, são muito diversos, encontram-se na pessoa de Cristo. Menciono dois exemplos:

1. Em Jesus se encontram exaltação infinita e condescendência infinita. Cristo, sendo Deus, é infinitamente grandioso, acima de tudo e de todos. Ele é maior que todos os reis da terra, pois é o Rei dos reis e Senhor dos senhores. É maior que os céus e mais elevado que os mais sublimes anjos celestiais. É tão grande que todos os homens, todos os reis e príncipes, são como vermes do pó diante dele. As nações não passam de um pingo que cai de um balde. Até mesmo os anjos não são nada diante dele. É tão elevado, que está infinitamente acima de qualquer de nossas necessidades, acima de nosso alcance, de forma que não lhe temos serventia. Está acima de nossas concepções, e do nosso entendimento (Pv 30.4): “Qual é o seu nome, e qual é o nome de seu filho, se é que o sabes?” Nosso entendimento, ainda que seja estendido ao máximo, não pode alcançar sua glória divina. Jó 11.8: “Como as alturas dos céus é a sua sabedoria; que poderás fazer?” Cristo é o Criador e grandioso Dono dos céus e da terra. É o soberano Senhor sobre tudo; governa sobre todo o universo e faz tudo como lhe apraz. Sua sabedoria é perfeita, e nada lhe escapa. Seu conhecimento é ilimitado. Seu poder, infinito, ninguém pode lhe resistir. Suas riquezas, imensas e inexauríveis. Sua majestade, infinitamente temível.

Ainda assim, ele é de uma condescendência infinita. Ninguém é humilde ou inferior demais para que não seja suficientemente notado pela graça amorosa de Cristo. Ele condescende não apenas com os anjos, humilhando-se para contemplar as coisas que são feitas no céu, mas também com pobres criaturas como os homens. E faz isso não apenas por causa dos grandes homens ou dos príncipes, mas daqueles do mais baixo nível e grau, os “pobres do mundo” (Tg 2.15). Os que são comumente desprezados por seus semelhantes, Cristo não despreza: “E Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são.” (1 Co 1.28) Cristo condescende ao ponto de tomar conhecimento dos mendigos, como em Lc 16. 22, e dos povos das nações mais desprezadas. Nele, não há: “bárbaro, cita, escravo ou livre” (Cl 3. 11). Ele, sendo tão exaltado, condescende em notar as criancinhas, como em Mt 19. 14: “Deixai os pequeninos, não os embaraceis de vir a mim.” Sim, e mais ainda, sua condescendência é suficiente para notar graciosamente a mais indigna e pecaminosa das criaturas, aqueles que não têm méritos, e

os que têm infinitos desmerecimentos.

Tão grande é sua condescendência, que é não apenas suficiente para graciosamente tomar conhecimentos desses, mas para todas as outras coisas. É grande o suficiente para tornar-se amigo deles, seu companheiro; para unir sua alma à deles em casamento espiritual. É suficiente para tomar sobre si sua natureza, tornar-se um deles, para que pudesse ser um com eles. Sim, é grande o suficiente para humilhar-se ainda mais por eles, ao ponto de expor-se à ignomínia e ser cuspido. Sim, a se entregar a uma morte vergonhosa por eles. Que ato maior de condescendência pode ser concebido? Contudo, tal ato é em favor daqueles que são inferiores e maus, miseráveis e indignos!

Tal conjunção de exaltação infinita e humilde condescendência, na mesma pessoa, é admirável. Vemos, por múltiplos exemplos, que tendência tem uma alta posição entre os homens, tornando-os de uma disposição bem diferente desta. Se um verme for um pouco mais exaltado que outro, por ter mais pó, ou uma maior porção de refugo, como ele não se exalta! Como se mantém distante dos que lhe são inferiores! E, se condescende um pouco, espera que seja grandemente reconhecido. Cristo condescende em lavar nossos pés; mas como os grandes homens (ou, antes, os maiores vermes), reputar-se-iam degradados por atos de muito menor condescendência.

2. Em Cristo se encontram *justiça* infinita e *graça* infinita. Sendo uma pessoa divina, ele é infinitamente santo e justo; odeia o pecado e está pronto a executar o justo castigo contra ele. É o Juiz do mundo, sendo infinitamente Justo, e jamais inocentará o ímpio, ou, em circunstância alguma, limpará o culpado.

Contudo, é infinitamente gracioso e misericordioso. Embora sua justiça seja tão estrita com relação a todo pecado, e a cada ramo da lei, contudo, possui graça suficiente para todo pecador, até mesmo para o principal dos pecadores. É não apenas suficiente para os mais indignos mostrar-lhes misericórdia, e conceder-lhes bens, mas conceder-lhes o maior bem; sim, sua graça é suficiente para conceder-lhes todos os bens, e fazer tudo por eles.

Não há benefício ou benção que o homem possa receber que seja tão grande ao ponto da graça de Cristo não ser suficiente para concedê-los, mesmo ao maior dos pecadores que já existiu. E não apenas isso, mas tão grande é sua graça que ela é suficiente para suportar todas as coisas, e não apenas suportar, mas sofrer grandemente, até à morte, os mais terríveis males naturais. E não apenas a morte, mas os males mais terríveis e vergonhosos que os homens possam infligir e que poderiam atormentar apenas o corpo. Sofreu em sua alma aqueles que foram os frutos mais imediatos da ira de Deus contra os pecados daqueles que representava.

II. Na pessoa de Cristo se encontram diversas excelências que são aparentemente incompatíveis umas com as outras, e que não se encontram em nenhuma outra pessoa, seja anjo, seja homem.

Vejamos alguns exemplos:

1. Na pessoa de Cristo se encontram *glória* infinita e a mais rebaixada *humildade*. Em nenhuma outra pessoa estas duas coisas se encontram. Não se encontram nas criaturas, porque nenhuma delas tem glória infinita. E não se encontram nas outras pessoas da divindade, pois embora Deus odeie infinitamente o orgulho, ainda assim a humildade não é propriamente um predicado de Deus Pai e do Espírito Santo, que existe apenas na forma divina, pois é excelência própria apenas de uma natureza criada. A humildade é um senso da pequenez e inferioridade comparativa em relação a Deus, ou da grande distância que há entre Ele e a criatura. Seria, entretanto, uma contradição supor algo do tipo em Deus.

Mas em Jesus Cristo, que é tanto Deus quanto homem, encontramos estas duas excelências diversas docemente unidas. Ele é uma pessoa infinitamente exaltada em glória e dignidade. Fl 2.6: "pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus", isto é, ele tinha a mesma glória que o Pai. "A fim de que todos honrem o Filho do modo por que honram o Pai. Quem não honra o Filho não honra o Pai que o enviou." (Jo 5.23) Em Hb 1.8, o próprio Deus diz: "O teu trono ó Deus, é para todo o sempre". E o mesmo culto e honra divinos que são prestados a Deus Pai pelos anjos no céu são prestados a ele: "Todos os anjos de Deus o adorem."

Entretanto, ainda que tão exaltado acima de tudo, ninguém foi mais humilde que ele. Jamais houve exemplo maior desta virtude entre homens ou anjos. Ninguém foi tão sensível da distância que há entre Deus e o homem como o homem Jesus. Nem ninguém teve coração mais humilde diante de Deus. (Mt 11. 29) Que maravilhoso espírito de humildade ostentava quando esteve sobre a terra, em todo o seu proceder! Em seu contentamento com sua condição exterior frugal, vivendo na família do carpinteiro José e de sua mãe Maria, por trinta anos. Depois disso, escolheu a pobreza exterior, a humildade e o contentamento ao invés da grandeza terrena; em seu ato de lavar os pés aos discípulos, e em todos os seus discursos e proceder diante deles. Em ter tomado a forma de um servo durante toda a sua vida e se submetido à imensa humilhação na morte!

2. Na pessoa de Jesus se encontram *majestade* infinita e *mansidão* extraordinária. Essas também são qualificações que em ninguém se encontram a não ser em Cristo. A mansidão, quando apropriadamente descrita, é uma virtude própria da criatura. Raramente a vemos mencionada como atributo divino na Escritura, ou, pelo menos, no Novo Testamento. Pois, por ela, se subentende uma calma e quietude de espírito, que surge da humildade de seres mutáveis que estão naturalmente sujeitos à perturbação pelo assédio de um mundo tempestuoso e violento. Mas Cristo, sendo tanto Deus quanto homem, tem tanto infinita majestade quanto superlativa mansidão.

Cristo é uma pessoa de majestade infinita. Dele foi dito no Salmo 45. 3: "Cinge a espada no teu flanco, herói; cinge a tua glória e a tua majestade!" É ele que é poderoso, que cavalga sobre as nuvens e com sua alteza sobre os céus. Ele é tremendo em seus santuários; mais poderoso que o bramido de grandes águas, sim, que de poderosas ondas do mar. Adiante dele vai um fogo que lhe

consome os inimigos em redor, em cuja presença a terra treme, e os montes se derretem; que se assenta sobre a redondeza da terra e cujos habitantes são como gafanhotos diante de si; que repreende o mar e o faz secar, e torna os rios um deserto; cujos olhos são como chama de fogo; de cuja presença e da glória do seu poder os ímpios deverão ser punidos com eterna destruição; que é a bendita e única Potestade, o Rei dos reis, e Senhor dos senhores, que tem o céu por seu trono e a terra por estrado dos seus pés, e é o Alto e Elevado que habita a eternidade, cujo reino é eterno, e cujo domínio não tem fim.

Contudo, foi o maior exemplo de mansidão, humilde quietude de Espírito, em concordância com as profecias acerca dele, como diz Mateus 21: 4, 5: “Ora, isto aconteceu para se cumprir o que foi dito por intermédio do profeta: Dizei à filha de Sião: Eis que o teu Rei aí te vem, Manso, e assentado sobre uma jumenta, E sobre um jumentinho, filho de animal de carga.” E em concordância também com o que o próprio Cristo declarou de si mesmo: “Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração.” (Mt 11. 29) Isso foi coerente com o que manifestou em seu proceder, pois jamais se viu na terra comportamento mais manso com os inimigos, sob injúrias e críticas. Quando injuriado, não revidava. Tinha maravilhoso espírito de perdão, pronto a perdoar os mais vis inimigos, e orar por eles com ferventes e efetivas orações. Com essa mansidão mostrou-se à súcia de soldados que o desprezavam e dele zombavam; ficou calado e não abriu a boca, mas foi como cordeiro ao matadouro. Portanto, Cristo é Leão na majestade, e Cordeiro na mansidão.

3. Também em Cristo se encontram a mais profunda *reverência* a Deus e ao mesmo tempo *igualdade* com Ele. Cristo, quando na terra, tinha profunda e santa reverência pelo Pai. Prestou-lhe o mais reverente culto, e orou ao Pai com toda a submissão. Lemos que “de joelhos, orava” (Lc 22. 41). Assim era Cristo, no que diz respeito à sua natureza humana. Ainda que, ao mesmo tempo, sua natureza fosse divina, sendo sua pessoa, em todos os aspectos, igual a do Pai, pois este não tem atributo ou perfeição que não tenha o Filho, em igual grau e glória. Estas coisas coexistem apenas na pessoa de Jesus Cristo.

4. Há na pessoa de Cristo unidos *merecimento* infinito do bem, e a maior *paciência* sob os sofrimentos do mal. Era perfeitamente inocente, e não merecia sofrer. Nada merecia da parte de Deus por qualquer culpa sua; e não merecia a malícia dos homens. Sim, era não apenas inocente e indigno do sofrimento, mas era infinitamente digno: digno do amor infinito do Pai, da felicidade infinita e eterna, e infinitamente digno de toda estima, amor e serviço possíveis da parte de todos os homens. Contudo, foi perfeitamente paciente nos maiores sofrimentos já suportados neste mundo. Hb 12.2: “suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia.” O que da parte do Pai sofreu não foi por suas culpas, mas pelas nossas. E sofreu da parte dos homens não por suas culpas, mas devido às coisas pelas quais era infinitamente digno do amor e honra deles. Isso tornou sua paciência ainda

mais maravilhosa e gloriosa. 1 Pe 2:20: “Pois que glória há, se, pecando e sendo esbofeteados por isso, o suportais com paciência? Se, entretanto, quando praticais o bem, sois igualmente afligidos e o suportais com paciência, isto é grato a Deus. Porquanto para isto mesmo fostes chamados, pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos, o qual não cometeu pecado, nem dolo algum se achou em sua boca; pois ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente, carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos para os pecados, vivamos para a justiça; por suas chagas, fostes sarados.” Em nenhuma pessoa há essa união de inocência, dignidade e paciência como na de Cristo.

5. Na pessoa de Cristo estão unidos um elevado espírito de *obediência* com o supremo *domínio* sobre os céus e a terra. Cristo é o Senhor sobre todas as coisas em dois aspectos: como Deus-homem e como Mediador; nesse sentido, seu domínio é designado, e dado a ele pelo Pai. Tendo-o por delegação de Deus, é, por assim dizer, vice regente do Pai. Mas é Senhor sobre todas as coisas em outro aspecto, isto é, pelo fato de ser, em sua natureza original, Deus. E assim, por direito natural, é Senhor de tudo, e supremo sobre tudo, tanto quanto o Pai. Tem, portanto, domínio sobre o mundo, não por delegação, mas por direito próprio. Ele não está abaixo de Deus, como supõem os arianos, mas, para todos os intentos e propósitos, é Deus supremo.

Contudo, na mesma pessoa se acha o maior espírito de obediência aos mandamentos da lei de Deus que já houve no universo; conforme manifestado em sua obediência neste mundo. Jo 14. 31: “*Faço como o Pai me ordenou*” Jo 15. 10: “Assim como também eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e no seu amor permaneço.” A grandeza de sua obediência se mostra na sua perfeição e pelo fato de obedecer mandamentos excessivamente difíceis. Ninguém jamais recebeu mandamentos tão árduos da parte de Deus, e com tamanho teste de obediência, como Jesus Cristo. Um destes foi que entregasse a si mesmo aos terríveis sofrimentos que suportou. Veja João 10. 18: “Ninguém a tira de mim; pelo contrário, eu espontaneamente a dou.” E Cristo obedeceu à risca, mesmo nos sofrimentos. Fl 2. 8: “a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz.” Nunca houve tal exemplo de obediência em homem ou anjo como este, embora fosse ao mesmo tempo Senhor supremo tanto de anjos quanto de homens.

6. Na pessoa de Cristo estão unidas *soberania* absoluta e perfeita *resignação*. Essa é uma união sem paralelos. Cristo, sendo Deus, é o absoluto soberano do mundo; aquele que soberanamente dispõe todos os eventos. Os decretos de Deus são todos soberanos; e a obra da criação, e as da providência, são soberanas. Ele é o que faz todas as coisas de acordo com o conselho de sua vontade. Cl 1. 16: “Tudo foi criado por meio dele e para ele.” Jo 5. 17: “Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também.” Mt 8. 3: “Quero, fica limpo*!*”

Contudo, Cristo foi o mais maravilhoso exemplo de resignação que já apareceu no mundo.

Estava absoluta e perfeitamente resignado quando teve uma antecipação íntima e imediata dos seus terríveis sofrimentos, e do horrível cálice que estava prestes a beber. A ideia e expectativa destas coisas trouxeram enorme pesar à sua alma, até à morte, e o colocaram em tal agonia que seu suor se tornou semelhante a gotas de sangue, caindo na terra. Mas em tais circunstâncias estava completamente resignado à vontade de Deus. Mt 26. 39: "Meu Pai, se possível, passe de mim este cálice! Todavia, não seja como eu quero, e sim como tu queres."

7. Em Cristo encontram-se *autossuficiência* e uma inteira *confiança* e *segurança* em Deus, o que é outra união peculiar à pessoa de Cristo. Como é divino, é autossuficiente, não necessitando de nada. Todas as criaturas dependem dele, mas ele, de ninguém, sendo absolutamente independente. Sua procedência do Pai, em sua eterna geração e filiação, não é prova de que haja uma dependência própria da *vontade* do Pai, pois esta procedência foi natural e *necessária*, e não arbitrária. Contudo, Cristo confiava inteiramente em Deus: seus inimigos disseram dele: "Confiou em Deus; pois venha livrá-lo agora." (Mt 27. 43), e o apóstolo testifica: "Mas entregava-se àquele que julga retamente." (1 Pe 2. 23)

III. Estas excelências diversas são exercidas, nele, em relação aos homens que, de outra maneira, pareceriam impossíveis de serem exercidas em relação ao mesmo objeto. Em particular, as três seguintes: justiça, misericórdia e verdade. Estas são mencionadas no salmo 85.10: "Encontraram-se a graça e a verdade, a justiça e a paz se beijaram." A estrita justiça de Deus, e até mesmo a sua justiça vingativa, oposta aos pecados dos homens, jamais foi tão gloriosamente manifesta como em Cristo. Ele manifestou um infinito zelo pelo atributo da justiça de Deus, pois, quando se propôs salvar os pecadores, se dispôs a suportar extremos sofrimentos para que a salvação deles não fosse ofensiva à honra desse atributo. E, como é o Juiz do mundo, ele próprio exerce estrita justiça; jamais inocenta o culpado, nem absolve o ímpio no juízo. Contudo, como a misericórdia infinita é maravilhosamente demonstrada nele em relação aos pecadores! E que graça e amor glorioso e inefável foram e são exercidos por ele! Embora seja o justo Juiz de um mundo pecador, é, contudo, também o Salvador do mundo. Embora seja fogo consumidor contra o pecado, também é a luz e vida dos pecadores. Rm 3. 25, 26: "A quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça, por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos; 26 tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente, para ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus."

Da mesma forma, a verdade imutável de Deus, nas ameaças da sua lei contra o pecado dos homens nunca foi manifesta mais claramente do que em Jesus Cristo. Nunca houve um teste maior para a imutabilidade da verdade de Deus nestas ameaças contra o pecado, como na ocasião em que este é imputado na pessoa do Filho de Deus. Portanto, em Cristo, já foi visto o cumprimento real e completo daquelas ameaças, que jamais foi ou será visto novamente, pois levaria uma eternidade

infindável para cumprir em outrem essas ameaças. Cristo manifestou um infinito zelo por esta verdade de Deus nos seus sofrimentos. E, ao julgar o mundo, faz do pacto das obras, que contém essas ameaças terríveis, sua regra de julgamento. Ele zelará por este pacto, que não seja infringido nem um i ou um til dele: nada fará em oposição às ameaças da lei, e de seu completo cumprimento. E, ainda assim, nele temos muitas e grandiosas promessas de perfeita libertação da penalidade da lei. E esta é a promessa que nos fez: a vida eterna. E nele estão todas as promessas de Deus, o sim e o Amém.

Tendo assim mostrado que há uma admirável conjunção de excelências em Jesus Cristo, prossigo agora:

Em segundo lugar, para mostrar como esta admirável conjunção de excelências aparece nos atos de Cristo.

1. Aparece no que fez ao tomar sobre si a nossa natureza. Neste ato, sua condescendência infinita mostrou-se maravilhosamente. Aquele que era Deus tornou-se homem. O Verbo se fez carne, e tomou sobre si uma natureza infinitamente inferior à sua própria! E aparece ainda mais notavelmente nas humildes circunstâncias de sua Encarnação: foi concebido no útero de uma pobre jovem, cuja carência evidenciava-se em haver ela oferecido sacrifícios por sua purificação, trazendo o que a lei permitia para as pessoas pobres: “e para oferecer um sacrifício, segundo o que está escrito na referida Lei: Um par de rolas ou dois pombinhos.” (Lc 2. 24) Isso somente era permitido caso a pessoa fosse pobre a ponto de não poder oferecer um cordeiro. (Lev 12. 8)

E, embora sua infinita condescendência assim aparecesse no modo de sua encarnação, não obstante, sua dignidade divina também nela se mostrou; pois mesmo concebido no útero de uma pobre virgem, foi ali concebido pelo poder do Espírito Santo. Sua dignidade divina também apareceu na santidade de sua concepção e nascimento. Embora gerado no útero de uma representante da raça corrupta da humanidade, foi, contudo, concebido e nascido sem pecado, como disseram os anjos à Virgem bendita: “Descerá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso, também o ente santo que há de nascer será chamado Filho de Deus.” (Lc 1. 35)

Sua condescendência apareceu maravilhosa na forma do seu nascimento. Ele nasceu em um estábulo, pois não havia lugar para eles no alojamento. Este estava ocupado por outros, que eram considerados pessoas de maior importância. A bendita Virgem, sendo pobre e desprezada, foi rejeitada e impedida de entrar. Embora estivesse necessitada pelas circunstâncias, aqueles que se consideravam superiores não lhe deram espaço; e, daí, no momento das dores de parto, foi forçada a mover-se para um estábulo. E quando nasceu a criança foi envolta em faixas e deitada em uma manjedoura. Lá, Cristo era uma criancinha; e apareceu eminentemente como um cordeiro. Contudo, esta frágil criança, nascida assim em um estábulo, e posta em uma manjedoura, nascia para

conquistar e triunfar sobre Satanás, esse leão rugidor. Veio para subjugar os grandes poderes das trevas, e expô-los publicamente ao desprezo e assim restaurar a paz na terra, e manifestar a boa vontade de Deus aos homens, e trazer glória ao Pai nas alturas, de acordo com o propósito de seu nascimento declarado pelos cânticos de júbilo das gloriosas hostes de anjos que apareceram aos pastores ao mesmo tempo em que a criança jazia na manjedoura, pelo que foi manifesta sua divina dignidade.

II. Esta admirável conjunção de excelências aparece nos atos e nas várias ocasiões da vida de Cristo. Embora habitasse em condições exteriores humildes (o que demonstra sua condescendência e humildade) e sua majestade fosse velada, contudo, sua dignidade e glória divina, em muitos de seus atos brilharam através do véu, ilustrando claramente que ele era não apenas o Filho do homem, mas o grande Deus.

Assim, nas circunstâncias de sua infância, sua humildade exterior apareceu; contudo, houve então algo que mostrou sua dignidade divina, quando os magos foram impelidos a vir do oriente prestar-lhe honra, sendo miraculosamente conduzidos por uma estrela, e vindo e prostrando-se e o adorando, presenteando-o com ouro, incenso e mirra. Sua humildade e mansidão apareceram maravilhosamente em sua sujeição a sua mãe e ao pai de consideração, quando era uma criança. Nisso apareceu como um cordeiro. Mas sua glória divina brilhou quando, aos doze anos, disputou com os doutores no templo. Nisso apareceu, em certa medida, como o *Leão da tribo de Judá*.

E assim, após ter iniciado seu ministério público, sua maravilhosa humildade e mansidão foram manifestas em ter ele escolhido aparecer em circunstâncias tão exteriormente empobrecidas; e em estar contente com elas, quando era tão pobre que não tinha onde reclinar a cabeça, e dependia da caridade de alguns dos seus seguidores para a sua subsistência; como é narrado no início do oitavo capítulo de Lucas. Como era manso, condescendente e familiar no seu trato com os discípulos, em seus discursos para eles, em que os tratava como pai aos filhos; sim, como um amigo e companheiro! Como era paciente, suportando aflições e reprovações, e tantas injúrias da parte dos escribas e fariseus, e de outros! Nestas coisas, *era como um Cordeiro*. Contudo, ao mesmo tempo, de muitas maneiras apresentava sua majestade e glória divinas, em particular nos milagres que realizava, que eram evidentes obras divinas e manifestavam poder onipotente e assim declaravam-no como *o Leão da tribo de Judá*. Suas obras maravilhosas e miraculosas claramente demonstravam-no como o Deus da natureza; no fato de que nelas se evidenciava que tinha toda a natureza em suas mãos, e poderia pôr nela um freio, parando e mudando seu curso conforme desejasse. Ao curar o doente, e abrir a vista ao cego, e permitir que os surdos ouvissem, e ao curar o aleijado, mostrou que era o Deus que estruturou o olho, e criou o ouvido, e que era o autor da estrutura do corpo humano. O morto, ao ressuscitar às suas ordens, evidenciou que ele era o autor e fonte da vida, e que “com Deus, o SENHOR, está o escaparmos da morte.” Ao andar por sobre o

mar na tempestade, quando as ondas se levantavam, mostrou ser aquele Deus de quem se fala em Jó 9. 8: “Quem sozinho estende os céus e anda sobre os altos do mar.” Ao parar a tempestade, e acalmar a fúria do mar, pela sua poderosa ordem dizendo: “Acalma-te, emudece!” mostrou que tem o controle do universo, e que é aquele Deus que faz as coisas acontecerem pela palavra do seu poder, que fala e acontece, que ordena e se mantém firme: “Que aplacas o rugir dos mares, o ruído das suas ondas e o tumulto das gentes.” (Sl 65. 7) “Fez cessar a tormenta, e as ondas se acalmaram.” (Sl 107. 29) “Ó SENHOR, Deus dos Exércitos, quem é poderoso como tu és, SENHOR, com a tua fidelidade ao redor de ti?! 9 Dominas a fúria do mar; quando as suas ondas se levantam, tu as amainas.” (Sl 89. 8,9)

Cristo, ao expelir demônios, apareceu distintamente como *o Leão da tribo de Judá*, e mostrou ser mais forte que o leão rugidor, que busca a quem devorar. Ele ordenou que saíssem, e foram forçados a obedecer. Estavam terrivelmente amedrontados dele; caíam de joelhos e o rogavam que não os atormentassem. Ele força uma legião inteira deles a abandonar seu hóspede, por sua poderosa palavra; sem sua permissão, nada puderam fazer senão entrar nos porcos. Ele mostrou a glória da sua onisciência, declarando os pensamentos dos homens; como frequentemente nos é relatado. Desse modo, aparece como o Deus de quem se fala em Amós 4. 13: “Porque é ele quem forma os montes, e cria o vento, e declara ao homem qual é o seu pensamento.” Assim, em meio à sua humildade e humilhação, sua glória divina mostrou-se em seus milagres, Jo 2. 11: “Com este, deu Jesus princípio a seus sinais em Caná da Galiléia; manifestou a sua glória, e os seus discípulos creram nele.”

E embora Cristo tenha ordinariamente aparecido sem sua glória exterior, e em grande obscuridade, contudo, certa vez tirou o véu, e exibiu-se em sua majestade divina, até onde podia ser manifesta aos homens no seu frágil estado, quando foi transfigurado no monte. O apóstolo Pedro afirma: “mas nós mesmos fomos testemunhas oculares da sua majestade, pois ele recebeu, da parte de Deus Pai, honra e glória, quando pela Glória Excelsa lhe foi enviada a seguinte voz: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo.” (2 Pe 1. 16, 17.

E ao mesmo tempo costumava aparecer em tal mansidão, condescendência e humildade, em seus discursos familiares com seus discípulos, aparecendo assim como o Cordeiro de Deus; também costumava aparecer como o Leão da tribo de Judá, com autoridade e majestade divina, ao repreender tão severamente os escribas e fariseus e outros hipócritas.

III. Esta conjunção admirável de excelências aparece notavelmente ao se oferecer como um sacrifício pelos pecadores em seus últimos sofrimentos. Uma vez que esta foi a maior de todas as coisas na obra da redenção, o maior dos atos de Cristo nessa obra, então neste ato se mostra em especial essa admirável conjunção de excelências que estamos mencionando. Cristo nunca apareceu mais como um cordeiro do que em sua morte: “como cordeiro foi levado ao matadouro.” (Is 53. 7).

Foi então ofertado a Deus como um cordeiro inculpável e sem mancha: aí especialmente ele se mostrou como o antítipo do cordeiro pascal (1 Co 5. 7): “Pois também Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado.” Contudo, nesse ato ele se mostrou de uma maneira especial como “o Leão da tribo de Judá”; sim, nisto, acima de tudo, de muitas maneiras, como se pode evidenciar pelas seguintes coisas:

1. Nesse momento Cristo estava no maior grau de sua humilhação, porém, por esse motivo, acima de tudo, sua glória divina aparece. A humilhação de Cristo foi grande, em nascer em tal condição, de uma pobre virgem e em um estábulo. Sua humilhação foi grande, em se sujeitar ao carpinteiro José e à sua mãe Maria, e depois, ao viver na pobreza, a ponto de não ter onde reclinar a cabeça; e em sofrer reprovações manifestas e amargas, enquanto seguia pregando e realizando milagres. Mas sua humilhação nunca foi tão grande como nos seus últimos sofrimentos, começando com sua agonia no jardim, até que expirasse na cruz. Nunca foi sujeito a tal ignomínia como então; jamais sofreu tanta dor no seu corpo, ou tanto pesar na sua alma; nunca houve maior exercício de sua condescendência, humildade, mansidão e paciência, como ocorreu nestes últimos sofrimentos; jamais foi sua glória e majestade divinas cobertas com véu tão denso e nunca, nunca esvaziou a si mesmo ou abriu mão de sua reputação, como dessa vez. Contudo, nunca sua glória divina foi tão manifesta, por nenhum de seus atos, como neste de entregar-se a esses sofrimentos. Quando veio a se mostrar o fruto disso, e o desfecho do mistério e propósito dessas coisas a ser desvendado, então a sua glória verdadeiramente apareceu. Mostrou-se como o ato mais glorioso de Cristo que jamais foi exercido em relação à criatura. Este seu ato é celebrado pelos anjos e exércitos dos céus com peculiares louvores, como aquele que é acima de todos glorioso, como você pode ver no contexto, Ap 5. 9-12: “E entoavam novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação e para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes; e reinarão sobre a terra. Vi e ouvi uma voz de muitos anjos ao redor do trono, dos seres viventes e dos anciãos, cujo número era de milhões de milhões e milhares de milhares, proclamando em grande voz: Digno é o Cordeiro que foi morto de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor.”

2. Ele jamais, em ato algum, deu uma manifestação maior de amor a Deus, contudo, nunca manifestou tanto seu amor para com aqueles que eram inimigos de Deus, como nesse ato. Cristo jamais fez algo em que seu amor pelo Pai tenha sido tão eminentemente manifesto, como em derramar sua vida, sob sofrimentos tão inexprimíveis, em obediência ao seu mandamento, e pela vindicação da honra de sua autoridade e majestade; nem jamais qualquer mera criatura deu tal testemunho de amor a Deus como esse. Contudo, esta foi a maior expressão do seu amor pelos homens pecadores, que eram inimigos de Deus (Rm 5. 10): “nós, quando inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte do seu Filho.” Por ser um amor que morre, a grandeza do amor de Cristo por eles a nada é comparável. Aquele sangue que caiu em grandes gotas sobre o

chão, na sua agonia, foi derramado por amor aos inimigos de Deus e aos seus próprios. Aquela ignomínia e os cuspes, aquele tormento do corpo e a terrível dor, até à morte, que suportou na alma, foi o que suportou por amar rebeldes contra Deus, para salvá-los do inferno, e para adquirir-lhes glória eterna. Cristo jamais mostrou tão eminentemente seu respeito pela honra de Deus, como ao oferecer a si mesmo como uma vítima para a justiça. Contudo, nisso, acima de tudo, manifestou o seu amor para os que desonraram a Deus, e trouxeram sobre si culpa tal que coisa alguma poderia expiar a não ser o sangue de Cristo.

3. Cristo jamais se mostrou tão supremamente *a favor* da justiça divina, e, contudo, jamais sofreu tanto *da parte* da justiça divina, como quando ofereceu a si mesmo pelos nossos pecados. Nos seus grandes sofrimentos, seu infinito respeito pela honra da justiça de Deus aparece distintamente; pois foi por respeito a ela que ele se humilhou. Contudo, nestes sofrimentos, Cristo foi a marca das expressões vindicativas dessa mesma justiça de Deus. Justiça vingativa que dispensou nele todo o seu rigor, devido às nossas culpas; que o fez suar sangue, e clamar na cruz, e provavelmente rasgar seus órgãos vitais - partiu seu coração, a fonte do sangue, ou alguns outros vasos do corpo – e devido à violenta fermentação tornou seu sangue em água. Pois o sangue e a água que emergiram de seu lado, quando estocado pela lança, parecem ter sido sangue extravasado; e assim parece ter havido um cumprimento literal do Salmo 22. 14: “Derramei-me como água, e todos os meus ossos se desconjuntaram; meu coração fez-se como cera, derreteu-se dentro de mim.” E esse foi o modo e o meio pelo qual Cristo se levantou pela honra da justiça de Deus, isto é, por ter sofrido desse modo sua terrível execução. Pois quando havia se encarregado dos pecadores, e tomado o lugar deles como substituto, a justiça divina não poderia ter sido mais honrada senão ao tomar os seus sofrimentos como vingança. Nisto, exibiram-se as diversas excelências que se encontram na pessoa de Cristo, no seu infinito cuidado pela justiça de Deus, e no seu amor por aqueles que se expuseram a ela, que desse modo o induziram a se entregar como sacrifício a ela.

4. A santidade de Cristo jamais brilhou de modo tão ilustre quanto nos seus últimos sofrimentos; contudo, em instância alguma foi ele considerado mais culpado. A santidade de Cristo jamais enfrentou teste semelhante a este; portanto, jamais se manifestou tão superior como então. Quando foi testado neste forno, dele surgiu como ouro, ou prata purificada sete vezes. Sua santidade se mostrou então, acima de tudo, na sua busca resoluta pela honra de Deus, e em sua obediência a ele. Pois o seu ato de se entregar até a morte foi transcendentalmente o maior ato de obediência que jamais foi prestado a Deus desde a fundação do mundo.

Contudo, foi Cristo nessa ocasião tratado como nunca à semelhança de um ímpio. Foi preso e atado como um malfeitor. Seus acusadores o apresentaram como o mais miserável dos ímpios. Nos seus sofrimentos anteriores à crucificação, foi tratado como se fosse o pior e mais vil dos homens; e foi, então, entregue a um tipo de morte que ninguém, a não ser a pior classe de malfeitores,

costumava sofrer, aquelas que eram as mais abjetas pessoas, culpadas dos mais negros crimes. E sofreu como um ferido de Deus, em razão da nossa culpa imputada a ele; pois aquele que não conheceu pecado, foi feito pecado por nós; se sujeitou à ira, como se fosse ele mesmo um pecador. Foi feito maldição por nossa causa.

Cristo jamais deu maior mostra de seu ódio pelo pecado cometido contra Deus, como ao morrer para remover a desonra que o pecado causou a Ele; contudo, jamais se sujeitou tanto aos terríveis efeitos do ódio divino pelo pecado, e de sua ira contra ele, como nessa ocasião. Nisso, aparecem aquelas excelências diversas unindo-se em Cristo, isto é, amor a Deus, e graça aos pecadores.

5. Ele, em circunstância alguma, foi mais considerado como indigno do que nos seus últimos sofrimentos; porém, é especialmente por eles que é reputado como digno. Nele, foi tratado como indigno de viver; o povo clamava: “Fora! Fora! Crucifica-o!” João 19. 15. E preferiram Barrabás a ele. E sofreu da parte do Pai como alguém de infinita indignidade, pelas nossas indignidades que estavam sobre ele. Contudo, foi especialmente por esse ato de se sujeitar a esses sofrimentos que adquiriu méritos, e por eles foi reputado digno da gloria da sua exaltação. Fl 2. 8, 9: “A si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz. Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira.” E vemos que é especialmente por este motivo que é louvado como digno pelos santos e anjos no contexto de Ap 5. 12: “Digno é o Cordeiro que foi morto.” Isto mostra uma admirável conjunção nele de infinita dignidade, e infinita condescendência e amor para os infinitamente indignos.

6. Cristo em seus últimos sofrimentos sofreu mais intensamente da parte daqueles por quem manifestava seu maior ato de amor. Jamais sofreu tanto da parte do Pai (embora não por ódio a ele, e sim pelos nossos pecados), pois Deus o esqueceu, ou retirou o conforto de sua presença; e então “agradou ao SENHOR moê-lo, fazendo-o enfermar”, como diz Is 53. 10. Contudo, jamais deu manifestação maior de amor a Deus como então, como já foi observado. Da mesma forma, Cristo jamais sofreu mais das mãos dos homens, porém nunca esteve em mais elevado exercício de amor para com eles. Jamais foi mais maltratado pelos discípulos, que estavam tão despreocupados com seus sofrimentos que não puderam vigiar com ele sequer por uma hora, na sua agonia; e quando foi preso, todos o abandonaram e fugiram, exceto Pedro, que o negou com juramentos e maldições. Contudo, ele sofreu e derramou seu sangue, e derramou sua alma na morte por eles. Sim, provavelmente estava então derramando seu sangue por alguns daqueles que derramaram o seu próprio; por quem orou enquanto o crucificavam e que provavelmente foram atraídos para o lar de Cristo pela pregação de Pedro. (Compare Lucas 22. 34, Atos 2. 23, 36, 37, 41, Atos 3. 17 e Atos 4. 4) Isto mostra um admirável encontro de justiça e graça na redenção de Cristo.

7. Foi nas últimas dores de Cristo, acima de tudo, que foi entregue ao poder de seus inimigos;

contudo, por elas, acima de tudo, obteve vitória sobre eles. Cristo jamais esteve tão entregue nas mãos de seus inimigos como no tempo de seus últimos sofrimentos. Eles buscaram sua morte antes, mas foram impedidos de tempos em tempos, e ele escapou de suas mãos; e a razão foi dada, de que *não era chegada ainda a sua hora*. Mas agora lhes foi permitido cumprir sua vontade nele; foi em grande grau entregue à malicia e crueldade tantos de ímpios quanto dos demônios. E, portanto, quando os seus inimigos vieram prendê-lo, lhes disse: "Diariamente, estando eu convosco no templo, não pusestes as mãos sobre mim. Esta, porém, é a vossa hora e o poder das trevas." (Lc 22. 53).

Contudo, foi principalmente por intermédio desses sofrimentos que conquistou e subjugou seus inimigos. Cristo jamais feriu com mais eficácia a cabeça de Satanás do que quando Satanás feriu seu calcanhar. A arma com que lutou contra o diabo, e obteve a mais completa vitória e glorioso triunfo sobre ele, foi a cruz, o mesmo instrumento e arma com a qual ele pensou ter derrotado Cristo, e que lhe trouxe vergonhosa destruição. Cl 2. 14, 15: "Tendo cancelado o escrito de dívida, que era contra nós e que constava de ordenanças, o qual nos era prejudicial, removeu-o inteiramente, encravando-o na cruz; e, despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz." Em seus últimos sofrimentos, Cristo minou os próprios fundamentos do reino de Satanás; triunfou sobre seus inimigos em seus próprios terrenos, e os derrotou com suas próprias armas, à semelhança de Davi, que cortou a cabeça de Golias com sua própria espada. O diabo havia, por assim dizer, engolido a Cristo, como o peixe fez com Jonas; mas isto lhe foi um veneno mortal; ele se deu uma ferida letal em suas próprias entranhas. Breve ele estava doente de seu manjar, e foi forçado a fazer com ele o mesmo que o peixe fez com Jonas. Até hoje está aflito por causa daquele que, então, engoliu como presa. Nos sofrimentos de Cristo, foi estabelecido o fundamento da gloriosa vitória que já havia obtido sobre Satanás, na destruição do seu reino pagão no império romano, e todo o sucesso que o evangelho teve desde então; e também de todas suas futuras e ainda mais gloriosas vitórias que devem ser obtidas na terra. Assim o enigma de Sansão é mais plenamente cumprido, Jz 14. 14: "Do comedor, saiu comida, e do forte saiu doçura." E assim o verdadeiro Sansão mais faz pela destruição de seus inimigos na sua morte que em sua vida; ao entregar-se para a morte, derruba o templo de Dagom, e destrói muitos milhares de seus inimigos, mesmo enquanto se divertem nos seus sofrimentos; e aquele de quem a arca era um tipo, demole Dagom, e quebra sua cabeça e mãos, em seu próprio templo, ainda quando é até lá trazido como cativo do deus filisteu.

Desse modo, Cristo aparece ao mesmo tempo, e no mesmo ato, tanto como um leão quanto como um cordeiro. Apareceu como um cordeiro nas mãos de seus cruéis inimigos; como um cordeiro nas garras e entre as mandíbulas devoradoras de um leão rugidor; sim, foi um cordeiro de fato morto por este leão: contudo, ao mesmo tempo, como *o Leão da tribo de Judá*, conquistou e triunfou sobre Satanás, destruindo seu próprio devorador; como Sansão fez ao leão que rugiu em sua

direção, quando o rasgou como faria com um garoto. E em nada Cristo apareceu mais como um leão, gloriosamente destruindo seus inimigos, como quando foi levado como um cordeiro ao matadouro. Na sua maior fraqueza, ele foi mais forte; e quando sofreu o máximo de seus inimigos, trouxe sobre eles a maior confusão. Assim, essa admirável conjunção de excelências diversas foi manifesta em Cristo, ao oferecer-se a si mesmo a Deus em seus últimos sofrimentos.

IV. Ainda é manifesto em seus atos, no seu presente estado de exaltação no céu. De fato, em seu estado exaltado, ele aparece mais eminentemente na manifestação destas excelências, pelo que é comparado a um leão; mas, ainda assim, mostra-se como um cordeiro. (Ap 14. 1): "Olhei, e eis o Cordeiro em pé sobre o monte Sião." De modo semelhante, no seu estado de humilhação mostrou-se principalmente na figura do Cordeiro, porém não se mostrou sem a manifestação de sua divina majestade e poder, como *o Leão da tribo de Judá*. Embora Cristo agora esteja à mão direita de Deus, exaltado como o Rei do céu, e Senhor do universo, ainda subsiste, entretanto, na natureza humana, ainda é excelente em humildade. Embora o homem Jesus Cristo seja a mais alta das criaturas no céu, contudo, ele a todas sobrepuja em humildade como o faz em glória e dignidade; pois ninguém mais vê a distância entre Deus e si como ele. E embora agora se mostre em sua majestade gloriosa e domínio no céu, mostra-se, porém, como um cordeiro na sua condescendência, mansidão e doce tratamento dispensado aos santos lá; pois ainda é um Cordeiro, mesmo que em meio ao seu trono de exaltação; e aquele que é o Pastor do rebanho inteiro é ele mesmo um Cordeiro, e os precede no céu como tal. Ap 7. 17: "Pois o Cordeiro que se encontra no meio do trono os apascentará e os guiará para as fontes da água da vida. E Deus lhes enxugará dos olhos toda lágrima." Embora no céu todo joelho se dobre diante dele, e ainda que os anjos se prostrem para adorá-lo, trata seus santos com infinita condescendência, doçura e carinho; e em seus atos direcionados aos santos na terra, ainda aparece como um cordeiro, manifestando excessivo amor e ternura em sua intercessão por eles, como alguém que já experimentou da aflição e tentação. Ele não se esqueceu de como são estas coisas; nem de como compadecer-se dos que estão sujeitos a elas. E ainda manifesta suas excelências de cordeiro, ao tratar com seus santos na terra, em admirável indulgência, amor, gentileza e compaixão. Contemple-o instruindo, suprindo, apoiando, e confortando; vindo a eles sempre, e manifestando-se pelo seu Espírito, para que possa cear com eles e eles consigo. Contemple-o admitindo-os à doce comunhão, capacitando com ousadia e confiança a vir a ele, e consolando seus corações. E, no céu, Cristo ainda aparece, por assim dizer com as marcas de suas chagas sobre si; e assim se mostra como um Cordeiro como tendo sido morto, como foi representado nas visões de S. João, no texto, quando aparece para abrir o livro selado com sete selos, que é parte da glória de sua exaltação.

5. E, finalmente, esta admirável conjunção de excelência será manifesta nos atos de Cristo no julgamento final. Então, como nunca antes, ele se mostrará como *o Leão da tribo de Judá,* em sua grandeza e majestade infinitas, quando virá na glória de seu Pai, com todos os santos anjos, e a terra

tremerá diante dele, e os montes derreterão. Ei-lo: “Vi um grande trono branco e aquele que nele se assenta, de cuja presença fugiram a terra e o céu, e não se achou lugar para eles.” (Ap 20. 11) Então aparecerá no mais terrível e maravilhoso aspecto para os ímpios. Os demônios tremem ao mero pensamento dessa aparição; e quando ela se der, os reis, os grandes, os ricos, os capitães e poderosos, e todo escravo e livre, esconder-se-ão nos buracos e nas rochas das montanhas, e clamarão para as montanhas e rochas que caiam sobre eles, para que os escondam da face e da ira do Cordeiro. E ninguém pode declarar ou conceber as maravilhosas manifestações de ira com as quais se mostrará para eles; ou o tremor e surpresa, o choro e ranger de dentes, com o qual permanecerão diante do trono de julgamento, e receberão a terrível sentença de sua ira.

Contudo, ao mesmo tempo se mostrará como Cordeiro aos seus santos; os receberá como amigos e irmãos, tratando-os com infinita mansidão e amor. Não haverá nada terrível nele para eles; mas se vestirá inteiramente com doçura e aprazimento. A igreja será então admitida diante dele como sua noiva; o que será seu dia de casamento. Os santos serão todos docemente convidados a vir com ele para herdar o reino, e com ele reinar por toda a eternidade.

Aplicação

I. Desta doutrina, podemos aprender uma razão pela qual Cristo é chamado por tal variedade de nomes, e apresentado por tão variadas representações na Escritura. É para melhor nos mostrar essa variedade de excelências que nele harmoniosamente se encontram. Muitas designações são dadas em apenas um versículo, em Isaías 9. 6: “Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz.” Exibe-se uma conjunção maravilhosa de excelências, uma vez que a mesma pessoa seja o Filho, nascido e dado, sendo, porém, o Pai da Eternidade, sem princípio ou fim; que seja o Menino, mas ao mesmo tempo um Conselheiro e Deus Forte; e harmoniza-se com seu nome, em quem tantas coisas se encontram, que ele seja Maravilhoso.

Devido à mesma maravilhosa conjunção, Cristo é representado por uma grande variedade de coisas sensíveis, que, por determinadas razões, são excelentes. Assim, em certos lugares, é chamado de Sol, como em Ml 4. 2; em outros, de Estrela (Nm 24. 17). E é especialmente representado como a Estrela da Manhã, como sendo aquela que excede a todas em brilho e é a precursora do dia (Ap 22. 16). E assim como, no nosso texto, é em um verso comparado a um leão e, no outro, a um cordeiro, também é, às vezes, comparado a um cabrito montês ou a um cervo jovem, outra criatura de tipo bem diverso de um leão. Em alguns lugares é chamado de rocha, em outros de pérola. É chamado, às vezes, de homem de guerra, e de Capitão da nossa Salvação, e também é representado como noivo. No segundo capítulo dos Cânticos, no primeiro verso, é comparado a uma rosa e ao lírio, que são belas e doces flores; no próximo, é comparado a uma árvore que produz doce fruto. Em Is 53. 2, é

chamado de Raiz de uma terra seca; mas, em outras passagens, longe disso, é chamado de Árvore da Vida, que cresce não em solo seco ou árido, mas “no paraíso de Deus.” (Ap 2. 7).

II. Que esta consideração deste maravilhoso encontro de excelências diversas em Cristo induza você à sua aceitação, e a aproximar-se dele como seu Salvador. Como todas as formas de excelências encontram-se nele, também concorrem para ele todas as formas de argumentos e motivos, para mover você a escolhê-lo como seu Salvador, e tudo que tende a encorajar pobres pecadores a virem e porem nele suas confianças: sua plenitude e suficiência como Salvador aparece gloriosamente nessa variedade de excelências de que falamos.

O homem caído encontra-se em um estado de miséria muito grande, e está desamparado; é uma pobre e fraca criatura, como uma criança que está envolvida por seu próprio sangue no dia do nascimento. Mas Cristo é *o Leão da tribo de Judá*; ele é forte, embora sejamos fracos; ele prevaleceu para fazer o que criatura alguma seria capaz. O homem caído é um ser desprezível e vil, um abjeto verme; mas Cristo, que nos substituiu, é infinitamente digno e honrado. O homem caído é impuro, Cristo é infinitamente santo; o homem caído é odioso, mas Cristo é infinitamente amoroso, o homem caído está debaixo da ira de Deus, mas Cristo é o amado de Deus. Nós provocamos horrivelmente a Deus, mas ele cumpriu aquela justiça que é infinitamente preciosa aos olhos de Deus.

E aqui há não apenas força e dignidade infinitas, mas condescendência, amor e misericórdia infinitos, tão grandes quanto seu poder e dignidade. Se você é um pobre e triste pecador, cujo coração está afundado pelo temor de que Deus jamais terá misericórdia de você, não tenha medo de ir a Cristo, por temor de que não será capaz nem estará disposto a ajudá-lo. Em Cristo, há um fundamento forte, um tesouro inexaurível, para responder as necessidades da sua pobre alma; eis aqui graça infinita e gentileza para convidar e encorajar uma pobre, indigna e temerosa alma para vir a ele. Se Cristo lhe aceitar, não há mais necessidade de temer quanto à sua segurança, pois ele é um Leão forte para a sua defesa. E se você vier, não é necessário temer não ser aceito, pois é como um Cordeiro para os que veem até ele, e os recebe com graça e amor infinitos. Sim, sua majestade é terrível; ele é o grande Deus e está infinitamente acima de você; mas, para encorajar e animar o pobre pecador digo que Cristo é homem assim como é Deus; é uma criatura, e é Criador; e é a mais humilde e simples de coração de todas as criaturas do céu ou da terra. Isto pode muito bem tornar o pecador indigno ousado para que venha até ele. Você não precisa hesitar um só minuto; mas pode correr, e se lançar sobre ele. Certamente, será graciosa e mansamente recebido. Embora seja um leão, o será apenas para os seus inimigos; mas, para você, será um cordeiro. Jamais se conceberia, com exceção da pessoa de Cristo, que pudesse haver tanto em um Salvador, que está a convidar e encorajar pecadores para que nele confiem. Quaisquer que sejam as suas circunstâncias, você não precisa temer em vir a Salvador como esse. Ainda que seja o pior dos ímpios, aqui há dignidade de

sobra; ainda que seja uma pobre, má e ignorante criatura, não há perigo de ser desprezado; pois embora seja muito maior que você, também é imensamente mais humilde. Qualquer um de vocês que seja um pai ou uma mãe não desprezará um de seus filhos que vier a vocês aflito: menos perigo ainda há de que Cristo despreze você, se vier de coração a ele. Deixe-me argumentar um pouco com as pobres, fatigadas e aflitas almas:

1. O que você teme, que não ousa aventurar sua alma em Cristo? Teme que ele não possa salvá-lo; que não seja forte o suficiente para subjugar os inimigos da sua alma? Mas como pode desejar alguém mais forte que o "Deus Forte", como Cristo é chamado (Is 9. 6)? Há necessidade de força maior que infinita? Teme que ele não se disporá a inclinar-se, a ponto de notá-lo com sua graça? Pois então olhe para ele, enquanto permanece na roda dos soldados, expondo sua bendita face às bofetadas e aos cuspes deles! Contemple-o preso, com suas costas desnudas para os açoites! E contemple-o pendurado na cruz! Acha que aquele que teve condescendência o suficiente para sujeitar-se a essas coisas, e isso para os que o crucificaram, não estará disposto a aceitá-lo se vier a ele? Ou teme que se ele aceitá-lo, Deus, o Pai, não o aceitará por você? Mas considere: rejeitará Deus seu próprio Filho, em quem se compraz infinitamente, desde toda eternidade, e que está tão unido a ele, que se o rejeitasse, rejeitaria a si próprio?

2. O que você deseja que haja em um Salvador que não possa ser encontrado em Cristo? Ou em que aspecto deseja que um Salvador seja diferente do que Cristo é? Que excelência lhe falta? O que há de bom ou grande; de venerável ou vencedor; o que há de adorável ou afetuoso, ou o que quer que você pense que seja encorajador que não possa ser encontrado na pessoa de Cristo? Você quer que seu Salvador seja grande e honrado porque não está disposto a ser contemplado por uma pessoa desprezível? E não é Cristo uma pessoa honrada o suficiente para que seja digno que você seja dele dependente? Não é pessoa elevada o suficiente para ser designado para serviço tão honroso quanto o de sua salvação? Você queria não apenas um Salvador de alto grau, mas que, não obstante sua exaltação e dignidade, fosse humilhado, para que pudesse experimentar as aflições e tentações, e pudesse aprender, pelas coisas que sofreu, a compadecer-se dos que sofrem e são tentados? E não foi Cristo rebaixado o suficiente para você? Não sofreu o suficiente?

Você não apenas desejaria que ele tivesse experiência das aflições que ora você sofre, como também da ira que teme no porvir, para que soubesse se compadecer dos que sofrem este perigo, e o temem? Disto Cristo experimentou, o que lhe deu um maior senso dela, mil vezes maior que o que você tem, ou qualquer outro ser humano. Você desejaria que seu Salvador fosse alguém íntimo de Deus, de modo que sua mediação pudesse ter validade com ele? E quem você desejaria mais íntimo de Deus que Cristo, que é seu Filho unigênito, da mesma essência do Pai? E o deseja não apenas íntimo de Deus, mas de você, para que tenha livre acesso a ele? E você o teria mais próximo do que estando na mesma natureza sua, unido a você em união espiritual, tão perto a ponto de ser

apropriadamente representado pela união da esposa ao marido, do ramo à vinha, do membro à cabeça; sim, a ponto de serem um só espírito? Pois estará desse modo unido a você, se o aceitar. Você teria um Salvador que tenha dado tão grande e extraordinário testemunho de misericórdia e amor pelos pecadores, por algo que fez, bem como pelo que disse? E pode pensar ou conceber coisas maiores do que Cristo fez? Não foi algo grande para ele, que era Deus, tomar sobre si a natureza humana; ser não apenas Deus, mas homem, daquele momento em diante, por toda a eternidade? Mas você consideraria o sofrimento pelos pecadores como sendo um testemunho de amor por eles ainda maior, que meramente fazer, embora seja sempre algo extraordinário, o que quer ele tenha feito? E você desejaria que um Salvador sofresse ainda mais do que Cristo sofreu pelos pecadores? O que falta, ou o que você acrescentaria, se pudesse, para torná-lo mais apto para ser seu Salvador? Mas, além disso, para induzi-lo à aceitação de Cristo como Salvador, considere particularmente duas coisas:

(1.) O quanto Cristo se mostra como o Cordeiro de Deus em seus convites para vir a ele com confiança. Com que doce graça e bondade ele, de tempos em tempos, o convida e chama; como em Pv 8. 4: "A vós outros, ó homens, clamo; e a minha voz se dirige aos filhos dos homens." E Is 55. 1-3: "Ah! Todos vós, os que tendes sede, vinde às águas; e vós, os que não tendes dinheiro, vinde, comprai e comei; sim, vinde e comprai, sem dinheiro e sem preço, vinho e leite." Como é gracioso aqui, ao convidar o sedento, e em repetir muitas vezes o convite (Is 55. 1): "Vinde às águas; vinde, comprai e comei; sim, vinde." Note a excelência desse gozo que convida você a aceitar: "Vinde e comprai, vinho e leite." Vossa pobreza, nada tendo com que pagar, não deve ser objeção: "vós, os que não tendes dinheiro, vinde; vinde e comprai, sem dinheiro e sem preço." Que graciosos argumentos e razões usa com você! (Is 55. 2): "Por que gastais o dinheiro naquilo que não é pão, e o vosso suor, naquilo que não satisfaz? Ouvi-me atentamente, comei o que é bom e vos deleitareis com finos manjares." Quase ao ponto de dizer a você: "É completamente desnecessário continuar laborando e se esforçando por aquilo que não tem serventia, buscando descanso no mundo, e na sua justiça própria. Fiz abundante provisão, daquilo que é realmente bom, e satisfará plenamente os seus desejos, e responderá ao seu fim, e está pronto para a sua aceitação: você não precisa temer; se vier a vim, me esforçarei para suprir suas deficiências, e farei de você uma criatura feliz." Como promete no terceiro verso (Is 55. 3): "Inclinai os ouvidos e vinde a mim; ouvi, e a vossa alma viverá; porque convosco farei uma aliança perpétua, que consiste nas fiéis misericórdias prometidas a Davi." Da mesma forma em Pv 9, no início. Como é gracioso e doce o seu convite lá! "Quem é simples, volte-se para aqui." Nunca será tão pobre, ignorante e cego, será sempre bem-vindo. E nas palavras seguintes, Cristo apresenta a provisão que fez para você, Pv 9. 5: "Vinde, comei do meu pão e bebei do vinho que misturei." Você está em um estado pobre e faminto, e nada tem com que alimentar a sua alma; busca algo que jamais alcança. Ouça, como Cristo o chama para comer do seu pão, e beber do vinho que ele misturou! E como se mostra como um cordeiro em Mt 11. 28-30:

“Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendeis de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve.”

Ó pobre alma aflita! Quem quer que sejas, considere que Cristo menciona a tua exata situação, quando chama a si os que estão cansados e sobrecarregados! Como promete repetidamente descanso para os que vierem a ele! No verso 28, diz: “Vos aliviarei.” E no 29: “Achareis descanso para a vossa alma.” É isto que você quer. É isto que busca a tanto tempo em vão. Ó, como lhe seria doce o descanso, se pudesse obtê-lo! Venha a Cristo, e o obterá. E ouça a maneira que Cristo o encoraja, representando-se como um cordeiro! Ele lhe diz que é manso e humilde de coração; e você tem medo de vir até ele? E novamente, em Ap 3. 20: “Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele, comigo.” Cristo condescende não apenas em chamá-lo, mas em vir até você; vem até a sua porta, e nela bate. Poderia enviar um oficial e capturá-lo como um rebelde e malfeitor; mas, ao invés disso, vem e bate a sua porta, em busca de que você o receba em sua casa, como seu Amigo e Salvador. E não apenas bate em sua porta, mas fica esperando, enquanto você dá as costas, indisposto. E não apenas isso, mas promete o que lhe fará se admiti-lo, a que privilégio o admitirá; ceará com você e você com ele. E, de novo, em Ap 22. 16, 17: “Eu sou a Raiz e a Geração de Davi, a brilhante Estrela da manha. O Espírito e a noiva dizem: Vem! Aquele que ouve, diga: Vem! Aquele que tem sede venha, e quem quiser receba de graça a água da vida.” Como Cristo, aqui, graciosamente põe diante de você a sua própria excelência de vencedor! E como condescende para lhe declarar não apenas seu convite, mas o convite do Espírito e da noiva, se por qualquer meio puder encorajá-lo a vir a ele! E como convida a qualquer um que desejar, para que “beba de graça da água da vida”, para que o tome como um livre dom, ainda que seja precioso, e embora seja a água da vida!

(2.) Se você vier a Cristo, ele lhe aparecerá como um Leão, em seu poderoso poder e domínio, para o defender. Todas aquelas suas excelências, nas quais aparece como um leão, serão suas, e serão empregadas na sua defesa, para a sua segurança, e para promover a sua glória. Ele será um leão para lutar contra os seus inimigos. Quem o ofender ou tocar, provocará a sua ira, como alguém que atiça um leão. A menos que seus inimigos possam conquistar este Leão, não serão capazes de destruí-lo ou machucá-lo; a menos que sejam mais fortes que ele, não serão capazes de impedir a sua felicidade. (Is 31. 4): “Porque assim me disse o SENHOR: Como o leão e o cachorro do leão rugem sobre a sua presa, ainda que se convoque contra eles grande número de pastores, e não se espantam das suas vozes, nem se abatem pela sua multidão, assim o SENHOR dos Exércitos descerá, para pelejar sobre o monte Sião e sobre o seu outeiro.”

III. Que o que foi dito seja usado para induzi-lo a amar o Senhor Jesus Cristo, e escolhê-lo como seu amigo e porção. Como há tão admirável encontro de excelências diversas em Cristo,

também há tudo nele para torná-lo digno do seu amor e escolha e para que estes vençam e prevaleçam. O que quer que haja ou possa haver de desejável num amigo, há em Cristo, e no mais alto grau que possa ser concebido.

Você escolheria como amigo uma pessoa de grande dignidade? É habito entre os homens escolher por amigos os que estão bem acima deles; porque sentem-se honrados pela amizade de tais. Assim, como seria atraente para uma donzela inferior ser objeto do amor de algum grande e excelente príncipe. Mas Cristo está infinitamente acima de você, e acima de todos os príncipes da terra, pois é o Rei dos reis. Pessoa tão honrada como essa oferece-se a você, na mais íntima e terna amizade.

E você escolheria ter um amigo não apenas grande, mas bondoso? Em Cristo, grandeza infinita e bondade infinita se encontram, e recebem brilho e glória uma da outra. Sua grandeza se converte em amor pela sua bondade. Quanto maior é alguém, se destituído de bondade, pior será; porém, quando bondade infinita se junta à grandeza, torna-a em gloriosa e adorável. Assim, por outro lado, sua bondade infinita recebe brilho de sua grandeza. Aquele que possui grande entendimento e capacidade, e, ainda assim, é de uma boa e excelente disposição, é merecidamente mais estimado que um ser inferior e menor, com inclinação semelhante e boa vontade. Certamente, a bondade é excelente onde quer que se encontre; é bela e excelente por si, e torna excelentes os que a possuem; e é ainda mais quando em conjunto com a grandeza. As qualidades excelentes próprias do ouro tornam os corpos nos quais ele é natural mais preciosos, e de maior valor quando em conjunto com maiores dimensões. E como é gloriosa a vista, em ver aquele que é o grande Criador e supremo Senhor do céu e da terra, cheio de condescendência, terna piedade e misericórdia, para com os desprezíveis e indignos! Seu poder, majestade e auto-suficiência infinitos, tornam seu grande amor e graça ainda mais surpreendentes. E como a sua condescendência e compaixão enternecem sua majestade, poder e domínio, e tornam agradáveis esses que, de outra forma, seriam apenas terríveis atributos! Você não desejaria que seu amigo, ainda que grande e honrado, tivesse tal condescendência e graça, para que assim estivesse aberto o caminho e livre o acesso a ele, para que a sua exaltação acima de você não fosse obstáculo ao seu livre aproveitamento da sua amizade? E você escolheria não apenas que a grandeza e majestade infinita de seu amigo fossem, por assim dizer, temperadas e adoçadas com condescendência e graça, mas também que ele fosse aproximado de você? Escolheria um amigo muito acima de você, contudo, por assim dizer, em um mesmo nível também? Embora aos homens seja atraente ter um amigo próximo e querido de superior dignidade, também há neles a inclinação de ter no amigo um parceiro das suas vidas. Cristo é assim. Embora seja o grande Deus, ele, por assim dizer, rebaixou a si mesmo para igualar-se a você, tornou-se homem à sua semelhança, para que fosse não apenas seu Senhor, mas seu irmão, e para que pudesse ser mais apto à companhia de vermes do pó. Este é um fim para o qual Cristo tomou sobre si a natureza humana, para que seu povo pudesse estar mais habilitado a um relacionamento mais

familiar com ele do que permitiria a infinita distância da natureza divina. E por esse motivo a igreja aspirou pela encarnação de Cristo (Ct 8. 1): “Tomara fosses como meu irmão, que mamou os seios de minha mãe! Quando te encontrasse na rua, beijar-te-ia e não me desprezariam!” Um desígnio de Deus no evangelho é nos induzir a torná-lo o objeto exclusivo do nosso respeito, para que devotemos nossos cuidados em todos os caminhos, para que seja o centro de qualquer inclinação que haja em nossas almas; para que Ele seja tudo em todos. Mas há uma inclinação na criatura, não apenas à adoração de um Senhor e Soberano, mas em satisfazer-se em ter alguém por amigo, para amar e deleitar-se em alguém que se possa conversar como um companheiro. E a virtude e santidade não destroem ou enfraquecem essa inclinação de nossa natureza. Mas Deus de tal maneira projetou as coisas na matéria da nossa redenção que a pessoa divina pode ser o objeto até mesmo dessa inclinação da nossa natureza. E para isso, ele veio até nós; e tomou nossa natureza, e tornou-se um de nós, e chama a si de nosso amigo, irmão e companheiro. (Sl 122. 8): “Por amor dos meus irmãos e amigos, eu peço: haja paz em ti!”

Mas não é o suficiente a fim de convidá-lo e encorajá-lo ao livre acesso a tal amigo tão grande e elevado, que ele seja de graça condescendente infinita, e que tenha tomado sua própria natureza e se tornado homem? Mas você desejaria, além disso, para lhe animar e convencer, que fosse um homem de maravilhosa mansidão e humildade? Ora, esse tal é Cristo! Ele não apenas se tornou homem por sua causa, mas, de longe, foi o mais manso e humilde de todos os homens, o maior exemplo dessas doces virtudes que já existiu e existirá. E, além disso, tem todas as outras excelências humanas na mais alta perfeição. Estas, na verdade, não são propriamente adições às suas excelências divinas. Cristo não possui mais excelências em sua pessoa desde a encarnação do que tinha antes, pois a excelência divina é infinita e não pode ser adicionada. Contudo, suas excelências humanas são *manifestações* de sua glória e excelência para nós, e são recomendações adicionais dele para a nossa estima e amor, que possuem compreensão finita. Embora suas excelências humanas não sejam senão comunicações e reflexos das divinas, e embora esta luz refletida seja menos perfeita que a fonte divina de luz em sua glória imediata, o reflexo, contudo, reluz não sem suas vantagens próprias, como apresentadas à nossa vista e afeição. A glória de Cristo, nas qualificações de sua natureza humana, se nos mostram em excelências que são do seu próprio tipo, e que são exercidas em seu modo e maneira peculiar. Desse modo, em alguns aspectos, são peculiarmente adaptadas para convidar o nosso reconhecimento e excitar a nossa afeição. A glória de Cristo, como aparece em sua divindade, ainda que muito mais brilhante, ofusca mais aos olhos, e excede da capacidade de nossa visão e compreensão. Mas, na forma como brilha nas excelências humanas de Cristo, é trazida ao nível das nossas concepções, e adéqua-se à nossa natureza e modos, ainda que retendo um semblante da mesma beleza divina, e um sabor da mesma doçura. Mas como as excelências divinas e humanas encontram-se em Cristo, elas põem-se em ação e nos recomendam uma à outra. Tende a enternecer a majestade e santidade divinas de Cristo que

estes sejam atributos de alguém que tem nossa natureza, um de nós, que se tornou nosso irmão, e é o mais manso e humilde dos homens. Isto nos encoraja a olhar para estas perfeições divinas, ainda que altas e grandes, uma vez que temos íntimo interesse e liberdade para livremente desfrutá-las. E, por outro lado, como é mais glorioso e surpreendente que a mansidão, humildade, obediência, resignação e outras excelências de Cristo apareçam, quando consideramos que se encontram em pessoa tão grandiosa, no Filho eterno de Deus, o Senhor dos céus e da terra!

Ao escolher Cristo para seu amigo e porção, você obterá estes dois benefícios infinitos:

1. Cristo se dará a você, com todas essas variadas excelências que se encontram nele, para o seu pleno e eterno aproveitamento. Sempre lhe tratará como seu terno amigo; e você estará com ele onde estiver, e contemplará sua glória, e habitará com ele, em comunhão muito livre e íntima e com alegria.

Quando os santos forem para o céu, não meramente verão a Cristo, e se relacionarão com ele como súditos e servos do glorioso e gracioso Senhor e Soberano, mas Cristo os tratará como amigos e irmãos. Isto podemos aprender da maneira com que ele se relacionava com seus discípulos aqui na terra: embora fosse seu soberano Senhor e não recusasse, mas requeresse, seu supremo respeito e adoração, contudo, não os tratava como os soberanos terrenos costumam tratar seus súditos. Não os mantinha a grande distância; mas sempre conversava com eles com a mais amigável familiaridade, como um pai na companhia dos filhos, sim, como se conversa com irmãos. Assim era com os doze, e também com Maria, Marta e Lázaro. Falou a seus discípulos que não os chamava de servos, mas amigos; e lemos de um deles que se reclinou no seu peito: e, sem dúvidas, não tratará seus discípulos com menos liberdade e carinho no céu. Não os manterá a maior distância por estar em um estado de exaltação; ao contrário, os levará a esse estado de exaltação com ele. Este será o aproveitamento que Cristo fará de sua própria glória, tornar seus amados amigos participantes com ele, glorificá-los em glória, como diz ao Pai em Jo 17. 22, 23: “Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, para que sejam um, como nós o somos. Eu neles...” Devemos considerar que, embora Cristo esteja grandemente exaltado, não o está como uma pessoa reservada apenas para si, mas como o cabeça do seu povo; está exaltado no nome deles, e por causa deles, como as primícias, e como representante de toda a colheita. Não está exaltado para que esteja a maior distância deles, mas para que sejam com ele exaltados. A exaltação e honra da cabeça não é tornar maior a distância entre si e os membros, mas os membros terem a mesma relação e união consigo que antes tinham, e serem honrados com a cabeça; e, ao invés de ser maior a distância, a união será mais íntima e mais perfeita. Quando os crentes chegarem ao céu, Cristo os conformará consigo mesmo; como está instalado no trono do seu Pai, assim deverão sentar-se com ele no trono, e serão, na sua medida, feitos à sua semelhança.

Quando Cristo partia ao céu, confortou seus discípulos com o pensamento de que, dentro em

pouco, viria novamente e os levaria consigo para que estivessem com ele. E não devemos pensar que, quando foram ao céu, os discípulos o acharam mais distante do que havia sido. Não, sem dúvidas, os abraçou como amigos e lhes deu as boas-vindas na sua casa e de seu Pai, na sua glória e deles. Os que haviam sido seus amigos no mundo, que tinham estado com ele aqui, e tinham juntos participado das dores e provações, são agora recebidos por ele para o descanso, e para serem participantes da glória com ele. Ele os tomou e conduziu aos aposentos, e lhes mostrou a sua glória; conforme sua oração (Jo 17. 24): "Pai, a minha vontade é que onde eu estou, estejam também comigo os que me deste, para que vejam a minha glória que me conferiste." E os levou às suas fontes de águas vivas, e os fez participantes de suas delícias, como orou em Jo 17. 13: "Para que eles tenham o meu gozo completo em si mesmos"; e os fez sentar consigo na sua mesa no reino, e os fez participantes consigo de suas delícias, de acordo com sua promessa (Lc 22. 30); e os levou à sua casa de banquetes, e os fez beber vinho novo consigo no reino de seu Pai celestial, como previu por ocasião da instituição da ceia do Senhor (Mt 26. 29).

Sim, a conversação com Cristo no céu será não apenas íntima, e o acesso a ele livre, como acontecia com os discípulos na terra, mas em muitos aspectos, será superior; pois, no céu, essa união vital, que aqui é extremamente imperfeita, será perfeita. Enquanto os santos estão no mundo, há grandes traços de pecado e escuridão para separá-los e desuni-los de Cristo, que, então, serão removidos. Este não é um tempo para aquele pleno reconhecimento e aquelas gloriosas manifestações de amor, que Cristo projeta para seu povo no porvir; o que parece estar implícito no seu discurso a Maria Madalena, quando estava pronta a abraçá-lo, ao encontrá-lo após a ressurreição (Jo 20. 17): "Não me detenhas; porque ainda não subi para meu Pai."

Quando os santos virem a glória e exaltação de Cristo no céu, seus corações de fato serão possuídos com a maior admiração e adorável respeito, mas não os induzirá o temor de qualquer separação, mas servirá apenas para aprofundar sua surpresa e alegria, quando encontrarem Cristo condescendendo para admiti-los a tão íntimo acesso, e tão livre e plenamente se comunicando com eles. De modo que, se escolhermos Cristo para nosso amigo e porção, seremos no porvir recebidos por ele, sem que haja nada que frustre o seu mais pleno aproveitamento, para a satisfação dos maiores desejos de nossas almas. Podemos tomar nossa plena ação na gratificação de nosso apetite espiritual por estes santos prazeres. Cristo então dirá, como em Ct 5. 1: "Comei e bebei, amigos; bebei fartamente, ó amados." E este será nosso entretenimento por toda eternidade! Jamais haverá fim para esta felicidade, ou coisa alguma para interromper nosso gozo dela, nem ao menos para nos molestar!

2. Por estar unido a Cristo, você terá uma união mais gloriosa e maior aproveitamento de Deus Pai, que jamais poderia ter, pois, por ela, o relacionamento dos santos com Deus torna-se muito mais próximo. São filhos de Deus de uma maneira mais elevada do que poderiam ser de outro

modo. Pois, sendo membros do próprio Filho de Deus, são, de certo modo, participantes da sua relação com o Pai: são não apenas filhos de Deus por regeneração, mas por um tipo de comunhão na filiação do eterno Filho. Isto parece estar subentendido em Gl 4. 4-6: "Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos. E, porque vós sois filhos, enviou Deus ao nosso coração o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai!" A igreja é a filha de Deus, não apenas porque a gerou por sua palavra e Espírito, mas porque ela é a esposa de seu eterno Filho.

Assim, sendo membros do Filho, somos participantes, de acordo com nossa medida, do amor do Pai ao Filho, e da satisfação nele. Jo 17. 23: "Eu neles, e tu em mim – e os amaste, como também amaste a mim." E Jo 17. 26: "A fim de que o amor com que me amaste esteja neles, e eu neles esteja." E Jo 16. 27: "Porque o próprio Pai vos ama, visto que me tendes amado e tendes crido que eu vim da parte de Deus." Assim, seremos, de acordo com nossas capacidades, participantes da alegria do Filho no Pai, e teremos sua alegria cumprida em nós mesmos (Jo 17. 13). E, por esse meio, viremos a um imensamente maior, mais íntimo e pleno aproveitamento de Deus, que jamais poderia haver. Pois, sem dúvidas, há uma intimidade infinita entre o Pai e o Filho; que é expressa por estar este estar no colo do Pai. E os santos, estando nele, participarão, na sua medida e maneira, com ele nessa benção.

E assim está o assunto da nossa redenção ordenado, que nela somos trazidos a um tipo de união com Deus imensamente exaltado, e ao gozo dele, tanto o Pai quanto o Filho, que jamais haveria de outra forma. Pois, por estar Cristo unido à natureza humana, temos vantagem para um aproveitamento mais livre e pleno dele do que teríamos se tivesse permanecido apenas na sua natureza divina. Assim, novamente, estando unidos a uma pessoa divina, como seus membros, podemos ter uma união e relacionamento mais íntimos com Deus Pai, que subsiste apenas na natureza divina, o que não se daria, se as coisas fossem de outro modo. Cristo, que é uma pessoa divina, ao tomar nossa natureza, desce de infinita distância e altura acima de nós, e é aproximado a nós; de modo que temos a vantagem de mais pleno gozo dele. E, por outro lado, nós, por termos em Cristo uma pessoa divina, como que ascendemos a Deus, através da distância infinita e temos nisso vantagem para o pleno aproveitamento dele também.

Este foi o propósito de Cristo, que ele e seu Pai, e seu povo, pudessem estar unidos como um. Jo 17. 21-23: "A fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste. Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, para que sejam um, como nós o somos; eu neles, e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, como também amaste a mim." Cristo fez isto acontecer, que aqueles que o Pai lhe deu fossem trazidos à Sua casa, para que ele e o Pai, e seu povo, fossem como uma sociedade, uma família; que a igreja pudesse, por

assim dizer, ser admitida na sociedade da bendita Trindade.

FIM

---

[1] Tradução minha. Disponível em http://www.ligonier.org/blog/jonathanedwards-why-read-him/. Acessado em 08/03/2014.

[2] IMAX é um formato de filme criado pela canadense IMAX Corporation que tem a capacidade de mostrar imagens muito maiores em tamanho e resolução do que os sistemas convencionais de exibição de filmes. (Wikipedia)

[3] Disponível em http://www.capitolhillbaptist.org/audio/2003/09/the-godentranced-vision-of-jonathan-edwards/

[4] Veja (em inglês): http://www.ligonier.org/blog/jonathan-edwards-4-great

[5] Pregado em palestra pública, em Boston, no dia 8 de julho de 1731, e publicado pelo desejo de diversos ministros, e de outras pessoas em Boston que o ouviram. Esta foi a primeira obra publicada por J. Edwards.